

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – 1º AO 6º ANO

CURSO: ARQUITETURA E URBANISMO

1º ANO – 1º SEMESTRE

DISCIPLINA: MODELOS URBANOS TERRITORIAIS – 60 H/A

OBJETIVOS

O curso visa instrumentalizar o aluno a identificar, de forma analítica, os elementos estruturadores de uma grande cidade introduzindo categorias de abordagem para a construção do espaço urbano, através do estudo da metrópole de São Paulo.

Para atingir este objetivo, o curso seleciona questões específicas para a caracterização da metrópole como o estudo de seus atributos físicos, socioambientais, históricos, urbanísticos e arquitetônicos influentes no desenvolvimento urbano da cidade.

Visa, assim, instrumentalizar o aluno para a criação na escala urbana, interpretando o meio ambiente urbano através do seu desenho e representação gráfica, apoiada na apresentação de repertório de projetos urbanos.

EMENTA

Instrumentalizar o aluno para a criação na escala urbana.

METODOLOGIA

Como regra geral, os alunos serão primeiramente estimulados a realizar análises e representações do espaço da cidade e a orientação durante o desenvolvimento dos trabalhos é que deverá direcionar a apresentação do programa do curso. A sequência é a seguinte:

- Serão apresentados aos alunos noções sobre os elementos físicos estruturadores do sítio urbano da cidade, através de aulas expositivas e visitas dirigidas, e o relacionamento desses elementos com aqueles identificados na análise do ambiente cotidiano do aluno.
- O aluno fará a análise do espaço em sua dimensão arquitetônica, urbanística e ambiental. Apresentação e discussão dos principais momentos da história da formação de São Paulo e visitas dirigidas às áreas antigas da cidade para a identificação in loco das arquiteturas e do desenho urbano remanescente.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Parte da avaliação será feita durante o desenvolvimento dos exercícios realizados em aula – mensurando o interesse e o desempenho do aluno no decorrer dos trabalhos e sobre os produtos finais alcançados. É prevista também prova escrita sobre a matéria ministrada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMPOS, Candido M.; GAMA, Lúcia; SACCHETTA, Vladimir. São Paulo: metrópole em trânsito. São Paulo: Senac, 2004.

LAMAS, José M.; Ressano Garcia Lamas. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.

MEYER, Regina M. P.; GROSTEIN, Marta Dora e BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BASSANI, Jorge. São Paulo: Cidade e Arquitetura - um guia. São Paulo: Francisco Zorzete, 2014.

BENÉVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 2001.

REIS, Nestor Goulart. São Paulo: vila, cidade, metrópole. São Paulo: FAPESP/CNPQ/PMSP, 2004.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Cosac Naify e Duas Cidades, 2007.

DISCIPLINA: GEOMORFOLOGIA APLICADA – 60 H/A

OBJETIVOS

Desenvolver a percepção e compreensão da intervenção na paisagem em seus conteúdos formais, sociais e ambientais e iniciação à leitura de projeto da paisagem e análise dos espaços livres do ambiente urbano.

Desenvolvimento simultâneo de três etapas básicas de aprendizado para a abordagem das intervenções no espaço:

1. Análise da paisagem em seus aspectos ambientais e conceituais permeando a relação espaço/tempo;
2. Análise dos aspectos culturais no desenho dos sistemas de espaços livres e seu papel na estruturação do espaço, bem como da evolução de seu tratamento ao longo da história;
3. Construção de repertório projetual através da instrumentalização para o desenho da paisagem a partir do estudo dos elementos estruturadores do espaço, da espacialização do programa e representação do projeto.

EMENTA

Instrumentalizar o aluno para a percepção e leitura da paisagem em seus conteúdos ambientais, formais e funcionais e para do projeto dos espaços livres.

METODOLOGIA

Aulas teóricas expositivas, discussão de textos selecionados, pesquisas, seminários, visita a campo, e exercícios práticos de leitura de espaços urbanos, visando a construção conjunta e processual da abordagem de intervenção na paisagem, com ênfase na análise ambiental da paisagem urbana, nas diversas escalas de atuação.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Avaliação processual baseada, principalmente, nos dois trabalhos de leitura da paisagem urbana – espaços públicos (ruas, calçadas, avenidas, praças, parques) - a serem desenvolvidos pelos alunos em grupos. O primeiro trabalho encerra o conteúdo de aulas e discussões do 1º bimestre e o segundo entregue ao final do 2º bimestre.

Os fichamentos de textos selecionados e pesquisas e exercícios realizados individualmente irão compor a avaliação processual ao final do semestre, representando peso relativo de até 30% da média final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GEHL, JAN – Cidade para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HOUGH, MICHAEL – Naturaleza y ciudad: planificación urbana y procesos ecológicos. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

PANZINI, FRANCO. “Projetar a Natureza – Arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea”. São Paulo: SENAC, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ADLER, FREDERICK R. e TANNER, COLBY J. – Ecossistemas Urbanos: princípios ecológicos para o ambiente construído. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

GEHL, JAN – La humanización del espacio urbano. Barcelona: Editorial Reverté, 2013.

ROBBA, FÁBIO e MACEDO, SÍLVIO S – Praças Brasileiras. São Paulo: EDUSP; 2003.

SCHUTZER, JOSÉ GUILHERME – Cidade e Meio Ambiente: a apropriação do relevo no desenho ambiental urbano. São Paulo: Edusp, 2012.

SENNETT, RICHARD – Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

TERRADAS, JAUME. Ecologia Urbana. Barcelona: Rubes Editorial, 2001.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

MACEDO, SÍLVIO S. - Quadro do Paisagismo no Brasil. São Paulo: FAU / USP; 1999. MOTTA, FLÁVIO - Roberto Burle Marx e a nova visão da Paisagem. São Paulo: Nobel, 1983.

JELLICOE, GEOFFREY & SUSAN – The landscape of man – Shaping the environment from Prehistory to the present day. London: Thames and Hudson, 1991.

FELIPPE, GIL e ZAIDAN, LILIAN PENTEADO. “Do Éden ao Éden, jardins botânicos e a aventura das plantas”. São Paulo: SENAC; 2008. (p.11 à p. 21).

SPIRN, ANNE – O Jardim de Granito. São Paulo: Edusp, 1995.

THOMAS KEITH. O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia das Letras, 2010.

CHACEL, FERNANDO – Paisagismo e ecogênese. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.

SEGAWA, HUGO – Ao amor do público: Jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1996.

SITES SUGERIDOS

Geosampa. Mapa digital da cidade de São Paulo.
http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx.

Revista Labverde: www.usp.br/fau/deprojeto/revistalabverde/

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente do Município de São Paulo:
www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente.

Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo: www.ambiente.sp.gov.br

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO I – 30 H/A

OBJETIVOS

Voltada ao aluno ingressante, essa disciplina tem como objetivo colocar em debate algumas das questões relacionadas à arquitetura e sua história. Serão abordados temas e conceitos ligados à linguagem, espaço, tecnologia, projeto, escala, entre outros. Desta maneira, pretende-se estimular reflexões críticas sobre a natureza da arquitetura e organizar um repertório teórico a partir do qual o aluno seja capaz de compreender e ler aspectos inerentes à arquitetura e à cidade. Por fim, pretende-se que o aluno compreenda o lugar da teoria, na formulação de debates e conhecimento, propondo, assim, alternativas para o próprio exercício do projeto.

EMENTA

Introdução à arquitetura: a sua história e seus temas, geometria, espacialidade, representação, projeto e materialidade. Projetos icônicos e seus desdobramentos na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Através de textos chaves e documentos selecionados pelo professor, alguns dos fundamentos da arquitetura e suas histórias serão debatidos em sala de aula. A partir de cada um dos temas propostos e de visitas a certos conjuntos arquitetônicos, os alunos serão estimulados a ler a arquitetura nos seus mais variados aspectos, conformando um repertório crítico para que, assim, possam formular novas questões aos projetos e às cidades contemporâneas.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Para fins de avaliação, será considerado o desempenho do aluno nos dois trabalhos propostos, além de sua frequência e participação em sala de aula. Sua participação será avaliada não só no que se refere ao debate dos textos propostos para cada aula, mas no seu envolvimento em propor questões do cotidiano para que sejam debatidos em sala de aula.

Trabalho 1 (5,0): Realizado em grupos de 4 alunos, este primeiro trabalho tem como objetivo avaliar a capacidade de produção de um impresso (cartaz, panfleto), que apresente criticamente uma obra de arquitetura da cidade do Rio de Janeiro a partir de temas já debatidos em sala de aula. Os edifícios serão indicados pelo professor no início do semestre. A bibliografia refere-se à já trabalhada, em sala de aula, no momento de proposição do trabalho. Formato A3. (Atividade associada à Escola Itinerante).

(30 edifícios)

Trabalho 2 (5,0): Texto crítico. Divididos em duplas, os alunos deverão realizar um ensaio crítico baseados numa proposta indicada pelo professor. Através de documentos-fragmentos, os alunos deverão desenvolver a atividade, baseando-se em, ao menos, dois temas debatidos em sala de aula.

A média para aprovação é 5,0. O aluno que obtiver média entre 3,0 e 4,9 poderá fazer outra avaliação na primeira terça-feira de agosto de 2015. Caso não consiga obter a média (5,0) nesta nova avaliação, o aluno deverá cursar a disciplina novamente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889: Uma história mundial. São Paulo: Cosac NAIFY, 2012.

BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; REAL, Patricio del. Latin America in Construction: architecture 1955-1980. NY: MoMA, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOBRE, Ana Luiza; KAMITA, João Masao; LEONÍDIO, Otavio; CONDURU, Roberto. Um modo de ser moderno: Lúcio Costa e a Crítica Contemporânea. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SUMMERSON, John. A linguagem clássica da arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

XAVIER, Alberto (org.). Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Pedro. Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo, FAUUSP, Doutorado, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo; Companhia das Letras, 1992.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Caminhos da Arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. 'A arquitetura no Renascimento: entre a disciplina e a indisciplina'. In: OLIVEIRA, Beatriz Santos de[et al] (Orgs.). Leituras em teoria da Arquitetura. v. 1. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009, p. 24-45

COSTA, Lúcio. Registro de uma vivencia. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CURTIS, William. Arquitetura moderna desde 1900. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GINZBURG, Carlo. 'Representação – A palavra, a ideia, a coisa'. In: Olhos de madeira – Nove reflexões sobre a distância. Eduardo Brandão (trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARVEY, David. 'A compressão do espaço-tempo e a condição pós-moderna'. In: _____ . Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

KOOLHAAS, Rem. Três textos sobre a cidade. São Paulo: GG Brasil, 2014.

_____. Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan. São Paulo:

Cosac Naify, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 'O espaço'. In: Fenomenologia da Percepção. Segunda Parte, Capítulo II. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NESBIT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (org.) Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Filmografia:

'In comparison'. Harun Farocki (2009)

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA CIDADE E DO URBANISMO I – 30 H/A

OBJETIVOS

A disciplina busca situar o aluno nos temas, objetos e tópicos do debate historiográfico – clássico e atual – acerca da cidade de São Paulo, desde sua formação até desenvolvimentos recentes.

Para tal, serão examinados oito aspectos da cultura material e da experiência urbana paulistana, detalhados a seguir, em atividades e aulas que priorizam a participação dos alunos e a sua apropriação sobre as discussões em sala de aula.

EMENTA

Serão discutidos os temas brevemente descritos abaixo.

1 – Sistemas de transporte: estradas, ferrovias, rodovias; conformação do espaço intraurbano colonial e as ligações da cidade com o resto da colônia. Recorte: do final do século XVIII ao final do século XX.

2 – Técnicas construtivas: o uso dos tijolos e a produção das olarias na cidade. Recorte: virada do século XIX.

3 – Trabalho: o cotidiano do trabalhador e como sua condição singular, em tensão com a do empregador e de outros grupos sociais, faz parte da formação dos espaços, tanto na escala urbana quanto na arquitetônica. Recorte: início do século XX.

4 – Cultura feminina: vestuário, gestos e espaços da mulher paulistana. Recorte: século XIX.

5 – Espaço público: usos, desusos e restrições, vistos em fotos, elementos construtivos e roupas. Recorte: séculos XVIII e XIX.

6 – Margens e várzeas: aterros, favelas e mercado imobiliário, na ocupação e construção da cidade em terras instáveis. Recorte: década de 1950.

7 – Planos e sem planos urbanísticos: deslocamento na ordenação da cidade. Recorte: séculos XIX ao XXI.

8 – Escravidão urbana e vida doméstica: a organização espacial, das residências coloniais às burguesas. Recorte: os cinco séculos de São Paulo.

METODOLOGIA

O curso é composto por aulas expositivas e produção discente, que mobilizam debates historiográficos e exercitam principalmente o trabalho com fontes documentais, materiais e imagéticas. Após a apresentação do curso e uma breve introdução sobre o movimento da Nova História, terão início as aulas expositivas, para as quais os grupos de trabalho trarão fontes e materiais complementares, referentes ao tema central em questão. Além dessa participação em aula, cada grupo construirá uma história de um bairro, personagem, espaço ou episódio de São Paulo, localizado em áreas não centrais da cidade. Esse produto será apresentado em formato livre.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita por meio dos dois trabalhos que deverão ser realizados pelos grupos:

1. Fontes para aula: cada aula expositiva refere-se a um tema ou questão central da historiografia de São Paulo e tem como material fundamental um texto, indicado no conteúdo programático. Em cada aula, um dos grupos ficará responsável por trazer material complementar para a discussão, apresentando-o, justificando sua escolha e propondo com ele um debate articulado à exposição da professora ou ao texto previamente lido. (Peso 3 na nota final.)

2. Uma história de uma cidade: cada grupo construirá a história de um bairro, personagem, espaço ou episódio da cidade, buscando fontes próprias para tal e pautando-se principalmente por essas fontes escolhidas e pelo contato direto com a população (por meio de entrevistas ou outras atividades). Serão avaliados: a escolha desse recorte, a definição das fontes, o andamento do trabalho e a apresentação final. (Peso 7 na nota final.)

Importante: não haverá recuperação ou nivelamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALDEIRA, João Ricardo de Castro; ODALIA, Nilo. História do estado de São Paulo: formação da unidade paulista. 3 volumes. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Ática Editora, 2007.

PORTA, Paula (org.). História da cidade de São Paulo. 3 volumes. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMPOS, Candido Malta. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Senac, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX: Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LAGO, Pedro Corrêa do. Militão Augusto de Azevedo: São Paulo nos anos 1860. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Editora Capivara, 2001.

MACHADO, Antônio Alcântara. Brás, Bixiga e Barra Funda. São Paulo: Moderna Editora, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. Espírito das roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. 3 volumes. São Paulo: Hucitec, 1991.

CASTRO, Ana. A cidade de Menotti del Pichia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista. São Paulo: Alameda, 2008.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. Cotidiano de trabalhadores na República. São Paulo – 1889-1940. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX – Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

DUARTE, B.J. Caçador de Imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GLEZER, Raquel. Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo. São Paulo: Alameda, 2007.

GOMES, Sueli de Castro. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. Imaginário, São Paulo, v. 12, n. 13, dez., 2006, p. 143-169. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ima/v12n13/v12n13a07.pdf>>.

LAGO, Pedro Corrêa do. Militão Augusto de Azevedo: São Paulo nos anos 1860. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Editora Capivara, 2001.

MARINS, Paulo César Garcez. Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, n. 1, jan./dez., 1994, p. 9-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47141994000100002&script=sci_arttext>.

MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEIN, Marta Dora; BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp, 2004.

MORSE, Richard. M. Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole. São Paulo: Difusão Europeia, 1970.

PRADO JR., Caio. A cidade de São Paulo: geografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Amália Cristovão dos. Em obras: os trabalhadores da cidade de São Paulo entre 1775 e 1809. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-05072013-111920/pt-br.php>>.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS SOCIOECONÔMICOS I – 30 H/A

OBJETIVOS

- Compreender os sentidos e tensões do processo de produção de conhecimento e ciência.
- Conhecer e discutir textos e problemas clássicos de interpretação da nação brasileira a partir de uma perspectiva histórica crítica.
- Exercitar com alunos e alunas ingressantes técnicas e ferramentas próprias da experiência universitária de estudo e pesquisa.

EMENTA

Esta disciplina é voltada a alunos e alunas de primeiro ano. Duas linhas de força estruturam o programa de atividades: o debate sobre a produção de ciência e seu engendramento por perspectivas parciais atravessadas relações de poder; e a discussão acerca de leituras clássicas sobre o Brasil. Trata-se de construir, na primeira unidade, um lugar de fala e de observação – bem como conhecer ferramentas e procedimentos próprios da experiência universitária de estudo e pesquisa – para, na segunda unidade, lançar mão desse repertório em um enfrentamento crítico de debates fundacionais acerca de nossa identidade nacional, seus dilemas e alguns desdobramentos contemporâneos.

METODOLOGIA

Aulas dialogadas a partir da leitura antecipada dos textos indicados no programa, realização de fichamento de texto, escrita de ensaio, realização de prova individual e sem consulta.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Ensaio individual referente à Unidade I: 5,0;

Prova Individual sem consulta referente à Unidade II: 4,0;

Fichamento de texto do programa a ser entregue no dia em que ele for debatido: 1,0.

A aluna ou aluno que faltar à prova com justificativa poderá fazer uma prova substitutiva com data a ser agendada. A média para aprovação na disciplina é 5,0. Não há possibilidade posterior de nivelamento, a recuperação, quando necessária, será feita ao longo dos trabalhos no semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. São Paulo: José Olympio, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 [1964].

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; COSTA, Angela Marques da. 1890-1914: no tempo das certezas. Coleção Virando Séculos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STEPAN, Nancy. "A Hora da Eugenia": raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: OBSERVAÇÃO E EXPRESSÃO I – 60 H/A

OBJETIVOS

Praticar o desenho do objeto e espaço por meio de exercício de representação.

Estudar e questionar formas de apresentação do projeto nas suas diferentes escalas e padrões.

Relacionar as etapas do processo de projeto com a expressão gráfica adequada.

Capacitar o aluno a representar o objeto e espaço através do desenho técnico; projeções ortogonais e perspectivas.

EMENTA

Estudo e exercício da representação do objeto e espaço.

METODOLOGIA

O curso é composto por aulas teórico-expositivas de conceituação ilustradas por meio de exposição de desenhos e projeções. Os exercícios propostos são individuais e correspondentes ao conteúdo da aula precedente.

A execução dos exercícios em aula é assistida pelo grupo de professores, o que permite que cada aluno concentre-se nas suas dificuldades de representação, embora desenvolva o mesmo exercício que os colegas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHING, Francis D.K. Representação gráfica em arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2000.

MACHADO, Adervan. Geometria descritiva. São Paulo: MacGraw-Hill, 1997. PANOFSKY, Erwin. A perspectiva como forma simbólica. Lisboa: Edições 70, 1993.

TANASHIRO, Heverson Akira. Entendimento Técnico Construtivo e Desenhos Arquitetônicos: Uma Possibilidade de Inovação Didática. São Carlos: Tese de Doutorado, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAGA, Theodoro. Desenho linear geométrico. São Paulo: Ícone, 1997.

CHIESA, Cino. Perspectiva: elementos racionais para uso público. São Paulo: Hemus, [19-].

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAPANÉK, Victor. Diseñar para el mundo real: ecología humana y cambio social. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1977.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) .

NBR 10067. Princípios gerais de representação em desenho técnico. Rio de Janeiro, 1995.

NBR 13531. Elaboração de projetos e edificações: atividades técnicas. Rio de Janeiro, 1995.

NBR 13532. Elaboração de projetos e edificações: arquitetura. Rio de Janeiro, 1995.

NBR 6492. Representação de projetos de arquitetura. Rio de Janeiro, 1995.

SCOTT, Robert Juliam. Fundamento del diseño. Buenos Aires: Victor Leru, 1977.

DISCIPLINA: ESTUDOS SOCIAIS E AMBIENTAIS – 30 H/A

OBJETIVOS

O seminário tem como finalidade discutir questões que dizem respeito à realidade contemporânea, de modo multidisciplinar. Este curso visa contribuir para formar (despertar)

intelectualmente os alunos para questões mais amplas da sociedade em que eles devem atuar.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

METODOLOGIA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

DISCIPLINA: RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS – 60 H/A

OBJETIVOS

- identificar as propriedades dos materiais e sua ordem estrutural
- identificar a relação entre as propriedades dos materiais e as formas estruturais e arquitetônicas.
- identificar a relação entre a concepção estrutural com a concepção arquitetônica.
- analisar as condições físicas que atuam na estabilidade externa e interna das formas estruturais.
- identificar o papel do cálculo na concepção estrutural.

EMENTA

Propriedades dos materiais: concepções formal e estrutural do projeto arquitetônico.

METODOLOGIA

- aulas expositivas.
- estudo de casos.
- confecção e análise de modelos.

É necessário que o aluno tenha um Caderno exclusivo de estudo e anotações de Sistemas Estruturais e Tecnologia das Construções que o acompanhará durante todos os cinco anos de curso. Será seu manual de cálculo, obra e estudo estrutural e tipológico.

Neste caderno, o estudante desenhará, colará imagens e fotos, anotará as aulas e registrará a construção dos modelos.

Além do Caderno, serão utilizados nesta disciplina, máquina fotográfica, palitos de dente, cola de contato, tesoura, estilete, fita crepe, régua, compasso, correntinhas de bijuteria, alicate de bijuteria, papel canson, cola branca. Haverá exercícios que necessitarão um pequeno acréscimo a esta lista.

Essencial adquirir uma prancha de corte A3, para proteger a prancheta de cortes e riscos.

Comprem uma calculadora que tenha, além das quatro operações, raiz quadrada e as funções trigonométricas básicas: seno, cosseno, tangente. Não serão úteis as calculadoras de celulares. Os logaritmos serão utilizados na disciplina de Acústica.

Estes materiais deverão estar sempre no seu armário, juntamente com os demais materiais de desenho.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- exercícios em classe (avaliação contínua)
- análise dos modelos produzidos
- relatórios de viagem
- provas
- análise do Caderno.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

REBELLO, Yopanan C. P. “A Concepção Estrutural e a Arquitetura”. Zigate Editora. São Paulo 2000.

MARGARIDO, Aluizio Fontana. “Fundamentos de Estruturas. Um Programa para Arquitetos e Engenheiros que se Iniciam no Estudo das Estruturas”. Zigurate Editora. São Paulo 2001.

MOLITERNO, Antonio. “Caderno de projetos de telhados em estruturas de madeira”. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo 1981.

BORGES, Alberto de Campos “Prática das Pequenas Construções”. Editora Edgard Blünher Ltda. São Paulo- 1978.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOTELHO, Manoel Henrique Campos. “Resistência dos materiais para entender e gostar: um texto curricular”. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 301 p.: il.; 21 cm.

CALATRAVA, Santiago. "Architectural Monographs". N 46. Academy Editions, Londres, 1996.

CHING, Francis D.K. "Arquitetura, Forma Espaço e Ordem". Martins Fontes. São Paulo, 1998.

DIAS, Luiz A de Mattos. "Estruturas de Aço". Zigurate, São Paulo, 1997.

_____ "Edificações de Aço no Brasil". Zigurate. São Paulo, 1993.

ENGEL, Heinrich. "Sistemas de Estruturas". Editorial Blume. Madrid, 1970.

FRAMPTON, Kenneth e BLASER, Pierluigi. "Santiago Calatrava". Gustavo Gili, Barcelona, 1989.

GRAEF, Edgar. "Arte e Técnica na Formação do Arquiteto". Studio Nobel. São Paulo, 1995.

HERTZBERGER, Herman. "Lições de Arquitetura". Livraria Martins Fontes Edit0ra. São Paulo. 1999.

LEITE, Maria Amélia D.F. Däzevedo. "O Ensino de Tecnologia em Arquitetura e Urbanismo". Dissertação de Mestrado. FAU USP. São Paulo, 1998.

LOTUFO, Vitor Amaral e LOPES, João Marcos. "Geodésica & Cia". Projeto. São Paulo, s/d.

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. "Uma Proposta de Ensino da Concepção Estrutural". Dois volumes. Tese de Doutorado. Orientadora: Edith Gonçalves de Oliveira. FAU-USP. 1999.

REBELLO, Yopanan C.P. "Contribuição ao Ensino das Estruturas nas Escolas de Arquitetura "Dissertação de Mestrado"". FAU USP. São Paulo, 1992.

SALIGER, Rudolf. "El hormigón armado: su cálculo y formas constructivas." Barcelona: Labor, 1940. 740 p.: il. 562 figuras, 146 tabelas; 23,5 cm. Versão direta da 6a. Edição alemã com anotações por R. Dublang; Apêndices.

SALIGER, Rudolf. "Estática aplicada: cálculo de estructuras aplicado a las construcciones elevadas y al hormigón armado". Madrid; Barcelona; Buenos Aires: Labor, 1932. 795 p.: il. Figuras, tab. ; 23 cm.

SALIGER, Rudolf. "El hormigón armado: materiales, cálculo y formas constructivas" 2.ed. Barcelona:

SILVA, Suely F. "Zanine, Sentir e Fazer". Agir. Rio de Janeiro, 1995.

VASCONCELOS, Augusto Carlos de. "Pontes Brasileiras". PINI, Sã Paulo, 1991.

A + U Architecture and Urbanism. "Alvar Alto". Bunkyo-Ku, 1983.

Instituto Lina Bo e P.M.Bardi. "Lina Bo Bardi". São Paulo. 1993.

_____ "Vilanova Artigas". Série Arquitetos Brasileiros. São Paulo, 1998.

Shelter Publications. "Cobijo"H. Blume, Madrid, 1993.

LEONARDT – E. Mönnig "Construções de concreto vol 1 a 6." Editora Interciência. Rio de Janeiro1982

HANAI João Bento de, “Construções de argamassa armada”. Editora Pini, São Paulo, 1992.

PFEIL, Walter. “Estruturas de Madeira”. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ. 1994

PFEIL, Walter. “Estruturas de Aço”. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ. 1994

MOLITERNO, Antonio “Caderno de estruturas em alvenaria e concreto simples” Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1970.

RIPPER Ernesto, “Como evitar erros na construção” PINI, São Paulo, 1984.

“Coletânea do uso aço”, Açominas (WWW.acominas.com.br/perfis).

“Bibliografia técnica para o desenvolvimento da construção em aço”. CBCA (WWW.cbca-ibs.org.br)

DISCIPLINA: EQUIPAMENTOS (HIDRÁULICA E ELÉTRICA) – 60 H/A

OBJETIVOS

Retomar conceitos básicos de física e matemática vinculados à disciplina e que serão aplicados no decorrer do curso;

Criar repertório técnico sobre os componentes e equipamentos empregados nos sistemas de instalações prediais;

Capacitar o aluno a pré-dimensionar os sistemas hidráulicos e elétricos presentes em uma residência unifamiliar;

Esclarecer e justificar a importância do planejamento no projeto de instalações e suas decorrências em relação à compatibilização com o projeto de arquitetura e com os demais projetos complementares

EMENTA

Apesar de complementares ao projeto de arquitetura, os projetos de instalações prediais garantem o funcionamento, a segurança e o conforto necessários ao bom desempenho de qualquer edificação.

METODOLOGIA

Aulas expositivas sobre o conteúdo;

Análise de casos relacionados aos temas em questão;

Elaboração do roteiro para o pré-dimensionamento dos sistemas hidráulicos e elétricos, junto com os alunos;

Acompanhamento e orientação das equipes no desenvolvimento dos anteprojetos.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Domínio do repertório técnico de projeto abrangendo suas simbologias e terminologias;

Coerência na solução de projeto para os sistemas hidráulicos e elétricos;

Aferição do pré-dimensionamento dos sistemas e seus componentes.

FORMAS DE AVALIAÇÃO: Individual [prova teórica] e em Equipe [3|4] através do anteprojeto aplicado

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CREDER, Hélio. Instalações elétricas. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

CREDER, Hélio. Instalações hidráulica e sanitárias. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

LIMA FILHO, Domingos Leite. Projetos de instalações elétricas prediais. São Paulo: Erica, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Instalações elétricas de baixa tensão: NBR 5410/2004. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Instalação predial de água fria: NBR 5626/1998. Rio de Janeiro: ABNT, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Sistemas prediais de esgoto sanitário: NBR 8160/1999. Rio de Janeiro: ABNT, 1999.

MANUAL Pirelli de instalações elétricas. São Paulo: PINI, 2000.

MANUAL técnico de instalações hidráulicas e sanitárias. São Paulo: PINI, 1991.

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO I – 100 H/A

OBJETIVOS

Introduzir o aluno ao universo da arquitetura desde o ponto de vista do fazer arquitetônico e das questões a ele relacionadas;

Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais;

Abordar, através da análise de precedentes arquitetônicos, diferentes concepções de arquitetura e de seu fazer;

Estimular o aluno a construir, através da prática do projeto, sua capacidade de síntese e sua expressão individual;

EMENTA

A disciplina propicia o estudo da prática do projeto a partir da relação entre os exercícios realizados, as aulas expositivas e a formação de repertório.

METODOLOGIA

Três projetos em São Paulo

O curso propõe três exercícios de projeto (um no primeiro semestre, e dois no segundo), localizados em situações urbanas distintas da cidade de São Paulo.

Respondendo a programas funcionais elementares, esses projetos tratam essencialmente da relação do corpo com o espaço: Deslocamentos Verticais (escadas e rampas), Mirantes (janelas), Conexões urbanas (portas, passagens), Abrigos, Pontes e Pavilhões.

O lugar de cada projeto exige abordagens em escalas diversas: Da paisagem num contexto geográfico mais amplo (Parque da Serra da Cantareira, Pico do Jaraguá, Represa Billings), à relação com um entorno adensado em áreas centrais da cidade.

O RACIOCÍNIO CONSTRUTIVO

Associação com os cursos de Tecnologia e Desenho

O projeto realizado no primeiro semestre propõe uma integração com o curso de Desenho Técnico. Os conteúdos de Topografia e Projeções Ortogonais podem ser abordados com o uso dos modelos produzidos no curso de Projeto, e a prancha de apresentação do projeto é realizada nas aulas finais do curso de desenho.

Nos dois projetos desenvolvidos durante o segundo semestre, há uma interlocução com o curso de Tecnologia. Como ponto de partida, além do lugar e do programa, propõe-se o estudo de um material construtivo específico (madeira no primeiro bimestre, e concreto no segundo). Amparados por visitas e aulas específicas, os estudantes passam a incorporar, em seu raciocínio espacial, o emprego necessário de um material e uma técnica.

O curso se estrutura sobre duas linhas de ação desenvolvidas simultaneamente ao longo do semestre: analítica e prática.

Análise: “Exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações, etc.” (Aurélio); “Distinção e separação das partes de um todo até chegar a conhecer seus princípios ou elementos”(Real Academia Espanhola);

Prática: “Saber provindo da experiência” (Aurélio);

A atividade de análise se desenvolverá através do estudo aprofundado de precedentes de arquitetura por meio de aulas expositivas e exercícios relacionados, além da leitura e discussão de textos e de visitas e viagens de estudo.

A prática se realizará por meio de uma série de exercícios de projeto.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação final do aluno será composta a partir de um conjunto de avaliações relativas aos diversos exercícios, visitas externas e participação em aula.

Os processos de avaliação compreendem a discussão coletiva dos trabalhos, a autoavaliação, e a avaliação dos trabalhos dos colegas feita pelo estudante.

A presença do aluno durante as aulas será imprescindível para um bom desempenho no curso.

A disciplina considera aprovado o estudante que obtiver uma avaliação semestral igual ou superior a cinco pontos (5,0 > 10,0) em uma escala de zero a dez. Para as reprovações com medias finais maiores do que três (4,9 > 3,0), é oferecida a disciplina de Apoio ao Projeto, que permite que o estudante recupere pelas manhãs a disciplina de projeto na qual ele foi reprovado. O estudante que for reprovado com média semestral menor que três (0,0 > 2,9) deverá cursar a disciplina novamente e aguardar até que ela volte a ser oferecida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras,, 1990.

PALLASMAA, Juhani . Os Olhos da Pele. A arquitetura dos sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona: GG, 2009.

Calvino

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA, Lucio. Lucio Costa - Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa Das Artes, 1998.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE CORBUSIER. Le Corbusier – Complete Works (08 vols). Basel: Birkhauser Verlag, 1996.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

PÁGINA DA DISCIPLINA

<http://cargocollective.com/projetol>

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGENS DE ESTUDO) I – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As

questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros arquitetos, a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina; conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos.

EMENTA

A primeira viagem da Escola Itinerante é realizada para o Rio de Janeiro. Como capital da América portuguesa desde 1763, sede da Monarquia lusitana de 1808 a 1821, Corte Imperial de 1822 a 1889 e Capital Federal, da proclamação da República à inauguração de Brasília em 1960, a cidade guarda experiências do urbanismo e da arquitetura dos períodos colonial, imperial, republicano e moderno, que são apresentadas aos alunos de forma a apontar as suas características e diferenças.

Além do Rio de Janeiro visita-se também Niterói, cidade que nos últimos anos ganhou importância no cenário arquitetônico em função da construção do Museu de Arte Contemporânea e do Caminho Niemeyer, ambos de autoria do arquiteto carioca.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Mauricio. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2008.

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SANTOS, Paulo F. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENCHIMOL Jaime Lary. Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

CAVALCANTI, Nireu. O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

KESSEL, Carlos. A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, 2001.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. O Rio de Janeiro imperial. São Paulo: Topbooks, 2000.

1º ANO – 2º SEMESTRE

DISCIPLINA: FORMAS DE CRESCIMENTO URBANO – 60 H/A

OBJETIVOS

O curso visa instrumentalizar o aluno a identificar, de forma analítica, os elementos estruturadores de uma cidade introduzindo categorias de abordagem para a construção do espaço urbano, através do estudo de projetos urbanos representativos da produção brasileira do espaço das cidades.

Para atingir este objetivo o curso seleciona questões específicas para a caracterização do espaço em seus aspectos arquitetônicos, urbanísticos e ambientais influentes no desenvolvimento urbano de uma cidade.

Visa, assim, preparar o aluno para a criação na escala urbana interpretando o meio ambiente urbano através do seu desenho e representação gráfica, apoiada em ampla apresentação de repertório de projetos urbanos.

EMENTA

Instrumentalizar o aluno para a criação na escala urbana.

METODOLOGIA

Estimular os alunos a realizar análises e representações do espaço da cidade através de pesquisa e estudo de projetos urbanos representativos da realidade brasileira e da apresentação e discussão de conceitos e conteúdos básicos de intervenção na escala urbana.

Estão programadas aulas expositivas, visita externa e trabalhos práticos em grupos, para a discussão dos conceitos e atividades, com orientação durante o desenvolvimento dos trabalhos.

O aluno terá contato com as experiências desenvolvidas pelos arquitetos e urbanistas brasileiros e fará a análise do espaço em sua dimensão arquitetônica, urbanística e ambiental, incluindo o desenvolvimento de trabalho prático de projeto de volumetria para a escala urbana.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Parte da avaliação será feita durante o desenvolvimento dos exercícios realizados em aula, mensurando o interesse e o desempenho do aluno no decorrer dos trabalhos e sobre os produtos finais alcançados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENÉVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades: uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAMAS, José M. Ressano Garcia Lamas. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo: vila, cidade, metrópole. São Paulo: FAFESP, CNPQ, PMSP, 2004.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

www.seade.gov.br / www.prodiam.sp.gov.br / www.cepam.sp.gov.br / www.emplasa.sp.gov.br

DISCIPLINA: SOCIOLOGIA, ECONOMIA E CIDADE – 60 H/A

OBJETIVOS

Desenvolver a percepção e compreensão da intervenção na paisagem em seus conteúdos formais, sociais e ambientais e iniciação ao projeto da paisagem e análise dos modos de se projetar os espaços livres do ambiente urbano.

Desenvolvimento simultâneo de três etapas básicas de aprendizado para a abordagem das intervenções no espaço:

Análise da paisagem em seus aspectos conceituais, culturais e ambientais;

Análise dos aspectos culturais no desenho dos sistemas de espaços livres e seu papel na estruturação do espaço, bem como da evolução de seu tratamento ao longo da história;

Construção de repertório projetual através da instrumentalização para o desenho da paisagem a partir do estudo dos elementos estruturadores do espaço que compõe a paisagem construída e natural;

Representação de elementos que compõem o projeto paisagístico;

Projeto – Paisagem e Meio Ambiente.

EMENTA

Instrumentalizar o aluno para a percepção e leitura da paisagem em seus conteúdos ambientais, formais e funcionais, desenvolvendo sua capacidade crítica e amadurecimento para prática do projeto dos espaços livres.

METODOLOGIA

Aulas teóricas expositivas para instrumentação dos trabalhos de cada bimestre.

Aulas práticas de projeto visando a construção conjunta e processual da abordagem e da intervenção na paisagem, com ênfase na análise ambiental da paisagem urbana, nas diversas escalas de atuação.

Apresentação de projetos referenciais.

Leitura e discussão de textos selecionados.

Curso dividido em dois bimestres: 1º Ago-Set e 2º Out-Nov, com proposta de elaboração de um trabalho de projeto (em grupo) e um estudo prático de construção de repertório (individual ou dupla) para cada bimestre.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação dividida em dois bimestres, incluindo o trabalho em grupo (peso 7), o estudo individual (peso 1,5) e o fichamento de texto (peso 1,5) de cada bimestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LEENHARDT, JACQUES (Org) – Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

LORENZI, HARRI. - Árvores Brasileiras. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Volume I. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 1992.

MASCARÓ, L. & MASCARÓ, J. - Vegetação Urbana. Porto Alegre: L. Mascaró, J. Mascaró, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JACOBS, JANE – Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOUGH, MICHAEL – Naturaleza y ciudad: planificación urbana y procesos ecológicos. Barcelona: Gustavo Gilli, 1998.

LORENZI, H. & SOUZA, H. M.. - Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 1995

LORENZI, H. & SOUZA, H. M. - Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 1996

LORENZI, HARRI. - Árvores Exóticas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 2004.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

Revista Labverde: www.usp.br/fau/deprojeto/revistalabverde/

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente:

www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente

Instituto Brasileiro de Florestas: <http://www.ibflorestas.org.br/lista-de-especies-nativas.html?start=3>

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente do Município de São Paulo:

www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente.

Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo: www.ambiente.sp.gov.br

MOTTA, FLÁVIO – Roberto Burle Marx e a nova visão da Paisagem. São Paulo. Nobel, 1983 (trocar pelo do J. Leenhard)

PMSB – Secretaria do Verde e do Meio Ambiente – Manual Técnico de Arborização Urbana. São Paulo: SVMA, 2005.

PANZINI, Franco. – Projetar a Natureza, arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. Trad. Letícia Andrade. São Paulo; Editora SENAC, 2013.

ROBBA, FÁBIO e MACEDO, SÍLVIO S – Praças Brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2003.

SCHUTZER, JOSÉ GUILHERME – Cidade e Meio Ambiente: a apropriação do relevo no desenho ambiental urbano. São Paulo: Edusp, 2012.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA A ARQUITETURA E DO PAISAGISMO II – 30 H/A

OBJETIVOS

Voltada ao estudante de primeiro ano, essa disciplina tem como objetivo aprofundar os debates sobre os fundamentos da história, teoria e crítica da arquitetura e da cidade. Para tanto, a especificidade da cidade na história será observada a partir de sua historicidade. Desta maneira, pretende-se avançar sobre uma cultura crítica e instrumental por parte dos alunos, no que se refere à cidade e à arquitetura.

EMENTA

Emergência do indivíduo. Cidade e divisão social do trabalho. Comunidade, Estado e família do Renascimento ao Iluminismo. Representação de poder, cidade e arquitetura no período barroco.

Acumulação primitiva e consolidação do capitalismo. Expansão comercial e colonização europeia do mundo. Colonização da América: Diferenças e semelhanças. Cidades e arquitetura no Brasil Colonial. Emergência dos problemas urbanos.

METODOLOGIA

Os temas serão debatidos em sala de aula através de uma reflexão crítica relativa aos textos propostos para leitura e da análise de imagens e outros suportes documentais a serem apresentados pelo professor. Ainda, na abertura de cada aula, será solicitado aos alunos que levem e comentem notícias, textos, imagens ou outros suportes de destaque naquela semana, especialmente vinculados com o debate da cidade e da arquitetura.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Trabalho 1 em grupo (5,0); Trabalho 1 em grupo (5,0).

Para fins de avaliação, será considerado o desempenho do aluno nos dois trabalhos propostos, além de sua frequência e participação em sala de aula. Sua participação será avaliada não só no que se refere ao debate dos textos propostos para cada aula, mas no seu envolvimento em propor questões do cotidiano para que sejam debatidos em sala de aula.

O primeiro trabalho tem como objetivo aproximar o aluno das temáticas da arquitetura colonial brasileira. Este trabalho deverá ser realizado como uma breve reflexão crítica, apoiada com imagens e registros tomados durante a Escola Itinerante.

O segundo trabalho será realizado a partir de um capítulo ou trecho retirado de um dos textos debatidos em sala de aula, um artigo crítico publicado ao longo do semestre em veículos de informação e um documento. A partir destes documentos, fragmentos, apresentados pelo professor, o grupo (dois alunos) deverá elaborar um texto, onde desenvolva uma argumentação crítica a respeito da história da cidade e arquitetura. Pretende-se não só avaliar o conteúdo apreendido pelo aluno, mas sua capacidade argumentativa.

A média para aprovação é 5,0. O aluno que obtiver média entre 3,0 e 4,9 poderá fazer uma avaliação na última semana de aula. Caso não consiga obter a média (5,0) nesta nova avaliação, o aluno deverá cursar a disciplina novamente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENEVOLO, Leonardo. 'Colonização Europeia do Mundo'. In: _____. História da cidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BURY, John. 'Arquitetura Jesuítica no Brasil'. In: _____. Arquitetura e Arte no Brasil Colonial. Brasília – DF: IPHAN; Monumenta, 2006.

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. História da vida privada. Vol.3: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, Renata Malcher. 'A urbanização da Amazônia e do Mato Grosso no século XVIII: povoações civis, decorosas e úteis para o bem comum da coroa e dos povos. In: Anais do Museu Paulista. Vol.20, nº1. São Paulo, jan/jun, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. 'O Barroco na França, na Inglaterra e nos países Baixos'. In: _____. Imagem e persuasão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. História da vida privada. Vol.3: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRESCIANI, Maria Stella. (org.). Palavras da cidade. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001.

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. 'O semeador e o ladrilhador'. In: _____. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. 'O semeador e o ladrilhador'. In: _____. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

COSTA, Lúcio. 'Documentação Necessária'. In: Revista do IPHAN. Vol. 1. Rio de Janeiro: 1937. pp.31-39.

DE LAUWE, Paul-Henry Chombart. 'A organização social no meio urbano'. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.), O Fenómeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, 1979.

DELSON, Roberta Marx. Novas Vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII. Brasília: Ed. Alva-Ciord, 1997 (cap. 6).

TAVARES, Domingos. António Francisco Lisboa: classicismo no novo mundo. Porto: Dafne Editora, 2006. pp. 79-108.

WEBER, Max. A Política como Vocação. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. (Conferência de 1918).

ALVIN, Sandra. Arquitetura religiosa Colonial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc. Iphan/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997-1999, 2 v.

AMARAL, Aracy. A Hispanidade em São Paulo. São Paulo: Nobel; Edusp, 1991.

ÁVILA, Afonso. Iniciação ao barroco mineiro. São Paulo: Nobel, 1984.

BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, s.d. (1956).

BRESCIANI, Maria Stella. (org.). Palavras da cidade. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2001.

COSTA, Lucio. 'Arquitetura Jesuítica no Brasil: In: Revista do IPHAN. Vol. 5. Rio de Janeiro: 1941. pp. 9-104.

_____. 'Os sete povos das missões'. In: _____. Registro de uma vivencia. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. Pp.488-493.

JORDAN, R. Furneaux. História da arte no Ocidente. Lisboa: Ed. Verbo, 1985.

MARX, Murillo. Cidade brasileira. São Paulo: Edusp/Melhoramentos, 1980.

MENEGUELLO, Cristina. Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana. São Paulo: Annablume, 2008.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. (capítulo 3 e 4).

REIS FILHO, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; FAPESP, 2000.

_____. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720. São Paulo: Pini, 2000 (Segunda parte – Capítulo II).

SCHÜRMAN, Betina. 'Urbanização colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos.'. In: Textos de História, vol.7, nº1/2, 1999.

SMITH, Robert C. 'Arquitetura civil no período colonial'. In: Revista do IPHAN. Vol. 17. Rio de Janeiro: 1969. pp. 27-126.

SMITH, Robert C. 'Arquitetura Barroca'. In: SMITH, Robert C. Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo. Vol. 1. Brasília: IPHAN, 2012.

SANTOS, Paulo. Subsídios para o estudo da arquitetura religiosa em Ouro Preto. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951.

_____. Formação das cidades no Brasil colonial. 2001.

VASCONCELLOS, Silvio de. Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos. Belo Horizonte: UFMG, 1979.

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE I – 30 H/A

OBJETIVOS

Compreender como a cultura iluminista do século XVIII, ao propor a formulação de uma filosofia da arte (estética), coloca em cheque a noção de arte como mimese, abrindo caminho ao conceito de autonomia do pensamento artístico. Abordar os diferentes movimentos

artísticos que se sobrepõe durante o século XIX. Desfazer o privilégio dado às abstrações e categorizações genéricas das vanguardas e movimentos de arte. Colocar os alunos em contato com as principais correntes de pensamento sobre arte desde o Neoclassicismo ao realismo; desenvolver no aluno a capacidade de compreensão, expressão e interpretação de textos fundamentais sobre o tema bem como a análise visual de obras de arte.

EMENTA

Discussão do pensamento plástico na arte ocidental entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Introdução às principais reflexões acerca da história da arte moderna. O sistema artístico e suas transformações. Arte e técnica. A profissão do artista. Funções sociais da arte e sua autonomização.

METODOLOGIA

Aulas expositivas com projeção de imagens e debates embasados em discussões de textos de história e de teoria da arte. Compreende-se neste exercício a capacidade de estabelecer uma relação entre as ideias dos autores e a interpretação pessoal de cada tema, sustentando-a através da argumentação.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os estudantes serão avaliados com base em nos seguintes critérios:

- P&R – visita MASP - (4,0)

- análise de obra – individual (1) 4,0

- prova dissertativa individual (1) 5,0. Ao final do semestre, será aplicada uma prova individual, em que o estudante deverá dissertar sobre temas da disciplina, abordados seja nas aulas expositivas, seja nos textos de apoio.

O aluno que faltar em uma das avaliações (com justificativa) poderá fazer uma prova substitutiva em data a ser determinada. A média para aprovação é 5,0. O aluno que obtiver média entre 3,0 e 4,9 poderá fazer outra avaliação como recuperação, e nesta avaliação a média é 5,0. Caso não consiga obter a média nesta última avaliação o aluno deverá cursar a disciplina novamente. Ficam suspensos os nivelamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHIPP, H.B. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CLARK, T.J.. A pintura da vida moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAUDELAIRE, Charles. Obras estéticas. Filosofia da imaginação criadora. Petrópolis: Vozes, 1993.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FABRIS, A. (org) Fotografia: usos e funções no séc. XIX. São Paulo. EDUSP. 1991.

FRIED, Michael. Manet's Modernism or, The Face of Painting in the 1860s. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1996.

FRIEDLANDER, Walter. De David a Delacroix. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

FRY, Roger. Visão e forma. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.

GOMBRICH, Ernst. História da Arte. LTC: Rio de Janeiro, 1999.

OEHLER, Dolf. Quadros Parisienses/ Estética Antiburgesa 1830-1848. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHAPIRO, Meyer. A Arte Moderna Séc. XIX e XX . São Paulo: EDUSP, 1996.

SHIFF, Richard. Cézanne and the End of Impressionism/ A Study of the Theory, Technique, and Critical Evaluation of Modern Art. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

STAROBINSKI, Jean. 1789: Os Emblemas da Razão. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. A Invenção da Liberdade. São Paulo: UNESP, 1994.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS SOCIOECONÔMICOS II – 30 H/A

OBJETIVOS

Discutir o surgimento da modernidade a partir de uma perspectiva histórica crítica, entendendo o fenômeno como uma relação complexa entre Metrôpole(s) e Colônia(s).

Conhecer e compreender novas pressões que emergem na paisagem contemporânea, especialmente no contexto urbano brasileiro.

Exercitar com alunos e alunas técnicas e ferramentas próprias da experiência universitária de estudo e pesquisa.

EMENTA

A modernidade se afirma como grande narrativa mundial para caracterizar os últimos séculos.

Para compreendê-la, é preciso não somente observar sua instalação nos centros urbanos europeus, mas os trânsitos, fronteiras e violências que a tornaram possível na relação com

países que hoje compõem o chamado Sul Global. Nesse contexto, a afirmação da “civilização” não se dá sem seu oposto constitutivo, “selvageria”. No enfrentamento desse conjunto de questões, seguiremos no trabalho com ferramentas próprias da experiência universitária, com especial atenção para a produção de pesquisa.

METODOLOGIA

Aulas dialogadas a partir da leitura antecipada dos textos indicados no programa, realização de fichamento de texto, prova individual, reuniões de orientações para trabalho final, autoavaliação.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Prova Individual sem consulta referente à Unidade I: 5,0

Fichamento de texto do programa: 1,0

Autoavaliação: 4,0

O aluno ou aluna que faltar à prova (com justificativa) poderá fazer uma prova substitutiva com data a ser agendada.

A média para aprovação na disciplina é 5,0. Não há possibilidade posterior de nivelamento. A recuperação, quando necessária, será feita ao longo dos trabalhos no semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). Diferenças, Igualdade. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

SANSONE, Lívio e PINHO, Osmundo Araújo (orgs.). Raça: novas perspectivas antropológicas.

Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/EDUFBA, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999. GILROY, Paul. O atlântico negro. São Paulo: 34, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/Editora 34, 1999.

McCLINTOCK, Anne. Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: OBSERVAÇÃO E EXPRESSÃO II – 60 H/A

OBJETIVOS

Construir, com a prática do desenho, um processo contínuo de descoberta, pesquisa e expressão criativa.

Propor uma reflexão sobre o aluno e sua formação: autonomia, responsabilidade, criatividade, curiosidade, realização e disciplina.

EMENTA

Desenvolver e ampliar a percepção do aluno, suas relações com os espaços em que vive seu corpo e a cidade. A disciplina propõe a prática do desenho de observação como linguagem fundamental de formação do olhar e integração dos conteúdos das diversas disciplinas do primeiro ano.

METODOLOGIA

Realização de visitas em espaços públicos da cidade para a prática de desenhos de observação.

Utilização de cadernetas de anotações e registros individuais integrando o desenho e o conteúdo de outras disciplinas do curso com o cotidiano do aluno.

Utilização do caderno -formato A3- nas visitas urbanas e em aula como um recurso de apropriação da linguagem pessoal de cada aluno.

Realização de um mapeamento do percurso desenvolvido por cada estudante a fim de trabalhar as questões de representação em suas diferentes escalas urbanas.

Ampliação do repertório cultural do aluno através de visitas à exposições, mostras, cinemas, palestras como também o envolvimento com ações sociais e comunitárias cujo o objetivo é a melhoria e a transformação do espaço urbano.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação final do aluno será composta a partir de um conjunto de avaliações intermediárias relativas aos diversos exercícios, seminários, ao caderno de anotações e à participação em aula.

Essas avaliações intermediárias se darão em cada aula-campo.

A presença do aluno durante as aulas será imprescindível.

Teremos duas avaliações individuais e uma coletiva, além de uma auto avaliação final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão Criadora. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980

DERDYK, Edith. Deseqno, Desenho e Designio editora Senac

CARERI, Francesco. Walkscapes. O caminhar como prática estética.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Ediouro Publicações S/A, 1999.

EDWARDS, Betty. Desenhando com o artista interior Editora Claridade, 2002

CULLEN, Gordon. El Paisage Urbano. Barcelona: Blume, 1974

MUNARI, Bruno. Design e Comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1968

ALMEIDA, Cesar e BASSETTO, Roger. Sketchbooks As páginas desconhecidas do processo criativo. Editora Pop, 2011

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

<http://store.axismaps.co.uk/product/typographic-map-boston>

<http://places.designobserver.com/feature/cartographic-grounds-exhibition/37632/>

<http://www.thedieline.com/blog/2010/12/2/crumpled-city.html>

<http://grainedit.com/2010/01/11/map-of-lucerne-switzerland/#more-3330>

<http://jennisparks.com/>

<http://makingmaps.net/page/3/>

<http://designspiration.net/image/437703529983/>

<http://www.thisiscolossal.com/2013/07/modern-abstract-city-maps/>

<http://new.pentagram.com/2009/10/unodc-maps/>

<http://designspiration.net/image/1099644091269/>

<http://www.flickr.com/photos/walkingsf/4981444199/in/photostream/>

<http://www.visualcomplexity.com/vc/>

<http://www.neitherfishnorfowl.com/product/how-to-find-old-new-york>

http://www.englishgallery.com/EXHIB_Map_iii_2003.htm

<http://zeroperzero.com/product/tm.html>

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO I – 60 H/A

OBJETIVOS

Identificar as propriedades dos materiais.

Identificar a relação entre as propriedades dos materiais e as técnicas construtivas por eles propiciadas.

Identificar as relações entre as formas estruturais- arquitetônicas e o sistema construtivo.

EMENTA

Concepção formal, estrutural, material e construtiva do projeto arquitetônico.

METODOLOGIA

Aulas expositivas.

Estudo de casos.

Visitas a obras.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- relatório das visitas

- provas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

REBELLO, Yopanan C. P. “A Concepção Estrutural e a Arquitetura”. Ziguarte Editora. São Paulo 2000.

REBELLO, Yopanan C. P. “Estrutura de Aço, Concreto e Madeira. Atendimento da Expectativa Dimensional”. Ziguarte Editora. São Paulo 2005.

CHING, Francis D.K. ONOUE, Barry S. e ZUBERBUHLER, Douglas “Sistemas Estruturais Ilustrados”. Bookman. Porto Alegre, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, Alberto de Campos “Prática das Pequenas Construções” Editora Edgard Blünher Ltda. São Paulo – 1978.

BOTELHO, Manoel Henrique Campos. “Resistência dos materiais para entender e gostar: um texto curricular”. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 301 p. : il. ; 21 cm.

CHING, Francis D.K. “Arquitetura, Forma Espaço e Ordem”. Martins Fontes. São Paulo, 1998.

DIAS, Luiz A de Mattos. “Estruturas de Aço”. Ziguarte, São Paulo, 1997.

_____ “Edificações de Aço no Brasil”. Ziguarte. São Paulo, 1993.

ENGEL, Heinrich. “Sistemas de Estruturas”. Editorial Blume. Madrid, 1970.

GRAEF, Edgar. “Arte e Técnica na Formação do Arquiteto”. Studio Nobel. São Paulo, 1995.

HERTZBERGER, Herman. “Lições de Arquitetura”. Livraria Martins Fontes Edit0ra. São Paulo. 1999..

LOTUFO, Vitor Amaral e LOPES, João Marcos. “Geodésica & Cia”. Projeto. São Paulo, s/d.

MOLITERNO, Antonio. “Caderno de projetos de telhados em estruturas de madeira”. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo 1981

SILVA, Suely F. “Zanine, Sentir e Fazer”. Agir. Rio de Janeiro, 1995.

VASCONCELOS, Augusto Carlos de. “Pontes Brasileiras”. PINI, Sã Paulo, 1991.

A + U Architecture and Urbanism. “Alvar Alto”. Bunkyo-Ku, 1983.

Instituto Lina Bo e P.M.Bardi. “Lina Bo Bardi”. São Paulo. 1993.

_____ “Vilanova Artigas”. Série Arquitetos Brasileiros. São Paulo, 1998.

Shelter Publications. “Cobijo”H. Blume, Madrid, 1993.

MARGARIDO, Aluizio Fontana. “Fundamentos de Estruturas. Um Programa para Arquitetos e Engenheiros que se Iniciam no Estudo das Estruturas”. Zigurates Editora. São Paulo 2001.

MOLITERNO, Antonio “Caderno de estruturas em alvenaria e concreto simples” Editora Edgard Blücher Ltda São Paulo, 1970

NATTERERE, Julius; HERZOG, Thomas; VOLZ, Michaël. “Construire en Bois 2”. 2ª Edição aumentada. Presses Polytechniques et Universitaire Romandes. 1998. Lausanne. Suíça.

RIPPER Ernesto, “Como evitar erros na construção” PINI, Sã Paulo, 1984.

“Coletânea do uso aço”, Açominas (WWW.acominas.com.br/perfis)

“Bibliografia técnica para o desenvolvimento da construção em aço”. CBCA (WWW.cbca-ibs.org.br)

DISCIPLINA: CONFORTO AMBIENTAL I – 60H/A

OBJETIVOS

O objetivo da disciplina é que os alunos incorporem nas suas práticas acadêmicas e futuras práticas profissionais de projeto os fundamentos do conforto ambiental nas suas subáreas de iluminação natural e acústica. Estes fundamentos serão repassados e discutidos não só nos seus aspectos técnico-quantitativos, mas também qualitativos (por meio de critérios de projeto).

Construir um repertório amplo e crítico na área para aplicação direta em atelier, objetivo último de qualquer disciplina de tecnologia.

EMENTA

Para se atingir os objetivos acima, serão abordadas questões relativas:

À iluminação natural: conceito de conforto luminoso e suas variáveis de projeto e contexto; tipos de céu/disponibilidade de luz natural, retrospectiva do uso da luz na história da arquitetura, características e tipologia das aberturas, percepção e conforto visual, dimensionamento das aberturas, iluminação lateral e zenital; normas técnicas.

METODOLOGIA

Os conhecimentos da disciplina de Conforto Ambiental não são um fim em si mesmos, mas um meio para atingirmos nossa meta que é o projeto, seja ele do objeto, do edifício ou do urbano em suas diferentes escalas. Neste sentido, a metodologia básica a ser adotada no curso será usar sempre o projeto como objeto de estudo, aplicando-lhe conceitos ou conseguindo fazer, a partir dele, uma análise dos problemas relativos à disciplina. Neste sentido os vários exercícios propostos no curso (quatro ao todo) terão sempre como base situações de projeto. Pretende-se que algumas das atividades de avaliação do curso estejam integradas o máximo possível com a disciplina de projeto (Arquitetura I) das sextas-feiras, objetivando uma integração mais horizontal que vertical. Outra proposta metodológica é construir e analisar conceitos a partir da vivência e conhecimentos dos alunos, numa relação pedagógica recíproca e não unilateral.

Serão utilizados constantemente projeções em PowerPoint e os exercícios propostos serão “de prancheta”, individuais e em grupo. O Laboratório de Conforto torna-se meio importante de apoio às atividades didáticas com seus instrumentos e equipamentos de medição e também com o apoio dos softwares via laboratório de informática.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

As avaliações no curso semestral serão:

1ª avaliação: caderno de exercícios – entrega em sala de aula – (peso 2);

2ª avaliação: participação em sala de aula – (peso 1);

1ª Prova: Geometria da Insolação – (peso 3);

2ª Prova: Cálculo de Desempenho Térmico e Ventilação – (peso 4);

As provas serão com consulta. As avaliações acima poderão ser alteradas sem aviso prévio, incluindo em seus pesos, excluindo-se alguma avaliação mencionada acima ou acrescentando outras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROWN, G.Z. & DEKAY, Mark. Sol, Vento & Luz – Estratégias para Projeto de Arquitetura, Artmed Editora.

FROTA, Anésia Barros & SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de conforto térmico. Ed. Nobel, São Paulo, 1988, 228 p.

SCHMID, Aloísio Leoni. A ideia de conforto – Reflexões sobre o ambiente construído. Pacto Ambiental, Curitiba, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BITTENCOURT, Leonardo. Introdução à Ventilação Natural, Ed. EDUFAL, 2005.

CORBELLA. O. & YANNAS, Simos. Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos, Ed. REVAN, 2003.

CUNHA, Eduardo Grala da. Elementos de arquitetura de climatização natural. Porto Alegre: Masquatro, 2006.

FROTA, Anésia Barros. Geometria da Insolação, Geros Arquitetura, São Paulo, 2004.

RIVERO, Roberto. Arquitetura e clima: acondicionamento térmico natural. Porto Alegre: D.C. Luzzato, 1986.

BIBLIOGRAFIA PARA EVENTUAIS CONSULTAS:

ARAUJO, Virginia M. Dantas de. Parâmetros de conforto térmico para usuários de edificações escolares. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

BANHAM, Reyner. La arquitectura del entorno bien climatizado. Barcelona: Macombo, 1969.

BERMANN, Célio. Energia no Brasil: para quê? para quem? Crises e alternativas para um país sustentável. São Paulo: EDUSP, 2002.

BITTENCOURT, Leonardo. Uso das cartas solares: diretrizes para arquitetos. Maceió: EDUFAL, 2004.

BRANCO, Samuel Murgel. Eossistêmica: uma abordagem Integrada Dos Problemas do Meio Ambiente. São Paulo: Edgar Blucher, 2007.

COSTA, Ennio Cruz. Ventilação. São Paulo: Blucher, 2005.

COSTA, Ennio Cruz da. Física aplicada à construção: conforto térmico. São Paulo: Blucher, 2003.

GIVONI, B. Man. Climate and architecture, building research station, technion, Israel. London: Institute of Technology: Applies Science Publishers, 1976.

GONÇALVES, Helder (et al) Edifícios solares passivos em Portugal. Lisboa: INETI, 1997.

GOLÇALVES, Helder (et al). Ambiente construído: clima urbano: utilização racional de energia nos edifícios da cidade de Lisboa. Lisboa: INETI, 2004.

GOMES, Ruy José. Condicionamentos climáticos da envolvente dos edifícios para habitação. Lisboa: Ministério das Obras Públicas: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1962.

GOUVEA, Luiz Alberto. BioCidade: conceitos e critérios para um desenho ambiental urbano. São Paulo: NOBEL, 2002.

GRIMONI, José Aquiles Baesso; GALVÃO, Luiz Cláudio Ribeiro; UDAETA, Miguel Edgar Morales. Iniciação a conceitos de sistemas energéticos para o desenvolvimento limpo. São Paulo: EDUSP, 2004.

HIGTECH, Housing. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, [19--?]

LAMBERTS, R. (et al). Economia de energia nas edificações. 1998.

LAZENBY, Gina. La Casa Sana. Espanha: Blume, 2001.

LIPPSMEIER, Georg. TROPENBAU: building in the tropics. Callwey Verlag Munchen, 1969.

MASCARÓ, Lucia E. Raffó de. Energia na Edificação. São Paulo: Projeto, 1991.

MAXWELL, Fry; DREW, Jane. Tropical Architecture in the dry and humid zones. New York: Robert E. Kroegeer Publishing Company, 1964.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Norma de higiene ocupacional: avaliação da exposição ocu
MONTENEGRO, Gildo. Ventilação e cobertas: estudo teórico, histórico e descontraído. São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

OLGYAY, Victor. Design with climate: bioclimatic approach to architecture regionalism. Princeton: Princeton University Press, 1963.

PALOMO, Pedro J. Salvador. La planificación verde en las ciudades. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ROMERO, Marcelo de Andrade (et al). Panorama Ambiental. São Paulo: Signus, 2005.

ROMERO, Marcelo de Andrade (et al). Meio ambiente, direito e cidadania. São Paulo: Signus, 2005.

ROMERO, Marta Adriana Bastos. Arquitetura bioclimática do espaço público. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

RUAS, Álvaro C. Avaliação de conforto térmico: contribuição à aplicação práticas de normas internacionais. [S.]: Fundacentro, [19--?].

RUAS, Álvaro C. Conforto térmico nos ambientes de trabalho. [S.]: Fundacentro, [19--?].

SCIGLIANO, Sergio; HOLLO, Vilson. Índice de ventilação Natural: conforto térmico em edifícios comerciais e industriais em regiões de clima quente. São Paulo: Pini, [19--?].

OLGYAY, Victor. Design with climate: bioclimatic approach to architecture regionalism. Princeton: Princeton University Press, 1963.

OLGYAY, Victor. Solar control and shading devices. Princeton: Princeton University Press, 1957.

RAPOPPORT, Amos. Vivienda y cultura. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

TOLEDO, Eustáquio. Ventilação natural das habitações. Maceió: EDUFAL, 1999pacional ao calor – NHO 06. [S.]: Fundacentro, [19--?].

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO II – 100 H/A

OBJETIVOS

Introduzir o aluno ao universo da arquitetura desde o ponto de vista do fazer arquitetônico e das questões a ele relacionadas;

Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos e obras fundamentais;

Abordar, através da análise de precedentes arquitetônicos, diferentes concepções de arquitetura e de seu fazer;

Estimular o aluno a construir, através da prática do projeto, sua capacidade de síntese e sua expressão individual.

EMENTA

A disciplina propicia o estudo da prática do projeto a partir da relação entre os exercícios realizados, as aulas expositivas e a formação de repertório.

METODOLOGIA

O curso se estrutura sobre duas linhas de ação desenvolvidas simultaneamente ao longo do semestre: análise e prática.

Análise: “Exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações, etc.” (Aurélio); “Distinção e separação das partes de um todo até chegar a conhecer seus princípios ou elementos”(Real Academia Espanhola);

Prática: “Saber provindo da experiência” (Aurélio);

A atividade de análise se desenvolverá através do estudo aprofundado de precedentes de arquitetura por meio de aulas expositivas e exercícios relacionados, além da leitura e discussão de textos, visitas a obras e a relação estabelecida com as viagens programáticas de estudo.

A prática será desenvolvida através de exercícios sequenciais e dirigidos de projeto.

As atividades do curso ao longo do semestre serão organizadas em dois módulos com temas e objetivos específicos.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação final do aluno será composta a partir de um conjunto de avaliações (intermediárias e finais) relativas aos diversos exercícios, considerando-se as orientações realizadas em estúdio e a participação nas aulas.

A presença do aluno durante as aulas será imprescindível para um bom desempenho no curso.

A disciplina considera aprovado o aluno que obtiver uma avaliação semestral igual ou superior a cinco pontos (5,0 > 10,0) em uma escala de zero a dez. O aluno que for reprovado com avaliação semestral menor que três (0,0 > 2,9) deverá cursar a disciplina novamente e aguardar até que ela volte a ser oferecida.

Para o aluno que for reprovado com avaliação semestral menor que cinco e igual ou superior a três (3,0 > 4,9) será oferecido o curso matutino de Apoio ao Projeto, para que se obtenha a equivalência do curso no qual ele foi reprovado. Caso contrário ele deverá cursar a disciplina novamente

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PALLASMAA, Juhani . Os Olhos da Pele – a Arquitetura e os Sentidos. São Paulo: Bookman, 2011.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona, GG, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CARTER, Peter. Mies Van Der Rohe at Work. Londres: Phaidon Press Limited, 1999.

COSTA, Lucio. Lucio Costa - Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa Das Artes, 1998.

LE CORBUSIER. Le Corbusier – Complete Works (08 vols). Basel: Birkhauser Verlag, 1996.

VÁRIOS. Le Corbusier e o Brasil. São Paulo: Tessela / Projeto Ed., 1987.

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGENS DE ESTUDO) II – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros arquitetos a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina e conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos entre elas.

EMENTA

A segunda viagem da Escola Itinerante é realizada em Minas Gerais, pelas cidades de Diamantina, Ouro Preto, Belo Horizonte e o Instituto Inhotim de arte contemporânea em Brumadinho. Nessa viagem os alunos vivenciam a arquitetura e as cidades do período colonial, e o contraponto estabelecido pelas intervenções modernas dos anos 40 e 50. A capital Belo Horizonte, cidade planejada no século XIX conforme o urbanismo Beaux-Arts, que tem no bairro da Pampulha um dos mais importantes conjuntos de arquitetura moderna do país. Em Inhotim, retoma-se a relação entre a arquitetura e as artes, questão que permeia de maneiras distintas o itinerário pela arquitetura colonial e moderna.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRUAND, Yves. Arquitetura moderna no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.

COSTA, Lucio. Lucio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

SANTOS, Paulo F. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURY, John. Arquitetura e arte no Brasil colonial. São Paulo: Nobel, 1991.

CAVALCANTI, Lauro. Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MINDLIN, Henrique E. Arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano: IPHAN, 2000.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. O Aleijadinho e o santuário de Congonhas. Brasília: IPHAN: Monumenta, 2006.

Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de. O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE CULTURA E REALIDADE CONTEMPORÂNEA I – 30 H/A

OBJETIVOS

O seminário tem como finalidade discutir questões que dizem respeito à realidade contemporânea, de modo multidisciplinar. Este curso visa contribuir para formar (despertar) intelectualmente os alunos para questões mais amplas da sociedade em que eles devem atuar.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia,

Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

METODOLOGIA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

2º ANO – 3º SEMESTRE

DISCIPLINA: CIDADE DESIGUAL – 60 H/A

OBJETIVOS

Esta disciplina organiza-se em torno do eixo temático **HABITAÇÃO**: expansão e integração da CIDADE e foca a discussão na produção habitacional – como um dos elementos da construção morfológica, social e cultural das cidades. Neste sentido, deve-se identificar as necessárias relações entre os elementos estruturadores e integradores da forma urbana e os contextos socioeconômicos e culturais que engendram os processos de crescimento e transformação urbana.

O curso busca ampliar o conhecimento sobre a cidade através da identificação dos processos relacionados às escalas e formas de produção da moradia, a partir dos seguintes temas:

- Programas e projetos habitacionais públicos e privados do início da cidade industrial no Brasil até a atualidade;
- Identificação dos condicionantes socioeconômicos, reconhecimento dos agentes e promotores habitacionais, políticas, financiamentos (fontes de \$, critérios de acesso, subsídios) e modelos experimentados em planos emblemáticos;
- Identificação e formulação de legislação de uso e ocupação do solo, parâmetros urbanísticos e a definição arquitetônica: a constituição, difusão e deformação de modelos;
- Verificação das relações: morfologia do espaço e a tipologia do edifício: reconhecimento das categorias do espaço habitacional: interno/externo, público/privado, cheio e vazio etc.;
- Verificação das relações entre a estruturação do espaço urbano metropolitano e a ocupação do espaço por assentamentos habitacionais;

- Habitação e novas ofertas: novos instrumentos de implementação e gestão (estatuto da cidade, leis de incentivos; formas de gestão, localização na cidade, financiamentos, novas práticas sociais).

Processos esses, que juntamente com aqueles já estudados nas disciplinas precedentes, vêm configurando a estrutura, a forma e a paisagem das cidades.

EMENTA

Sistemas abertos: Habitação nas cidades brasileiras: a constituição, difusão e deformação de modelos.

- Elementos fundamentais da estrutura e morfologia urbana.
- A expansão horizontal da cidade e os processos de configuração e intervenção urbana – projetos habitacionais indutores (públicos ou privados, formais ou informais).

METODOLOGIA

O primeiro semestre parte de uma leitura aprofundada da produção habitacional brasileira, especificamente a de São Paulo, identificando os modelos de origem e suas alterações. Os estudos e exercícios projetuais e/ou analíticos buscam consolidar o conhecimento sobre as questões relacionadas com o espaço da Habitação na cidade, discutindo os conceitos e critérios da definição tipológica e da formação e transformação espacial dos tecidos urbanos, sejam centrais ou periféricos, de média e alta densidade.

A metodologia desenvolvida inter-relaciona noções teóricas, modelos paradigmáticos, estudos de caso e ensaios projetuais, como linha de investigação e produção de conhecimento.

Técnicas e recursos didáticos

Os conteúdos disciplinares se desenvolvem por meio de aulas expositivas dadas pelos professores – conceituação e estudos de caso (projeção de slides, data show, etc.), leituras programadas de textos com debates em sala ou análise escrita, estudos de caso sob a forma de seminários por parte dos alunos, e exercícios analíticos e projetuais elaborados em grupo e discutidos coletivamente em sala.

Para cada modelo estudado a partir das aulas expositivas (professores) e leitura de textos correspondentes (professores e alunos), será dado um exercício de análise do modelo exposto. Serão solicitados dos alunos estudos e exercícios gráfico-projetuais e/ou analíticos (através de apresentações em equipes) que buscam aprofundar as questões relacionadas com o espaço da Habitação na cidade consolidada, discutindo os conceitos e critérios da definição tipológica e da formação e transformação dos tecidos urbanos (centrais e periféricos da média e alta densidade).

Aulas expositivas

A dinâmica prevista é de compor 2 módulos de aulas de 1,5 hora cada, perfazendo 3 horas (com intervalo de 15 minutos). O primeiro módulo de 1,5h será dedicado normalmente à exposição conceitual com base em caso paradigmático selecionado. O segundo módulo de 1,5h será dedicado à análise dos conceitos e exemplos apresentados, através da comparação com modelos conhecidos e questionamentos pelos professores de modo a criar oportunidade para a discussão sobre temas complementares tais como – aspectos políticos, socioeconômicos, instrumentos de gestão, que contribuam nos estudos de caso a serem desenvolvidos pelos alunos.

Estudos de caso

Parte das aulas de cada semestre será dedicada aos estudos de caso por parte dos alunos. A partir das aulas expositivas, e das leituras programadas deverão ser apresentados, sob a forma de seminários – estudos gráficos – textuais comparativos entre os modelos históricos de referência estudados no Brasil e estudos de caso relacionados sugeridos pelos professores. Esses estudos de caso têm por objetivo assegurar que os alunos se familiarizem com os temas abordados, leiam os principais textos disponíveis em português e ou espanhol e realizem análises comparativas a partir de metodologia apropriada.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Prova e projeto

A avaliação dos alunos irá considerar o processo do aluno durante o curso, e se dará pela média das apresentações e discussões realizadas nos estudos de caso programados, e pelas notas obtidas nos exercícios escritos ou projetuais propostos. A saber:

- Exercícios de leitura do espaço urbano habitado – leituras intuitivas e técnicas.
- Análise dos textos que precedem ou sucedem as aulas teóricas: seminários preparados e apresentados em grupos e debatidos por todos os demais grupos da classe;
- Estudos de caso programados – avaliação por grupo e avaliação individual. O estudo será desenvolvido a partir de um roteiro e metodologia de abordagem definidos pelos professores, para análise de casos de implantação de habitacionais paradigmáticos. Estes exercícios serão campo e atelier, com orientação dos professores quanto aos conteúdos, metodologia e formas de apresentação. O material a ser entregue no dia da apresentação dos trabalhos deverá ser composto de texto-resumo e imagens (papel – CDROM);
- Prova-exercício e/ou exercício de projeto – avaliação individual; Ao final, serão levados em consideração, - tanto os produtos entregues pelo grupo, quanto a participação individual durante as aulas/seminários e debates. Os grupos deverão ser formados por no máximo seis alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BONDUKI, Nabil. Habitação Social e Arquitetura Moderna: Os Conjuntos Habitacionais dos IAPs. In: Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean e DEPAULE, Jean-Charles, Formas Urbanas, a Dissolução da Quadra. Porto Alegre, Bookman, 2013.

PER, A.F., MOZAS, J., OLLERO, A.S., DEZA, A. Why Density? Debunking The Myth Of The Cubic Watermelon. Vitoria-Gasteiz, A+t Architecture, 2014.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KOHARA, Luiz Tokuzi – Relatório Científico Final do Projeto de Pesquisa “As contribuições dos movimentos de moradia no centro para as políticas habitacionais e do desenvolvimento urbano do centro da cidade de São Paulo, FAU USP 2013.

LEFEVRE, Henri. O Direito à Cidade, 1987, Centauro Editora, 2006 – 6ª edição.

MARICATO, Erminia. Habitação e Cidade. São Paulo, Atual Editora Ltda, 1997.

O Nó da Terra. in PIAUÍ, edição 21. 2008.

Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-no-da-terra/>

RODRIGUES, Evaniza Lopes – A Estratégia Fundiária dos Movimentos populares na produção auto gestonária da moradia, Dissertação Mestrado, FAUUSP, SP 2013

SECCHI, Bernardo. O Projeto da Cidade Contemporânea. In: A Cidade do Século Vinte. São Paulo, Perspectiva, 2009.

VILLAÇA, Flávio. Localização, Valor e Preço da Terra Urbana. In: Espaço Intra-Urbano no Brasil.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR PARA CONSULTAS

BARBOSA, Benedito Roberto - Protagonismo dos movimentos de moradia no centro de São Paulo: trajetória, lutas e influencias nas políticas habitacionais. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação - planejamento e gestão do território, UFABC, 2014

BENÉVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 1976

BONDUKI, Nabil e KHOURY, Ana Paula. Os pioneiros da habitação social, 2014

Estatuto da Cidade, Lei Federal nº 10.257/2001.

GARCIA LAMAS, José M. Ressano. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian e Junta nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública burguesa. Rio de Janeiro: Edições Tempos Brasileiros Ltda., 1984

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KOPP, Anatole. Quando o Moderno Não era um Estilo e Sim uma Causa, Editora Nobel – EDUSP, 1990.

LOOTSMA, Bart. El Nuevo Paisaje. In: Mutaciones. KOOLHAAS, Rem et alli. Barcelona: Ed. ACTAR Arc en reve – centre d'architecture, 2001..

ROLLEMBERG DE MELLO FILHO, J. Arquitetura no contexto urbano antigo. São Paulo, mimeo, Dissertação Mestrado FAUUSP, 2001.

SANCHES, Debora – Processo participativo como instrumento de moradia digna – uma avaliação dos projetos da área central de São Paulo 1990-2012, Doutorado – PPGFAU Mackenzie, SP 2015.

SCHUTZER, José Guilherme. Cidade e meio ambiente: a apropriação do relevo no desenho ambiental urbano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SENNETT, R. O declínio do Homem Público. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

VILLAÇA, F. As ilusões do Plano Diretor; mimeo; 2005.

LEGISLAÇÃO E NORMATIVOS:

Instrução Normativa nº 14, do Ministério das Cidades, de 22 de março de 2017:

Lei Federal nº 10257/01. Estatuto da Cidade .

Lei Federal nº 11.977/09. CRIA O programa MCMV e define procedimentos para a Regularização Fundiária.

Lei Federal nº 13.465, de 11/07/2017. Altera os procedimentos da regularização fundiária, entre outros e a Lei 11.977/09

Lei Federal no 6.766/ 79. Parcelamento do Solo

Lei Municipal de SP nº 16.050/2014. Plano Diretor Estratégico de São Paulo,

Lei Municipal de SP nº 16.402/2016. Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo.

Plano Municipal de Habitação, PMSP, 2016

Portaria Federal nº 269 de 22 de março de 2017 do Ministério das Cidades. Altera regulam. MCMV.

DISCIPLINA: PAISAGEM URBANA – 60 H/A

OBJETIVOS

Desenvolver a percepção e compreensão da intervenção na paisagem em seus conteúdos formais, sociais e ambientais e prática do projeto da paisagem e análise dos modos de se projetar os espaços livres do ambiente urbano.

Análise da paisagem em seus aspectos conceituais, culturais e ambientais;

Análise dos aspectos culturais no desenho dos sistemas de espaços livres e seu papel na estruturação do espaço.

Construção de repertório projetual através da instrumentalização para o desenho da paisagem a partir do estudo dos elementos estruturadores do espaço, da espacialização do programa e representação do projeto.

EMENTA

Instrumentalizar o aluno para a percepção e leitura da paisagem em seus conteúdos ambientais, formais e funcionais e para o projeto dos espaços livres.

METODOLOGIA

Aulas teóricas expositivas e práticas de projeto visando a construção conjunta e processual de metodologia de análise e intervenção nos espaços livres urbanos, com ênfase nos aspectos socioculturais e ambientais da paisagem urbana, nas diversas escalas de atuação.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita por meio de trabalhos práticos a serem desenvolvidos pelos alunos em equipes e individualmente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALEX, Sun. Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Senac, 2008.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MACEDO, Silvio S.; SAKATA, Francine. Parques urbanos no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABBUD, Benedito. Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Editora Senac, 2006.

HOUGH, Michael. Naturaleza y ciudad: planificación urbana y procesos ecológicos. Barcelona, Gustavo Gili, 1998.

KLIASS, Rosa. Rosa Kliass. São Paulo: Senac, 2006

MASCARÓ, Juan. Infraestrutura da Paisagem. Porto Alegre: Masquatro, 2008.

PRINZ, Dieter. Urbanismo II: configuração urbana. Lisboa: Presença, 1980.

REID, Grant W. Landscape Graphics. New York: Watson Guphill Publications, 2002

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

www.landezine.com

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO III – 30 H/A

OBJETIVOS

1. Apresentar um panorama da produção arquitetônica nos séculos XIX e XX, da diversidade de suas respostas aos desafios e às demandas da modernidade, com base em rupturas, em novas proposições, mas também em permanências (tradições).
2. Desenvolver a percepção do aluno sobre questões que permeiam a dimensão construtiva da arquitetura, sempre associada à força da dimensão social e da dimensão estética, presentes nas principais vertentes modernas.
3. Estabelecer um maior contato com as correntes internacionais que influenciaram a produção arquitetônica e urbanística moderna no Brasil.
4. Propiciar ao aluno entendimento sobre o papel da história na formação e no fazer arquitetônico, assim como fomentar novos modos de ver, de vivenciar e de analisar criticamente a realidade que o cerca.

EMENTA

A disciplina aborda a história da arquitetura do mundo ocidental – com destaque para a Europa ocidental, EUA e América Latina – entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XX, identificando princípios que nortearam a produção arquitetônica do período, na sua diversidade e embates, e analisando como estes parâmetros dialogavam com transformações sociais, econômicas, políticas e culturais.

A intenção é apontar as diversas respostas do campo arquitetônico às mudanças históricas em curso, não apenas a partir da produção material, mas do redesenho da profissão e seu ensino, questionando a noção de “movimento moderno”, seja como ruptura seja como coesão de propostas. Para tanto o curso aponta as divergências das propostas modernas, as suas especificidades e pontos em comum e seu rebatimento nas manifestações arquitetônicas dentro e fora da academia.

METODOLOGIA

A disciplina está estruturada em aulas expositivas com projeção de imagens, discussão e fichamento de textos, seminários e visitas técnicas.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Além do grau de participação de cada aluno ao longo do curso, deverão ser avaliados:

1. Fichamento individual de dois textos (ver Bibliografia Básica) a serem discutidos em aula.

peso 5

2. Exercício (análise histórico-arquitetônica) e Seminário sobre tema a ser escolhido até 16/05 (equipe: 2/3 alunos).

peso 5

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. SP: Martins Fontes, 1997.

_____. “Rappel a l’ordre, argumentos em favor da tectônica” in NESBIT, Kate (org.) Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica 1965-1995. SP: Cosacnaify, 2006. pp.

PATETTA, Luciano. “Considerações sobre o Ecletismo na Europa” in FABRIS, Annateresa (org.) O Ecletismo na arquitetura brasileira. SP: Nobel/Edusp, 1987. pp.8-27

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial. SP: Cosac Naify, 2013

HALL, Peter. “A cidade da noite apavorante” in Cidades do Amanhã. SP: Perspectiva, 1996. pp. 17-53

SUMMERSON, John. “A luz da razão e da arqueologia” in A linguagem clássica da arquitetura. SP: Martins Fontes, 1994. pp. 89-108

TAFURI, M. & DAL COL, F. Modern Architecture 1-2. NY: Rizzoli/Electa, 1979.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARGAN, Giulio Carlo. “A arquitetura dos engenheiros” in Arte Moderna. SP: Cia. Das Letras, 1993. pp. 84-91

_____. “A época do funcionalismo, urbanismo, arquitetura, desenho industrial” in op cit pp. 262-300

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. SP: Perspectiva, 19

BENEVOLO, Leonardo. “Houssmann e o plano de Paris” (tópicos 1, 2 e 3) in História da Arquitetura Moderna. SP: Perspectiva, 1994. pp. 91-113

COLLINS, Peter. “Introducción” in Los ideales de la arquitectura moderna. Barcelona: G.Gili, 1977. pp.9-11

COSTA, Lucio. Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Ascensión. “Um mundo de clones? A fascinación pós-moderna por la reconstrucción arquetônica”, xxxxx

ZEVI, Bruno. História da arquitetura moderna. Lisboa: Arcádia, 1970

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE II – 30 H/A

OBJETIVOS

Apresentar os principais debates em torno do que se denomina arte moderna e modernismo, abarcando o período do início do século 20 e seus desdobramentos e questionamentos, a fim de introduzir os alunos nas questões fundamentais da arte contemporânea. Discutir como ocorre a passagem entre o moderno e o contemporâneo. Apresentar um panorama da integração entre arte, design e arquitetura em diferentes momentos da primeira parte do século XX. Desenvolver capacidade de análise, descrição, crítica e historicização do trabalho de arte.

EMENTA

Discussão sobre as artes visuais desde as vanguardas até o segundo pós-guerra. Reflexão sobre as vanguardas e suas consequências históricas. A arte do pós-guerra (1945) e a cena europeia e norte-americana. A crise da arte moderna e o surgimento da arte contemporânea.

METODOLOGIA

Aulas expositivas auxiliadas pela projeção de imagens e discussão de textos básicos sobre história e teoria da arte. Pretende-se com isso que os alunos desenvolvam a capacidade de reflexão a partir de análises formais e estéticas, fundamentadas em estudos sobre o conteúdo analisado.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

EXERCÍCIO 01: ARGUMENTO PARA UMA EXPOSIÇÃO NO MASP– INDIVIDUAL – 2 PONTOS (SEGUNDO ROTEIRO A SER FORNECIDO)

EXERCÍCIO 02: ANÁLISE DE OBRA DA COLEÇÃO ROGER WRIGHT - INDIVIDUAL – 4 PONTOS

TRABALHO FINAL: DISCUSSÃO VANGUARDA – 4 PONTOS (COM ENTREGA DE ROTEIRO)

Poderá também ser considerada a participação em sala de aula como parte da nota final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CHIPP, H.B., Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOSTER, Hal. O retorno do real. São Paulo: CosacNaify, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política.. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BÜRGER, Peter. Teoria da Vanguarda. São Paulo: CosacNaify, 2008.

FRY, Roger. Visão e forma. São Paulo: CosacNaify, 2002.

GREENBERG, Clement. Estética Doméstica. São Paulo: CosacNaify, 2002.

KRAUSS, R. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Editora, 1998.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

BACHELOR, David. Minimalismo. São Paulo: CosacNaify, 2001.

BELTING, Hans. O fim da história da arte. São Paulo, CosacNaify, 2006.

BUCHLOCH, Benjamin. Neo-avantgarde and culture industry. Cambridge, MIT Press, 2000.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins, 2005.

COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs). Escritos de artistas – anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DANTO, Arthur. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo, Edusp, 2006.

DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar comum. São Paulo: CosacNaify, 2005.

DE DUVE, Thierry. Resonances du readymade. Paris, Éditions Jacqueline Chambon, 1989.

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (Org. e apres). Clement Greenberg e o debate crítico. Trad. Maria Luíza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Funarte/Jorge Zahar, 1997.

FOSTER, Hal; KRAUSS, Rosalind; BOIS, Yve-Alain; BUCHLOH, Benjamin. Art since 1900. Modernism, antimodernism, postmodernism. New York, Thames & Hudson, 2004.

GOODING, Mel. Arte Abstrata. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

HARRISON, C. et al. Primitivismo, Cubismo e Abstração. Começo do século XX. São Paulo: CosacNaify, 1993.

KRAUSS, R. Os papéis de Picasso. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MICHELI, Mario de. As vanguardas artísticas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

READ, Herbert. Uma história da pintura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RESTANY, Pierre. Os Novos realistas. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ROSENBERG, Harold. Objeto ansioso. São Paulo, CosacNaify, 2004.

ROSENBERG, Harold. A tradição do novo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1 ed., 1974.

SCHAPIRO, Meyer. Mondrian: A dimensão humana da arte abstrata. São Paulo: CosacNaify, 2001.

SCHAPIRO, Meyer. A unidade da arte de Picasso. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

STEINBERG, Leo. Outros critérios. São Paulo, CosacNaify, 2008.

TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. São Paulo, CosacNaify, 2001.

WOOD, Paul; HARRISON, Charles; FRASCINA Francis; HARRIS Jonathan. Modernismo em disputa: a arte desde os anos quarenta. São Paulo: CosacNaify, 1998.

DISCIPLINA: TÉCNICAS RETROSPECTIVAS I – 30 H/A

OBJETIVOS

Desenvolver a sensibilidade e a percepção dos alunos sobre questões que permeiam as diferentes escalas no campo do patrimônio material e, mais especificamente, do restauro arquitetônico. Exercitar uma abordagem crítica, com base nas legislações de proteção do patrimônio, nos fundamentos teóricos do restauro, em intervenções em pré-existências arquitetônicas e sua interlocução com o entorno (escala urbana, paisagem, topografia, etc). Ampliar a formação do estudante de arquitetura no que concerne à conservação, à aplicação de terminologias específicas e às técnicas e sistemas construtivos, tanto tradicionais quanto modernos, considerando a crescente demanda pela conservação do patrimônio do século XX. Analisar a trajetória e atuação profissional dos órgãos de preservação, do profissional arquiteto e da sociedade civil organizada.

EMENTA

A disciplina introduz conceitos centrais referentes à preservação de bens culturais e às técnicas do restauro. Apresenta uma visão crítica do universo da preservação, do restauro e da memória na prática da arquitetura e do urbanismo, bem como analisa as transformações por que passaram as formulações conceituais, teóricas e práticas ao longo do tempo, até chegar às mais recentes tendências. Aborda os processos históricos de construção de políticas públicas de preservação do patrimônio cultural brasileiro e instrumenta o aluno para a atuação no campo da preservação, através da ampliação do conhecimento de métodos e técnicas operativas na preservação de bens culturais, assim como o de sua terminologia específica.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do curso, com ênfase numa abordagem crítica, está estruturado em aulas expositivas, apresentação de imagens, discussão de textos, seminários e visitas técnicas.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Resenha de textos apresentados e discutidos em aula (individual)

Análise crítica do território – estudo de caso vinculado às áreas abordadas nas disciplinas de urbanismo e projeto (em grupo)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SALVO, Simona. Restauro e “restauros” das obras arquitetônicas do século 20: intervenções em arranha-céus em confronto (Trad. Beatriz Mugayar Kuhl). Revista CPC, São Paulo, n.4, p.139-157, maio/out. 2007.

¿Un mundo de clones? La fascinación posmoderna por la reconstrucción arquitectónica - Ascensión Hernández Martínez. considerações sobre a carta de Veneza – Beatriz Mugayar Kuhl

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.

CURY, Isabelle (org). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

LE DUC, Eugene E. Violet. Restauração. Trad. Beatriz Kuhl. São Paulo: Atelier Editorial, 2000

RUSKIN, John. A lâmpada da memória. Tradução e apresentação Maria Lúcia Bressan Pinheiro. São Paulo: Atelier Editorial, 2008.

BOITO, Camillo. Os Restauradores. Trad. Beatriz Mugayar Kuhl e Paulo Mugayar Kuhl. São Paulo: Atelier Editorial, 2003

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Trad. Beatriz Mugayar Kuhl. Cotia: Ateliê, 2004

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: OBJETO E ESPAÇO – 30 H/A

OBJETIVOS

Construir, com a prática do desenho, um processo contínuo de descoberta, pesquisa e expressão criativa.

Propor uma reflexão sobre o aluno e sua formação: autonomia, responsabilidade, criatividade, curiosidade, realização e disciplina.

EMENTA

Desenvolver e ampliar a percepção do aluno, suas relações com os espaços em que vive, seu corpo e a cidade. A disciplina propõe a prática do desenho de observação como linguagem fundamental de formação do olhar e integração dos conteúdos das diversas disciplinas do segundo ano.

Além disso, a disciplina de desenho busca criar vínculos e parcerias com outras instituições ligadas ao ensino e à cultura que desenvolvem ações nos espaços públicos.

METODOLOGIA

Realização de visitas em espaços públicos da cidade para a prática de desenho de observação.

Aulas de modelo vivo na escola.

Utilização de cadernetas de anotações e registros integrando o desenho e o conteúdo de outras disciplinas do curso com o cotidiano do aluno.

Utilização do caderno -formato A3- nas visitas urbanas e em aula como um recurso de apropriação da linguagem pessoal de cada aluno.

Ampliação do repertório cultural do aluno através de visitas acompanhadas `a exposições, mostras, cinemas, palestras e apresentação de obras de artistas e arquitetos relativos aos temas abordados.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação final do aluno será composta a partir de um conjunto de avaliações intermediárias relativas aos diversos exercícios, seminários, ao caderno de anotações e à participação em aula.

A presença do aluno durante as aulas será imprescindível. Teremos três avaliações, sendo duas avaliações intermediárias e uma final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão Criadora. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980

DERDYK, Edith. Desegno, Desenho e Designio. editora Senac

PONTY, Maurice Merleau- A dúvida de Cézanne.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Ediouro Publicações S/A, 1999.

EDWARDS, Betty. Desenhando com o artista interior. Editora Claridade, 2002

CULLEN, Gordon. El Paisage Urbano. Barcelona: Blume, 1974

MUNARI, Bruno. Design e Comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1968

ALMEIDA, Cesar e BASSETTO, Roger. Sketchbooks as páginas desconhecidas do processo criativo. Editora Pop, 2011.

DISCIPLINA: INFORMÁTICA APLICADA À ARQUITETURA I (MEIOS DIGITAIS) – 30 H/A

OBJETIVOS

O curso busca investigar como o uso avançado de softwares 3D no desenvolvimento de estudos urbanísticos, volumétricos e estruturais em projetos arquitetônicos e objetos.

EMENTA

Prática do desenho e do projeto através de modelagem de geometrias e superfícies complexas e criação de componentes dinâmicos.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO II – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS I – 30 H/A / CANTEIRO DE OBRAS I – 30 H/A

OBJETIVOS

Aprofundar a relação entre a concepção estrutural com a concepção arquitetônica.

Possibilitar cálculos de esforços externos e internos, de ação e reação, em elementos estruturais.

Apresentar conceituação sobre arranjos estruturais e predimensionamento dos seus elementos.

Conhecer materiais e técnicas de construção e sua relação com a Arquitetura.

Promover o envolvimento do aluno com o meio construído e com a obra.

EMENTA

A estrutura e os materiais de construção como elementos conformadores do objeto arquitetônico.

METODOLOGIA

Aulas expositivas dialogadas apoiadas em meios audiovisuais e atividades de aplicação dos conceitos estudados.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- Exercícios em classe (avaliação contínua)

- Análise dos modelos produzidos

- Análise do Caderno.

Pesos das avaliações:

- Exercícios E1 a E6 → peso 3 - Seminários S1 e S2 → peso 1

- Fichas de Obra → peso 1 - Prova → peso 5

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MARGARIDO, Aluizio Fontana. “Fundamentos de Estruturas. Um Programa para Arquitetos e Engenheiros que se Iniciam no Estudo das Estruturas”. Zigurates Editora. São Paulo 2001.

BORGES, Alberto de Campos “Prática das Pequenas Construções”. Editora Edgard Blünher Ltda. São Paulo- 1978.

REBELLO, Yopanan C. P. Bases para Projeto Estrutural na Arquitetura. São Paulo: Zigurate Ed. 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE ENGENHARIA DE FUNDAÇÕES E GEOTECNIA e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MECÂNICA DOS SOLOS E ENGENHARIA GEOTÉCNICA. Fundações: teoria e prática. 9ª. Ed. São Paulo: Pini, 2002.

ALONSO, Urbano Rodriguez. Exercícios de fundações. São Paulo: Blücher, 1983.

AZEREDO, H. A. O Edifício até sua Cobertura. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

BOTELHO, M. H. C.; CARVALHO, L. F. M. Quatro edifícios, cinco locais de implantação, vinte soluções de fundações. São Paulo: Blücher, 2007.

HANAI J.B. Construções de argamassa armada. São Paulo: PINI, 1992.

LEONARDT, E. M. Construções de concreto – vol. 1 a 6. Rio de Janeiro: Interciência, 1982.

MARCHETTI, Osvaldemar. Muros de Arrimo. São Paulo: Blücher, 2008.

PFEIL, M.; PFEIL, W. Estruturas de Aço – Dimensionamento Prático. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1994.

PFEIL, W. Estruturas de Madeira. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ. 1994.

PINTO, Carlos de Souza. Curso Básico de Mecânica dos Solos. 3ª. Ed. São Paulo: Oficina de textos, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6120: Cargas para o cálculo de estruturas de edificações. Rio de Janeiro, 2000.

_____. NBR 6118: Projeto de estruturas de concreto – Procedimento. Rio de Janeiro, 2014.

_____. NBR 9062: Projeto e execução de estruturas de concreto pré-moldado. Rio de Janeiro, 2006.

_____. NBR 14859-1: Laje pré-fabricada – Requisitos. Parte 1: Lajes unidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14859-2: Laje pré-fabricada – Requisitos. Parte 1: Lajes bidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14860-1: Laje pré-fabricada – Pré-laje – Requisitos. Parte 1: Lajes unidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14860-2: Laje pré-fabricada – Pré-laje – Requisitos. Parte 1: Lajes bidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 8800: Projeto de estruturas de aço e de estruturas mistas de aço e concreto de edifícios. Rio de Janeiro, 2008.

_____. NBR 15980: Perfis laminados de aço para uso estrutural – Dimensões e tolerâncias. Rio de Janeiro, 2011.

_____. NBR 6355: Perfis estruturais de aço formados a frio – Padronização. Rio de Janeiro, 2012.

_____. NBR 5884: Perfil I estrutural de aço soldado por arco elétrico – Requisitos gerais. Rio de Janeiro, 2013.

_____. NBR 7190: Projeto de estruturas de madeira. Rio de Janeiro, 1997.

_____. NBR 14807: Peças de madeira serrada - Dimensões. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6122. Projeto e execução de fundações. Rio de Janeiro, 2010.

“Coletânea do uso aço”, Açominas (www.acominas.com.br/perfis)

“Bibliografia técnica para o desenvolvimento da construção em aço”. CBCA (WWW.cbca-ibs.org.br).

DISCIPLINA: CONFORTO AMBIENTAL II – 60 H/A

OBJETIVOS

O objetivo da disciplina é que os alunos incorporem nas suas práticas acadêmicas e futuras práticas profissionais de projeto os fundamentos do conforto ambiental nas suas subáreas de conforto térmico e ventilação natural, - tanto ao nível do edifício quanto dos espaços urbanos. Estes fundamentos serão repassados e discutidos não só nos seus aspectos técnico-quantitativos mas também qualitativos (por meio de critérios de projeto).

Construir um repertório amplo e crítico na área para aplicação direta em atelier, objetivo último de qualquer disciplina de tecnologia.

EMENTA

Para se atingir os objetivos acima, serão abordadas questões relativas: à relação da arquitetura com o clima, à geometria da insolação (orientação, carta solar, avaliação de entorno e obstruções externas), projeto de quebra-sóis e elementos de controle da radiação solar), às exigências humanas e funcionais para conforto de verão e inverno (conceito de conforto térmico e índices de conforto), ao uso dos materiais e soluções construtivas, ao partido arquitetônico (volumetria, aberturas, implantação, etc.) e à ventilação natural.

METODOLOGIA

Os conhecimentos da disciplina de Conforto Ambiental não são um fim em si mesmos, mas um meio para atingirmos nossa meta que é o projeto, seja ele do objeto, do edifício ou do urbano em suas diferentes escalas. Neste sentido, a metodologia básica a ser adotada no curso será usar sempre o projeto como objeto de estudo, aplicando-lhe conceitos ou conseguindo fazer, a partir dele, uma análise dos problemas relativos à disciplina. Neste sentido os vários exercícios propostos no curso (quatro ao todo) terão sempre como base situações de projeto. Pretende-se que algumas das atividades de avaliação do curso estejam integradas o máximo possível com a disciplina de projeto (Arquitetura I) das sextas-feiras, objetivando uma integração mais horizontal que vertical. Outra proposta metodológica é construir e analisar conceitos a partir da vivência e conhecimentos dos alunos, numa relação pedagógica recíproca e não unilateral.

Serão utilizados constantemente projeções em PowerPoint e os exercícios propostos serão “de prancheta”, individuais e em grupo. O Laboratório de Conforto torna-se meio importante de apoio às atividades didáticas com seus instrumentos e equipamentos de medição e também com o apoio dos softwares via laboratório de informática.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

As avaliações no curso semestral serão:

1ª avaliação: caderno de exercícios – entrega em sala de aula – (peso 2);

2ª avaliação: participação em sala de aula – (peso 1);

1ª Prova: Geometria da Insolação – (peso 3);

2ª Prova: Cálculo de Desempenho Térmico e Ventilação – (peso 4);

As provas serão com consulta. As avaliações acima poderão ser alteradas sem aviso prévio, incluindo em seus pesos, excluindo-se alguma avaliação mencionada acima ou acrescentado outras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROWN, G.Z. & DEKAY, Mark. Sol, Vento & Luz – Estratégias para Projeto de Arquitetura, Artmed Editora.

FROTA, Anésia Barros & SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de conforto térmico. Ed. Nobel, São Paulo, 1988, 228 p.

SCHMID, Aloísio Leoni. A ideia de conforto – Reflexões sobre o ambiente construído. Pacto Ambiental, Curitiba, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BITTENCOURT, Leonardo. Introdução à Ventilação Natural, Ed. EDUFAL, 2005.

CORBELLA. O. & YANNAS, Simos. Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos, Ed. REVAN, 2003.

CUNHA, Eduardo Grala da. Elementos de arquitetura de climatização natural. Porto Alegre: Masquatro, 2006.

FROTA, Anésia Barros. Geometria da Insolação, Geros Arquitetura, São Paulo, 2004.

RIVERO, Roberto. Arquitetura e clima: condicionamento térmico natural. Porto Alegre: D.C. Luzzato, 1986.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARAÚJO, Virginia M. Dantas de. Parâmetros de conforto térmico para usuários de edificações escolares. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

BANHAM, Reyner. La arquitectura del entorno bien climatizado. Barcelona: Macombo, 1969.

BERMANN, Célio. Energia no Brasil: para quê? para quem? Crises e alternativas para um país sustentável. São Paulo: EDUSP, 2002.

BITTENCOURT, Leonardo. Uso das cartas solares: diretrizes para arquitetos. Maceió: EDUFAL, 2004.

BRANCO, Samuel Murgel. Eossistêmica: uma abordagem Integrada Dos Problemas do Meio Ambiente. São Paulo: Edgar Blucher, 2007.

COSTA, Ennio Cruz. Ventilação. São Paulo: Blucher, 2005.

COSTA, Ennio Cruz da. Física aplicada à construção: conforto térmico. São Paulo: Blucher, 2003.

GIVONI, B. Man. Climate and architecture, building research station, technion, Israel. London: Institute of Technology: Applies Science Publishers, 1976.

GONÇALVES, Helder (et al) Edifícios solares passivos em Portugal. Lisboa: INETI, 1997.

GOLÇALVES, Helder (et al). Ambiente construído: clima urbano: utilização racional de energia nos edifícios da cidade de Lisboa. Lisboa: INETI, 2004.

GOMES, Ruy José. Condicionamentos climáticos da envolvente dos edifícios para habitação.

Lisboa: Ministério das Obras Públicas: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1962.

GOUVEA, Luiz Alberto. BioCidade: conceitos e critérios para um desenho ambiental urbano.

São Paulo: NOBEL, 2002.

GRIMONI, José Aquiles Baesso; GALVÃO, Luiz Cláudio Ribeiro; UDAETA, Miguel Edgar Morales. Iniciação a conceitos de sistemas energéticos para o desenvolvimento limpo. São Paulo: EDUSP, 2004.

HIGTECH, Housing. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, [19--?]

LAMBERTS, R. (et al). Economia de energia nas edificações. 1998.

LAZENBY, Gina. La Casa Sana. Espanha: Blume, 2001.

LIPPSMEIER, Georg. Tropenbau: building in the tropics. Callwey Verlag Munchen, 1969.

MASCARÓ, Lucia E. Raffó de. Energia na Edificação. São Paulo: Projeto, 1991.

MAXWELL, Fry; DREW, Jane. Tropical Architecture in the dry and humid zones. New York: Robert E. Kroeger Publishing Company, 1964.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. Norma de higiene ocupacional: avaliação da exposição ocupacional. MONTENEGRO, Gildo. Ventilação e cobertas: estudo teórico, histórico e descontraído. São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

OLGYAY, Victor. Design with climate: bioclimatic approach to architecture regionalism. Princeton: Princeton University Press, 1963.

PALOMO, Pedro J. Salvador. La planificación verde en las ciudades. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ROMERO, Marcelo de Andrade (et al). Panorama Ambiental. São Paulo: Signus, 2005.

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO III – 100 H/A

OBJETIVOS

Dar ao aluno subsídios para o enfrentamento das questões de projeto, capacitando-o a desenvolver processos de elaboração do mesmo, exercitando a participação em discussões coletivas. Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais;

Discussão das obras arquitetônicas inseridas num panorama das correntes e tendências arquitetônicas, históricas e atuais, ajudando-o a entender as produções arquitetônicas de diversas épocas e locais.

Introduzir o aluno ao conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar, anteprojeto, projeto executivo e detalhamento;

Trabalhar as diversas escalas do projeto a fim de se criar um comprometimento entre o desenho e seu significado, dar instrumentos aos alunos que permitam a clara representação de suas idéias através do desenho.

Permitir o desenvolvimento da expressão individual do aluno a partir da realização de um projeto.

EMENTA

A disciplina visa iniciar o estudante na prática da arquitetura através de exercícios de projeto e da leitura de obras exemplares da arquitetura moderna e contemporânea, brasileira e internacional.

METODOLOGIA

A disciplina será organizada em 02 módulos neste semestre.

Cada módulo será composto de aulas expositivas (teóricas) e aulas práticas (exercícios individuais de desenho e projeto). Em cada módulo serão propostos exercícios de projeto relacionados a temas ou questões arquitetônicas específicas. Os exercícios estarão acompanhados de um panorama de projetos análogos, da obra de seus autores ou de outros exemplos de arquiteturas sobre o mesmo tema.

Do início do trabalho à sua conclusão, o projeto deverá revelar um grau de desenvolvimento que inclua o raciocínio construtivo completo do edifício.

Os exercícios serão desenvolvidos individualmente.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho: Seminários de Orientação, Orientação coletiva e Apresentações Finais.

Cada etapa corresponderá a uma nota. Serão atribuídos pesos iguais para cada entrega. A média final, portanto será composta por média aritmética de todas as notas durante o semestre. Ao final do curso os professores avaliarão o desempenho do estudante ao longo do semestre, podendo atribuir notas referentes ao processo de aprendizagem, que serão somadas e comporão a media aritmética final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ÁBALOS, Iñaki. "A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade". Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

ARTIGAS, João Baptista Vilanova. Arquitetura e Construção, in "Caminhos da Arquitetura", pp. 83. São Paulo: Cosac & Naify, Fundação Vilanova Artigas, 1999.

GRINOVER, Marina; RUBINO, Silvana (Org.). Casas de Vilanova Artigas in “Lina por escrito”, pp. 67. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SIZA, Alvaro. Vivir una casa, in "Alvaro Siza – casas 1954-2004". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, Pag.9

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRUER, Marcel. “Sun and Shadow, the philosophy of an architect”. Longmans, Green, 1956.

HERZTBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual”. 3. ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2011.

REBELLO, Yopanan. “A concepção estrutural e a arquitetura”. São Paulo : Ziguarte, 2000.

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGENS DE ESTUDO) III – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros arquitetos, a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina; conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos.

EMENTA

A terceira viagem da Escola Itinerante é realizada para Brasília. Planejada por Lucio Costa e desenhada por Oscar Niemeyer, a cidade carrega aspectos territoriais, simbólicos, sociais e culturais que serão explorados e analisados durante a viagem de modo a se estabelecer relações entre o seu risco original, a sua implantação e o seu desenvolvimento. Além do plano piloto, serão visitadas algumas cidades satélites, por meio das quais será possível discutir o planejamento da nova capital e a expansão atual da cidade.

METODOLOGIA

Aula preparatória enfocando a história das cidades e o roteiro a ser realizado.

Visitas orientadas pelo caderno de viagem, elaborado pela Escola Itinerante contendo verbetes sobre os lugares a serem visitados, e pelos professores que acompanharam a viagem.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE CULTURA E REALIDADE CONTEMPORÂNEA II – 30 H/A

OBJETIVOS

O seminário tem como finalidade discutir questões que dizem respeito à realidade contemporânea, de modo multidisciplinar. Este curso visa contribuir para formar (despertar) intelectualmente os alunos para questões mais amplas da sociedade em que eles devem atuar.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

METODOLOGIA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

2º ANO – 4º SEMESTRE

DISCIPLINA: CIDADE COMPACTA/CIDADE DIFUSA – 60 H/A

OBJETIVOS

Subsidiar o aluno para o enfrentamento das questões relacionadas ao processo de requalificação de áreas centrais da cidade com foco na inserção de programas habitacionais e na oportunidade oferecida pela revisão da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, no âmbito do Atelier Ensaio Urbanos, promovido pela Prefeitura Municipal de SP/SMDU.

Introduzir a questão metodológica como fundamento de abordagem e compreensão da complexidade das questões urbanas.

Desenvolver a capacidade crítica através da reflexão teórica do tema proposto, subsidiada por análise e discussão de textos.

Desenvolver a capacidade de articulação, relacionamento e produção no âmbito do trabalho em equipe.

EMENTA

A disciplina visa subsidiar o aluno para a reflexão crítica e prática projetual em escala urbana, através de exercícios de projeto e da leitura textos relacionados ao tema.

METODOLOGIA

De modo a consolidar o repertório e a prática desenvolvidos no primeiro semestre, amplia-se agora a escala de reflexão e proposição, por meio de exercício de projeto conceitual de requalificação de área urbana no centro histórico paulistano. Aulas expositivas seminários constituem o subsídio teórico para a prática projetual.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- A avaliação dos alunos é processual.
- As notas são atribuídas por fase do trabalho sendo uma individual e outra por equipe.
- A avaliação individual considera o envolvimento do aluno no trabalho de sua equipe e sua a participação nos seminários, debates e avaliações coletivas.
- A avaliação por equipe considera os resultados alcançados pelo grupo quanto aos aspectos de organização do trabalho coletivo, nível e qualidade de conteúdo transmitido: criatividade, clareza, pertinência, objetividade, recursos utilizados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOPP, A. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel,^{1ª} edição, 1990.

PER, A.F., MOZAS, J., OLLERO, A.S., DEZA, A. Why Density? Debunking the myth of the cubic watermelon. Vitoria-Gasteiz, A+t Architecture, 2014.

SECCHI, Bernardo. Primeira lição de urbanismo. São Paulo. Perspectiva, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMORIM, Fernando de Oliveira – 3 era da cidade em Christian de Portzamparc: mais do mesmo?

Bonduki, Nabil – Mercado Ver o Peso – Belém, Pará, pag 175 a 187 Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos, publicação do Projeto MONUMENTA | IPHAN, 2010.

CORDUENTE, Aurora López – El projecto 22@Barcelona

FERNANDEZ, Fernando y Villanueva, AUIA Arquitectos Urbanistas e Ingenieros Asociados

FIX, Mariana – Novas Fronteiras Imobiliarias. O caso da operação urbana da Av. Faria Lima em Grandes Projetos Urbanos, organizado por Beatriz Cuenya, Pedro Novais e Carlos Vainer, Ed. Café de la ciudad, 2013

MCGUIRK, Justin – Ciudades Radicales – texto: Medellín. Urbanismo Social.

PORTZAMPARC, Cristian – A terceira era da cidade.

VAINER, Carlos, Oliveira, Fabricio Leal e Lima Jr., Pedro de Novais – Notas Metodológicas sobre a análise de grandes projetos urbanos.

Bibliografia complementar do Seminário dos alunos

HARVEY David – Espaços de Esperança = Ed. Loyola, 2004;

MONTANER, Josep Maria e Muxí, Zaida – Arquitetura e Política, Gustavo Gili, 2014

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AYMONINO, Carlo. Origenes y Desarrollo de la Ciudad Moderna. Barcelona: Gustavo Gili.

BENÉVOLO, Leonardo. Projetar a cidade moderna. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

GARCIA LAMAS, J. M. R.; Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian e Junta Nacional de Invest. Cient. e Tecn., 1993.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean Charles. Formas urbanas: de la manzana al bloque. Barcelona: Gustavo Gili, 1986.

SOLÁ-MORALES, Manuel de. Las formas de crecimiento urbano. Barcelona: Edicions UPC, 1993.

BIBLIOGRAFIA PARA EVENTUAIS CONSULTAS

BENÉVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 1976.

BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo: Ed. Estação Liberdade/FAPESP, 1998.

HABERMAS, J.; Mudança estrutural da esfera pública burguesa; Rio de Janeiro: Edições Tempos Brasileiros Ltda., 1984

ROLLEMBERG DE MELLO FILHO, J.. Arquitetura no contexto urbano antigo. São Paulo, mimeo, Dissertação Mestrado FAUUSP, 2001.

SENNETT, R.. O declínio do Homem Público; São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

VILLAÇA, F.. As ilusões do Plano Diretor; mimeo; 2005.

Estatuto da Cidade, Lei Federal nº 10.257/2001.

Plano Diretor Estratégico de São Paulo, Lei nº 16.050/2014.

Planos Regionais Estratégicos das Subprefeituras - parcelamento, uso e ocupação do solo de São Paulo, Lei nº 13.885/2004

Lei de parcelamento, uso e ocupação do solo de SP – LPUOS, projeto de lei nº 272/2015.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO IV – 30 H/A

OBJETIVOS

1. Apresentar um panorama da produção arquitetônica no século XX, da diversidade de suas respostas aos desafios e às demandas da modernidade, com base em rupturas, em novas proposições, mas também em permanências (tradições).
2. Desenvolver a percepção do aluno sobre questões que permeiam a dimensão construtiva da arquitetura, sempre associada à força da dimensão social e da abstração estética presentes em suas principais vertentes modernas, assim como sua relação com a escala urbana/territorial.
3. Estabelecer um maior contato com as correntes internacionais que influenciaram a produção arquitetônica e urbanística moderna no Brasil.
4. Propiciar ao aluno entendimento sobre o papel da história na formação e no fazer arquitetônico e urbanístico, assim como fomentar novos modos de ver, de vivenciar e de analisar criticamente a realidade que o cerca.

EMENTA

A disciplina trata a história da arquitetura do mundo ocidental a partir da “compreensão histórico-tectônica das vertentes propostas pelas modernidades arquitetônicas”. Serão trabalhadas as diferentes matrizes que forjaram o Movimento Moderno, assim como as principais correntes e manifestações da arquitetura moderna do século XX (até os anos 1950), com ênfase na força da dimensão social, nos avanços tecnológicos e nas experiências estéticas (abstração) que permitiram sua realização.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do curso, com ênfase numa abordagem crítica, está estruturado em aulas expositivas, apresentação de imagens, discussão de textos, seminários e visitas de campo.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Além do grau de participação de cada aluno ao longo do curso, deverão ser avaliados:

Seminários em equipe (2/3 alunos): leitura de arquitetura/estudos de caso
peso 4

Fichamento (individual)

peso 3

Prova (individual)

peso 3

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial. SP: Cosac Naify, 2013

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. SP: Martins Fontes, 1997.

_____. “Rappel a l’ordre, argumentos em favor da tectônica” in NESBIT, Kate (org.) Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica 1965-1995. SP: Cosacnaify, 2006. pp.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GROPIUS, Walter. “Minha concepção da idéia de Bauhaus” in Bauhaus. SP: Perspectiva, 1988. pp.29-44

LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1975. trad. original Vers une architecture (1923) (.....)

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA CIDADE E DO URBANISMO II – 30 H/A **OBJETIVOS**

O curso debruça-se sobre a formação do campo profissional e teórico do urbanismo e do planejamento urbano, a partir de duas vertentes historiográficas – quais sejam, as de Leonardo Benevolo e Françoise Choay –, com destaque para os processos em meio aos quais emerge a figura do arquiteto urbanista como profissional central a esse campo, após longo período de atuação multidisciplinar. Dessa maneira, espera-se construir junto com as alunas e alunos a compreensão dos contextos históricos em meio aos quais se fundamentaram essas disciplinas e os diversos interesses e métodos sobre os quais se cercaram seus proponentes, especialmente ao longo do século XIX e primeiras décadas do seguinte.

EMENTA

A disciplina parte dos debates acerca do surgimento do urbanismo como campo teórico e profissional que se desenvolve em função das consequências da industrialização crescente, especialmente na Inglaterra e na França, na virada do século XVIII para o XIX. Nesse momento, as cidades industrializadas sofriam as consequências do aumento populacional,

da poluição das fábricas e da inadequação do traçado urbano e das condições sanitárias. Discutiremos as utopias urbanísticas, sociais e culturais promovidas na primeira metade do oitocentos, bem como o desenvolvimento de legislações específicas para as cidades, no decorrer do mesmo século, chegando às grandes reformas ocorridas nas cidades europeias nas últimas décadas do século XIX, tais como as de Viena, Barcelona, Paris e outras, nas quais se viu o alvorecer da figura do urbanista. Por fim, apontaremos como essas ideias foram discutidas, trazidas e reinterpretadas no Brasil, com destaque para as reformas projetadas e construídas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, no começo do século XX.

METODOLOGIA

O curso é composto por aulas expositivas, trabalhos discentes e prova. As atividades em sala de aula são voltadas para a construção de um debate comum entre a turma, por meio do conteúdo das aulas, dos textos de referência e da participação de estudantes. O exercício em grupo busca aprimorar as capacidades de diálogo e escuta em pequenos coletivos, bem como possibilitar o aprofundamento em tema circunscrito. A prova tem como objetivo permitir a alunas e alunos que apresentem reflexões próprias e busquem posicionar-se em meio às discussões coletivas, exercitando habilidades de produção textual e comunicação, próprios do meio acadêmico e científico.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita por meio dos trabalhos e da prova individual, atividades que serão apresentadas durante o curso. A nota final é composta pela média aritmética das notas da prova individual e do exercício em grupo, variando de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), exceto se houver outra avaliação, a ser definida ao longo do semestre. A nota mínima para aprovação é 5,0 (cinco). Se a nota final estiver entre 3,0 (três) e 4,9 (quatro ponto nove), a aluna ou aluno poderá fazer um trabalho de recuperação no final do semestre, a ser determinado em data oportuna.

Nas aulas expositivas, espera-se que a aluna ou aluno faça ao menos a leitura básica indicada no Conteúdo Programático, de modo a integrar-se ao debate proposto. Os seminários discentes serão realizados em grupos, exercitando a capacidade de trabalho em pequenos coletivos e promovendo a reflexão entre estudantes sobre o conteúdo mobilizado. A prova objetiva aferir a apreensão dos conteúdos lidos individualmente, expostos em aula e debatidos, bem como a capacidade de apropriação desses temas e questões e de elaboração própria a partir deles.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENEVOLO, Leonardo. As origens da urbanística moderna. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994 [1981].

CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades – uma antologia. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003 [1965].

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2010 [1845].

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1961].

GORELIK, Adrián. Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). Cidades capitais do século XIX. São Paulo: Edusp, 2010.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização. São Paulo: Edusp, 2001.

BENEVELO, Leonardo. Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial. In: _____. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 35-82.

BENEVELO, Leonardo. As experiências urbanísticas de 1890 a 1914. In: _____. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 345-370.

BENEVELO, Leonardo. Haussmann e o plano de Paris. In: _____. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 91-128.

BENEVELO, Leonardo. O ambiente da Revolução Industrial. In: _____. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 551-72.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: _____. Sociologia. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/benjamin-w-paris-capital-do-sc3a9culo-xix-trad-kothe.pdf>>.

BERMAN, Marshall. Modernidade – ontem, hoje e amanhã. In: _____. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15-36.

BRAGA, Milton. O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CALABI, Donatella. A Cidade Jardim. In: _____. História do Urbanismo Europeu. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 28-34.

CIUCCI, Giorgio. La ciudad americana: de la guerra civil al new deal. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COSTA, Lúcio. Registro de uma vivência. Brasília: Editora da UNB, 1995.

COULON, Alain. A escola de Chicago. Campinas: Papirus, 1995.

ELIA, Mario Manieri. William Morris y la ideologia de la Arquitectura moderna. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

ENGELS, Friedrich. A questão da habitação. São Paulo: Boitempo, 2007.

FERREZ, Marc. Registro Fotográfico de Marc Ferrez da Construção da Av. Rio Branco: 1903-1906. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1982.

FISHMAN, Robert. Urban utopias in the twentieth century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright and Le Corbusier. Londres: MIT Press, 1977.

FULLER, Buckminster. Utopia or oblivion: the prospects for humanity. Baden: Lars Müller Publishers, 2008.

GLASS, Ruth Lazarus [e outros]. London: aspects of change. Londres: MacGibbon & Kee, 1964.

HALL, Peter. Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1988].

HOBBSAWM, Eric. A Revolução industrial. In: _____. A era das revoluções, 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 43-69.

HOWARD, Ebenezer. Cidades-Jardins de amanhã. São Paulo: Hucitec, 1996.

LE CORBUSIER. O urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LONDON, Jack. O povo do abismo: Fome e miséria no coração do Império Britânico – uma reportagem no início do século XX. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MORE, Thomas. Utopia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MORRIS, William. Notícias de lugar nenhum – ou uma época de tranquilidade: um romance utópico. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, s/d.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUMFORD, Lewis. A insensível cidade industrial. In: _____. Cultura das Cidades. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961, p. 152-233.

PANERAI, Philippe. Formas urbanas: a dissolução da quadra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A aventura da modernidade: os contraditórios caminhos do progresso. In: _____. Exposições universais. Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 24-41.

RUSKIN, John. Las siete lamparas de la arquitectura. Buenos Aires: El Ateneo, 1944.

SANTOS, Nubia Melhem [org.]; NONATO, José Antonio [org.]. Era uma vez o Morro do Castelo. Rio de Janeiro: IPHAN; Deprom; Petrobrás; Casa da Palavra, 2000.

SCHORSKE, Carl. A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: _____. Pensando com a história. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 53-72.

SCHORSKE, Carl. A Ringstrasse, seus críticos e o nascimento do modernismo urbano. In: _____. Viena Fim de Século. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 43-124.

SEGAWA, Hugo. Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo, na passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Gilberto [org.]. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

THOMPSON, Edward P. A Formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ULTRAMARI, Clóvis. Significados do Urbanismo. Revista Pós, São Paulo, v. 16, n. 25, p. 166-184, jun., 2009.

**DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: DESENHO
ARQUITETÔNICO – 30 H/A**

OBJETIVOS

Este curso tem como objetivo explorar o desenho arquitetônico como representação do sistema construtivo.

Serão proporcionados exercícios visando desenvolver a sensibilidade do desenho a partir do conhecimento com os processos de fabricação e montagem de componentes construtivos em edificações arquitetônicas, explorando o código de representação gráfica e suas convenções aplicadas em diferentes materiais e escalas, cada qual com seu respectivo grau de detalhamento.

EMENTA

Exercitar o domínio do desenho normativo como forma de representação do partido e sistema construtivo arquitetônico.

METODOLOGIA

Realização de visitas em espaços públicos da cidade para a prática de desenho de observação.

Aulas de modelo vivo na escola.

Utilização de cadernetas de anotações e registros integrando o desenho e o conteúdo de outras disciplinas do curso com o cotidiano do aluno.

Utilização do caderno -formato A3- nas visitas urbanas e em aula como um recurso de apropriação da linguagem pessoal de cada aluno.

Ampliação do repertório cultural do aluno através de visitas acompanhadas a exposições, mostras, cinemas, palestras e apresentação de obras de artistas e arquitetos relativos aos temas abordados.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação final do aluno será composta a partir de um conjunto de avaliações intermediárias relativas aos diversos exercícios, seminários, ao caderno de anotações e à participação em aula.

A presença do aluno durante as aulas será imprescindível.

Teremos três avaliações, sendo duas avaliações intermediárias e uma final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão Criadora. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980

DERDYK, Edith. Desegno, Desenho e Designio editora Senac.

PONTY, Maurice Merleau- A dúvida de Cézanne.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro Ediouro Publicações S/A, 1999.

EDWARDS, Betty. Desenhando com o artista interior Editora Claridade, 2002.

CULLEN, Gordon. El Paisage Urbano. Barcelona: Blume, 1974

MUNARI, Bruno. Design e Comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1968

ALMEIDA, Cesar e BASSETTO, Roger . Sketchbooks as páginas desconhecidas do processo criativo.

Editora Pop, 2011

DISCIPLINA: INFORMÁTICA APLICADA À ARQUITETURA II (MEIOS DIGITAIS) – 30 H/A

OBJETIVOS

O curso destina-se a informar, instrumentar e refinar o conhecimento do aluno na produção e manipulação de modelos tridimensionais digitais destinadas à representação de arquitetura e métodos auxiliares nas etapas de elaboração de projetos e desenhos.

EMENTA

Instrumentalização do aluno em software de renderização e tratamento de modelos tridimensionais digitais. Elaboração de estudos de caso a partir de modelo digital pré-definido.

Apresentação de técnicas de representação destinadas a apresentação arquitetônica a partir de modelo tridimensional e sua interação com software de tratamento e manipulação de imagens.

Conteúdo complementar às disciplinas de Arquitetura, Tecnologia e Estúdio Vertical.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO III – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS II – 30 H/A / CANTEIRO DE OBRAS II – 30 H/A

OBJETIVOS

Discutir a concepção de sistemas estruturais em concreto armado, protendido, argamassa armada, aço e madeira.

Discutir rebatimentos da concepção estrutural no projeto arquitetônico.

Analisar o papel do cálculo na concepção estrutural.

EMENTA

Concepção de sistemas estruturais em concreto armado, protendido, argamassa armada, aço e madeira.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MARGARIDO, Aluizio Fontana. “Fundamentos de Estruturas. Um Programa para Arquitetos e Engenheiros que se Iniciam no Estudo das Estruturas”. Ziguates Editora. São Paulo 2001.

BORGES, Alberto de Campos “Prática das Pequenas Construções”. Editora Edgard Blünher Ltda. São Paulo- 1978.

REBELLO, Yopanan C. P. Bases para Projeto Estrutural na Arquitetura. São Paulo: Ziguarte Ed. 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE ENGENHARIA DE FUNDAÇÕES E GEOTECNIA e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MECÂNICA DOS SOLOS E ENGENHARIA GEOTÉCNICA. Fundações: teoria e prática. 9ª. Ed. São Paulo: Pini, 2002.

ALONSO, Urbano Rodriguez. Exercícios de fundações. São Paulo: Blücher, 1983.

AZEREDO, H. A. O Edifício até sua Cobertura. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

BOTELHO, M. H. C.; CARVALHO, L. F. M. Quatro edifícios, cinco locais de implantação, vinte soluções de fundações. São Paulo: Blücher, 2007.

HANAI J.B. Construções de argamassa armada. São Paulo: PINI, 1992.

LEONARDT, E. M. Construções de concreto – vol. 1 a 6. Rio de Janeiro: Interciência, 1982.

MARCHETTI, Osvaldemar. Muros de Arrimo. São Paulo: Blücher, 2008.

PFEIL, M.; PFEIL, W. Estruturas de Aço – Dimensionamento Prático. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1994.

PFEIL, W. Estruturas de Madeira. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, RJ. 1994.

PINTO, Carlos de Souza. Curso Básico de Mecânica dos Solos. 3ª. Ed. São Paulo: Oficina de textos, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6120: Cargas para o cálculo de estruturas de edificações. Rio de Janeiro, 2000.

_____. NBR 6118: Projeto de estruturas de concreto – Procedimento. Rio de Janeiro, 2014.

_____. NBR 9062: Projeto e execução de estruturas de concreto pré-moldado. Rio de Janeiro, 2006.

_____. NBR 14859-1: Laje pré-fabricada – Requisitos. Parte 1: Lajes unidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14859-2: Laje pré-fabricada – Requisitos. Parte 1: Lajes bidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14860-1: Laje pré-fabricada – Pré-laje – Requisitos. Parte 1: Lajes unidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 14860-2: Laje pré-fabricada – Pré-laje – Requisitos. Parte 1: Lajes bidirecionais. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 8800: Projeto de estruturas de aço e de estruturas mistas de aço e concreto de edifícios. Rio de Janeiro, 2008.

_____. NBR 15980: Perfis laminados de aço para uso estrutural – Dimensões e tolerâncias. Rio de Janeiro, 2011.

_____. NBR 6355: Perfis estruturais de aço formados a frio – Padronização. Rio de Janeiro, 2012.

_____. NBR 5884: Perfil I estrutural de aço soldado por arco elétrico – Requisitos gerais. Rio de Janeiro, 2013.

_____. NBR 7190: Projeto de estruturas de madeira. Rio de Janeiro, 1997.

_____. NBR 14807: Peças de madeira serrada - Dimensões. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6122. Projeto e execução de fundações. Rio de Janeiro, 2010.

“Coletânea do uso aço”, Açominas (www.acominas.com.br/perfis)

“Bibliografia técnica para o desenvolvimento da construção em aço”. CBCA (WWW.cbca-ibs.org.br).

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO IV – 100 H/A

OBJETIVOS

Construir com os estudantes elementos para o enfrentamento das questões de projeto, para que estejam capacitados a desenvolver processos de elaboração do mesmo, exercitando o raciocínio crítico através das discussões coletivas.

Alargar o repertório arquitetônico do grupo a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais; discutir rumos e intenções arquitetônicas, históricas e atuais, ajudando-o a se posicionar e entender as produções arquitetônicas de diversas épocas e locais.

Introduzir o conhecimento adquirido em outras disciplinas nos projetos desenvolvidos pelo estudante.

Introduzir o conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar, anteprojeto, projeto executivo e detalhamento; Trabalhar as diversas escalas do projeto a fim de se criar um comprometimento entre o desenho e seu significado, para que os estudantes desenvolvam instrumentos que permitam a clara comunicação de suas ideias através do desenho. Incentivar o desenvolvimento da expressão individual do estudante a partir da realização de um projeto.

EMENTA

A disciplina visa subsidiar o estudante para a prática da arquitetura através de exercícios de projeto e da leitura de obras exemplares da arquitetura moderna e contemporânea, brasileira e internacional.

METODOLOGIA

A disciplina será organizada em 02 módulos neste semestre.

Cada módulo será composto de aulas expositivas (teóricas) e aulas práticas (exercícios individuais de desenho e projeto). Em cada módulo serão propostos exercícios de projeto relacionados a temas ou questões arquitetônicas específicas. Os exercícios estarão acompanhados de um panorama de projetos análogos, da obra de seus autores ou de outros exemplos de arquiteturas sobre o mesmo tema.

Do início do trabalho à sua conclusão, o projeto deverá revelar um grau de desenvolvimento que inclua o raciocínio construtivo completo do edifício.

Os exercícios serão desenvolvidos individualmente.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho: Seminários de Orientação, Orientação coletiva e Apresentações Finais.

Cada etapa corresponderá a uma nota. Serão atribuídos pesos iguais para cada entrega. A média final, portanto será composta por média aritmética de todas as notas durante o semestre. Ao final do curso os professores avaliarão o desempenho do estudante ao longo do semestre, podendo atribuir notas referentes ao processo de aprendizagem, que serão somadas e comporão a media aritmética final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ÁBALOS, Iñaki. "A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade". Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

ARTIGAS, João Baptista Vilanova. Arquitetura e Construção, in "Caminhos da Arquitetura", pp. 83. São Paulo: Cosac & Naify, Fundação Vilanova Artigas, 1999.

GRINOVER, Marina; RUBINO, Silvana (Org.). Casas de Vilanova Artigas in "Lina por escrito", pp. 67. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SIZA, Alvaro. Vivir una casa, in "Alvaro Siza – casas 1954-2004". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, Pag.9

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRUER, Marcel. “Sun and Shadow, the philosophy of an architect”. Longmans, Green, 1956.

HERZTBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual”. 3. ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2011.

REBELLO, Yopanan. “A concepção estrutural e a arquitetura”. São Paulo : Zigurate, 2000.

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO I (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;
- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGENS DE ESTUDO) IV – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros arquitetos a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina e conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos.

EMENTA

Na quarta viagem da Escola Itinerante os alunos visitam as cidades de Cataguases em Minas Gerais, Bananal, São José do Barreiro, Areias e São José dos Campos em São Paulo. A proposta é colocar o aluno em contato com exemplares da arquitetura moderna brasileira que ganharam o interior do país a partir do Rio de Janeiro e de São Paulo nas décadas de 1940 e 1950 e com a arquitetura produzida durante o século XIX para apoiar a produção cafeeira do Vale do Paraíba. O contraste experimentado nas viagens anteriores aqui se mantém, de forma que os alunos possam perceber cada exemplar arquitetônico dentro de um determinado ambiente e período da história do país e ao mesmo tempo possam relacioná-los com a produção contemporânea em outros lugares dentro e fora do país através das outras disciplinas regulares, aproveitando as lições aprendidas para pensar a sua própria produção dentro da escola.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE CULTURA E REALIDADE CONTEMPORÂNEA III – 30 H/A

OBJETIVOS

Considerações preliminares: A análise da lógica curricular de nossa Escola permite reconhecer essa sofisticação específica e salutar que nos caracteriza no plano pedagógico: um desejo real de integração dos conhecimentos e uma visão formativa bem ao modo comumente expresso em pilares clássicos do humanismo ocidental, manifesto – por exemplo – já mesmo nas reflexões vitruvianas de há 25 séculos: “A ciência do arquiteto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes” (Vitruvius, “Tratado de Arquitetura, séc I ac). Seguindo essa linha, e apesar de basear-se em princípios tão antigos concernentes à constituição multifacetada do arquiteto urbanista e cidadão, nosso tradicional Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea é um fato estranhamente original não apenas no campo das

escolas de Arquitetura e Urbanismo mas em todo o ambiente educacional brasileiro. São raras as instituições de ensino em que uma atividade aberta assim pensada seja tida como obrigação intrínseca ao percurso formativo do aluno, não como recreação, opção ou mero adendo. Há no entanto algo mais a ser dito, no sentido de expor os alicerces da proposta que aqui se apresenta: é que o bom entendimento do escopo de nosso Seminário revela muito rapidamente sua fina complexidade de propósitos, trabalhando na fronteira entre o imaginário e o existente. Pois conforme a nomenclatura que o funda, trata-se de um Seminário de “Cultura” e “Realidade”, um nome por certo pensado, não casual. Nessa designação, “Cultura” e “Realidade” se articulam como pólos complementares de uma reflexão intensa. Sendo assim, grosso modo, no momento em que nossa Escola pretende enfatizar a dimensão formativa dessa atividade tão central para nós – buscando intensificar suas conexões com o restante da formação cumprida aqui pelos nossos alunos e igualmente com as múltiplas ações, projetos e pesquisas que entre nós se desenvolvem –, estes pressupostos pedagógicos baseiam-se exatamente na exploração alternada desse par estruturante: a cultura como sonho e imaginário; a realidade como aquilo que se impõe sobre nós, incontornável. É esta – a nosso ver – a complexidade que merece ser considerada no jogo entre a “Cultura” e a “Realidade”: utopias vivas envolvidas pelo enfrentamento das realidades brasileiras e mundias, nem sempre as mais auspiciosas, mas sempre desafiadoras. Isto posto, entendem-se como boas práticas para esta coordenação:

1. compreender e atualizar-se em relação ao pensamento pedagógico da Escola, em seu conjunto;
2. manter-se atualizada a respeito das ementas das disciplinas ministradas em todas as nossas sequências formativas;
3. manter-se informada sobre as atividades que se desenvolvem na Escola, em seus arredores e entre nossos parceiros intelectuais potenciais;
4. acompanhar atentamente a produção dos colegas professores e dos estudantes da Escola;
5. dialogar permanentemente com os estudantes e com os colegas professores;
6. seguir atentamente as novidades do campo artístico e arquitetônico brasileiro e mundial; e
7. seguir atentamente as dinâmicas políticas, geopolíticas, sociológicas, antropológicas e culturais do presente, visando, desse modo, uma programação compatível com os objetivos do Seminário, que podem ser assim resumidos:
 - a. completar a formação do estudante da Escola com atividades e conteúdos ligados aos debates filosóficos, sociológicos e artísticos contemporâneos;
 - b. estimular o exercício de novos olhares, para além da Arquitetura propriamente dita;

- c. estimular o diálogo livre entre alunos e professores, girando ao redor de temas atuais e vivos;
- d. abrir o espaço da Escola para colaboradores externos, ampliando os horizontes e os interesses de nossa comunidade discente e docente; e
- e. propor reflexões e cruzamentos transdisciplinares de perspectiva.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

METODOLOGIA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

3º ANO – 5º SEMESTRE

DISCIPLINA: TRANSPORTE E MOBILIDADE – 60 H/A

OBJETIVO GERAL

Compreender as formas, lógicas, processos e referências de planejamento, projeto e implantação das infraestruturas e suas implicações, em influências mútuas, nas formas de crescimento e expansão urbana, por meio do exercício de planejamento e projeto de reestruturação de territórios urbanos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explorar os processos de estruturação urbana, englobando as escalas urbana, metropolitana e regional, com ênfase nas ações de parcelamento (divisão de quadras e lotes), e sua articulação com os sistemas de infraestrutura e urbanização (traçado viário, redes de transporte, saneamento, drenagem, etc.) e com os sistemas edificados (moradia, comércio, produção, lazer). Compreender sua interdependência por meio do exercício projetual.

Explorar os fatores de conexão, articulação, continuidade, comunicação e estruturação do território a partir do planejamento e projeto de infraestruturas destacando a sua inter-relação:

- com as escalas territoriais – urbana, metropolitana e regional;

▮ com os três componentes da forma urbana (parcelamento do solo urbanização, e edificação), destacando-se os traçados resultantes e seus conteúdos socioeconômicos;

▮ com a legislação urbanística e ambiental que orienta o projeto, a organização dos sistemas de infraestrutura e a preservação ambiental;

▮ com os sistemas naturais como suporte da qualidade urbana e ambiental (geomorfologia, sistemas hídricos, sistemas de unidades de conservação, sistemas de espaços verdes públicos).

Relações estas, que juntamente com aquelas já estudadas nas disciplinas precedentes, vêm configurando a estrutura, a forma e a paisagem das cidades.

EMENTA

▮ Aspectos conceituais e noções de território (M. Solà Morales, Milton Santos, Bernardo Secchi, R. Meyer).

▮ Aspectos conceituais e metodológicos de planejamento e projeto da forma urbana, com ênfase na metodologia do Laboratório de Urbanismo da Universidade Politécnica da Catalunha LUB-UPC (M. Solá-Morales) que se apoia no tripé parcelamento, urbanização e edificação - PUE.

▮ Estudos dos fenômenos intraurbanos e processos de transformação urbana (crescimento, segregação, expansão, adensamento): principais atores, processos e formas resultantes. Processos de influência recíproca em vetores privilegiados da cidade, implicações no crescimento da informalidade, no valor da terra, nas pressões sobre o meio ambiente, nos processos de planejamento urbano, regulação urbana, ação política e institucional.

▮ Planejamento e projeto dos processos de expansão urbana nas escalas regional, metropolitana, municipal e local.

▮ Densidade urbana e parâmetros referenciais de parcelamento, uso e ocupação do solo e suas implicações na forma urbana e na organização dos sistemas de mobilidade urbana.

▮ Aspectos funcionais de planejamento e projeto de sistema de transporte público: integração de modais.

▮ A implantação de infraestruturas de mobilidade e seus impactos urbanísticos, socioeconômicos e ambientais. A valorização da terra, a segregação sócio espacial, e as estratégias de gestão urbana para promover o equilíbrio social e econômico.

▮ Legislação urbanística, ambiental e normas técnicas para planejamento de infraestruturas.

- Estudos de caso: experiências nacionais e internacionais de planos e projetos de reestruturação/reconversão urbana com ênfases nos sistemas de mobilidade.
- Análises propositivas e estudos de reconversão urbana.
- Elementos técnicos de projeto do espaço público e das redes de infraestrutura.

METODOLOGIA

Os conteúdos principais e referenciais serão tratados:

- em aulas expositivas realizadas pelos professores e eventualmente por convidados externos;
- na leitura de textos principais selecionados e no respectivo debate em sala de aula;
- na leitura da bibliografia básica e complementar apresentadas neste plano de curso;
- em debates sobre temas contemporâneos que serão realizados com todos os alunos da sequência de urbanismo.

Para que o aluno adquira e amplie seus conhecimentos sobre o planejamento e projeto da infraestrutura e suas implicações na forma e conteúdos urbanos, bem como, para que se explore o exercício projetual, como processo de investigação e aplicação de conceitos e de técnicas urbanísticas, e suas relações com o território, serão realizadas as seguintes atividades:

- debates em classe (após leitura dos textos dados) para a discussão dos conceitos de território e de processos de transformação (atores e elementos envolvidos, principais reatamentos urbanísticos, socioeconômicos e ambientais);
- estudos e seminários em grupo para análise dos processos de produção, crescimento e transformação urbana de cidades que tenham sido objeto de planos e projetos de diferentes pensamentos urbanísticos, em diferentes períodos históricos;
- desenvolvimento de exercício em ateliê em grupo, envolvendo análise propositiva das formas de crescimento urbano e da inserção urbana de grande entreposto (polo logístico), e de definição de diretrizes para estratégia de intervenção para sua relocação, readequação ou reconversão, cujo exercício projetual será realizado no próximo semestre;
- desenvolvimento de exercício projetual individual com foco nos elementos técnicos de projeto do espaço público;
- utilização de laboratório de informática, biblioteca e manejo de banco de dados para fins de desenvolvimento do estudo de caso;
- consulta a órgãos públicos sobre a legislação urbanística incidente e sobre projetos previstos para o local;
- realização de visitas de campo na região / local de estudos.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados com duas notas: uma nota coletiva (a partir do resultado dos trabalhos realizados no seminário em grupo e no projeto em atelier) e uma individual (que será composta pela média entre a nota atribuída pelos professores e a nota atribuída pelo aluno sobre seu desempenho ao longo da disciplina).

Os trabalhos serão avaliados quanto a:

▫ Qualidade da pesquisa: fontes e referências utilizadas, forma de tratamento dos dados.

▫ Qualidade da análise: capacidade crítica de identificar problemas, potencialidades, interfaces temáticas e entre escalas, além da abordagem e da forma de expressão, considerando a capacidade de cotejar as referências analisadas e sua aplicação/tradução nos estudos.

▫ Forma de apresentação: recursos gráficos utilizados, clareza e concisão.

Os alunos serão avaliados quanto a:

▫ Assiduidade nas aulas e no desenvolvimento do exercício em sala de aula.

▫ Participação nas aulas por meio de dúvidas, comentários e esclarecimentos que demonstrem o real envolvimento do aluno.

▫ Decoro e probidade na conduta das aulas com os colegas e professores.

Forma de avaliação

$$NF = [\{ (Nsem + Nexe) / 2 \} * 0,7] + [\{ (NA|aluno + NA|prof) / 2 \} * 0,3]$$

Onde:

NF: nota final semestral;

Nsem: nota trabalho em grupo seminário;

Nexe: nota trabalho em grupo exercício projetual;

NA|aluno: nota avaliação individual do aluno (auto avaliação);

NA|prof: nota avaliação do aluno pelos professores.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SOLÀ-MORALES, Manuel de. Las formas de Crecimiento Urbano. Barcelona: Edicions UPC, 1993.

VALLEJO, Manuel Herce. Infraestructuras y Médio Ambiente I, urbanismo, territorio e redes de servicio. Barcelona. Editorial UOC, 2010.

SECCHI, BERNARDO. Primeira Lição de Urbanismo (trad. Marisa Barda e Pedro M.R.Sales). São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOHIGAS, O. Reconstrucción de Barcelona. Madrid: Ministério de Obras Públicas y Urbanismo- MOPU, 1986.

GEHL, Ian. Cidades para Pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2ª ed., 2013.

MASCARÓ, L. Juan e YOSHINAGA, Mário. Infraestrutura Urbana. Porto Alegre: Masquatro Editora, 1ª Ed., 2005.

SANTOS, Milton e SILVEIRA M.Laura. O Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intraurbano no Brasil. São Paulo: Editora Nobel, 1998.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

TESES, REVISTAS, REFERÊNCIAS NA INTERNET E OUTROS

ANELLI, Renato Luiz Sobral. Urbanização em rede: os Corredores de Atividades Múltiplas do PUB e os projetos de reurbanização da EMURB em São Paulo (1972-82). In: Arqtextos nº 088.01. São Paulo: Portal Vitruvius, 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>>.

_____. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. In: Arqtextos 082.00. São Paulo, Portal Vitruvius, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/07.082/259>>.

CETUR – Savoir Faire et Techniques. Ville plus sure quartiers sans accidents. Ministère de L'Équipement Du Logement Des Transports et de La Mer. Abril, 1990.

DAVID HARVEY. A condição Pós-Moderna. Edições Loyola, 1996.

HEREÑÚ, R.E. Pablo. Arquitetura da Mobilidade e Espaço Urbano. Tese de Doutorado: FAUUSP, São Paulo, 2016.

LAGRECA DE SALES, Marta Maria: Territórios de Intermediação: uma hipótese para a análise e o projeto da cidade contemporânea. Tese de Doutorado: FAUUSP, São Paulo, 2008.

LIMA, Zeuler. Enclaves globais em São Paulo: urbanização sem urbanismo? Vitruvius - Arqtextos, no 059.02, 2005. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq059/arq059_02.asp (acesso em 10 de janeiro de 2008).

MEYER Regina M. P., GROSTEIN, Marta D. e BIDERMAN, Ciro. São Paulo – MetrÓpole. São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial, 2004.

_____. São Paulo: A Leste do Centro – Territórios do Urbanismo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

MONTANDON, Daniel Todtmann. Operações Urbanas em São Paulo: da negociação financeira ao compartilhamento equitativo de custos e benefícios. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAUUSP, 2009.

P. PANERAI, CASTEX J. e DEPAULE J-C. Formas Urbanas: a dissolução da quadra. São Paulo: Editora Bookman, 2013.

RODRIGUES, Ligia Rocha. Territórios Invisíveis da Vila Leopoldina: Permanência, Ruptura e Resistência na Cidade. Dissertação de Mestrado: FAUUSP, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SALES, Pedro M. R. Operações Urbanas em São Paulo: Crítica, plano e projetos. Parte 3 - Operações Urbanas: plano-referência e proposições. Vitruvius - Arquitectos n. 60, 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitectos/arq000/esp305.asp> (acesso em 10 de julho de 2007).

SOMEKH, Nadia & MALTA CAMPOS, Candido. A cidade que não pode parar: Planos Urbanísticos de São Paulo no Século XX. São Paulo, Editora Mackpesquisa, 2002.

SÃO PAULO, Governo do Estado de São Paulo. Plano Integrado de Transportes Urbanos 2025. São Paulo: GESP, 2006.

SOLÀ-MORALES Manuel R. Projectar la Periferia. Urbanisme Revista nº9.10. LUB, 1992.

REFERENCIAS NORMATIVAS

BRASIL. Lei nº 6.766 de 19 de Dezembro de 1979. Parcelamento do Solo Urbano. Brasília: [S.n], 1979.

BRASIL. Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade. Brasília: [S.n], 2001.

BRASIL. Lei nº 11.445 de 5 de Janeiro de 2007. Política Nacional de Saneamento Básico. Brasília: [S.n], 2007.

BRASIL. Lei nº 11.977 de 7 de Julho de 2009. Regularização fundiária de interesse social. Brasília: [S.n], 2009.

BRASIL. Lei nº 12.587 de 3 de Janeiro de 2012. Política Nacional de Mobilidade Urbana. Brasília: [S.n], 2012.

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de Abril de 2012. Política Nacional de Proteção e Defesa Civil. Brasília: [S.n], 2012.

BRASIL. Lei nº 12.651 de 25 de Maio de 2012. Proteção da vegetação nativa (novo código florestal). Brasília: [S.n], 2012. 8.

SÃO PAULO. Lei nº 16.050 de 31 de julho de 2014. Plano Diretor Estratégico.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO V – 30 H/A

OBJETIVOS

1. Introduzir o aluno à história e teoria da arquitetura do Brasil do final do século XIX à primeira metade do século XX, apontando as várias formas pelas quais a arquitetura foi definida e realizada no período.
2. Perceber a arquitetura como uma manifestação cultural, que se insere e participa de um dado contexto social, político e econômico.
3. Revelar os conceitos, ideias ou categorias que organizam o discurso e a prática dos arquitetos, compreendendo-os no seu tempo
4. Perceber a importância da história e da teoria da arquitetura dentro dos diversos conhecimentos necessários à síntese que leva ao projeto.

EMENTA

Panorama da história e teoria da arquitetura do Brasil com enfoque nos princípios que orientaram a produção arquitetônica entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Serão trabalhadas também as relações entre esta produção e o contexto, atentando-se para as especificidades, as diferenças, as permanências e as mudanças na produção arquitetônica e historiográfica local. As questões centrais tratadas no curso versam sobre a modernidade e identidade nacional.

METODOLOGIA

Aulas expositivas com projeção de imagens e debates embasados em discussões de textos de época, de história e de teoria da arquitetura.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os alunos realizarão um trabalho em grupo e um trabalho em dupla.

O trabalho em grupo será de 6 a 8 alunos e consiste na apresentação de textos para debate, conforme detalhado no Conteúdo Programático. Em cada debate um grupo apresenta o texto e outro fica responsável por conduzir o debate, conforme a tabela abaixo, enquanto os demais grupos formulam perguntas para os debates.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1999.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAVALCANTI, Lauro. Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FABRIS, Annateresa (org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

KESSEL, Carlos. Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

GUERRA, Abílio (org.) Texto fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira_v. 1 e 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

XAVIER, Alberto (org.) Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

AMAZÓNIA FELSÍNEA: António José Landi: itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999.

ACAYABA, Marlene. Branco & Preto: uma história do design brasileiro nos anos 50. São Paulo: Instituto Lin Bo e P. M. Brdi, 1994. AMARAL, Aracy A. (org). Architectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial Fondo de Cultura Económica, 1994.

ANELLI, Renato Luiz Sobral. 1925 - Warchavchik e Levi – dois manifestos pela arquitetura moderna no Brasil. Rua 7. Disponível em:

< <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/viewArticle/3129>>. Acesso em: jan 2012.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARGAN, Giulio Carlo. “El revival”. In: _____. El Passado em el Presente: em revival en las artes plásticas, la arquitetura, el cine y el teatro. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 7-28.

AZEVEDO, Militão Augusto de. Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.

BONDUKI, Nabil Georges. Habitação social na vanguarda do movimento moderno no Brasil. Ócolum, Campinas, n. 7/8, p. 85, 1996

_____. Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.

BONDUKI, Nabil Georges (org.) Affonso Eduardo Reidy. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi; Lisboa: Editora Blau, 1999.

CARDOZO, Joaquim. Dois episódios da Arquitetura Moderna Brasileira. Módulo. Revista de Arquitetura e Artes Plásticas. n. 4. Rio de Janeiro, mar. 1956.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.

CASTRO, Ana e MELLO, Joana, “Entre nacionalismos e cosmopolitismos: imagens da metrópole moderna paulistana nas primeiras décadas do século 20”. In: Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (CD-Rom), Niterói, UFF, 2004.

CAVALCANTI, Lauro. As preocupações do Belo. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995

CAVALCANTI, Lauro (org.). Quando o Brasil era Moderno: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. CONDURU, Roberto. Araras Gregas. 19&20. Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em:

http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_conduru.htm.

CORREIA, Telma de Barros. “Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940”. An. mus. paul. [online]. 2008, vol.16, n.2, pp. 47-104. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n2/a03v16n2.pdf>>. Acesso em: jan. 2012.

_____. A construção do habitar moderno no Brasil – 1870-1950. São Paulo: RiMa, 2004.

COSTA, Angela Marques da e SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república : momentos decisivos. São Paulo : Editorial Grijalbo, 1977

COSTA, Lucio. Registro de uma Vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DAHER, Luiz Carlos. Flavio de Carvalho: arquitetura e expressionismo. São Paulo: Projeto, 1982.

FERRAZ, Geraldo. Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925 a 1940. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1965.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O Palacete Paulistano e Outras Formas de Morar da Elite Cafeeira 1867-1918. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GOODWIN, Philip L. Brazil Builds Architecture New and Old 1652 – 1942. Nova Iorque, Museu de Arte Moderna, 1943.

KAMITA, João Massao. Espaço Moderno e País Novo. Arquitetura moderna no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1999.

LAGO, Pedro Corrêa do. Iconografia Paulistana do Século XIX. São Paulo: Metalivros, 1998.

LE CORBUSIER. Preciso sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LEITE, Rui Moreira. Flávio de Carvalho: o artista total. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

Flávio de Carvalho. O arquiteto Modernista em 3 tempos. Óculum. Campinas, n. 2, set. 1992, p 25-34.

_____. Cronologia. In: Exposição Flávio de Carvalho. São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, 1983, pp. 77-83.

LEMOES, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. A República ensina a morar (melhor). São Paulo: Hucitec, 1999.

LEVI, Rino. Arquitetura e Cidade/ Rio Levi; [Renato Anelli (pesquisa e texto); Abílio Guerra (coordenação editorial); Nelson Kon (ensaios fotográficos)]. – São Paulo: Romano Guerra, 2001.

LIERNUR, Jorge Francisco. "The south american way – El milagro brasileño, los Estados Unidos y la segunda guerra mundial (1939-1943)". In: Escritos de arquitectura Del siglo 20 en América Latina. Madrid: Tanais ediciones, 2002.

LIRA, José Correia Tavares. Warchavchik: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. Ruptura e construção: a obra de Gregori Warchavchik, 1917 – 1927. São Paulo, Novos Estudos Cebrap, n. 78, pp. 145 - 167, jul. 2007. Disponível em:< <http://novosestudos.uol.com.br/v1/contents/view/103> >.

LOURENÇO, Maria Cecília Londres da. O patrimônio em processo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ iphan, 1997.

MARINS, Paulo César Garcez. Através da rótula. Sociedade e arquitetura urbana no Brasil, século XVIII a XX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 131-214.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife. Arqtextos, São Paulo, 11.131, Vitruvius, abr 2011. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/11.131/3826> >.

MARTINS, Carlos A. F. Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa (1924-1952). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1987.

MELO, Alcília Afonso de Albuquerque e. Revolução na Arquitetura: Recife, Década de Trinta. Intervenções do Estado sobre a Arquitetura e o Espaço da Cidade de Recife. Teresina, EDUFPI, 2001.

MELLO, Joana; CASTRO, Ana. Inventar o passado, construir o futuro: São Paulo entre nacionalismos e cosmopolitismos nas primeiras décadas do século 20. Pós-Revista do Programa de Pós Graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP (no prelo).

MINDLIN, Henrique E. Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MOREIRA, Pedro. Alexandre Altberg e a Arquitetura Nova no Rio de Janeiro. Vitruvius. Disponível em:< <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.058/484>>.

NOBRE, Ana Luiza; KAMITA, João Masao; LEONÍDIO, Otavio; CONDURU, Roberto (org.). Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NOBRE, Ana Luiza (org.). Lucio Costa. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

PATETTA Luciano. “Los revivals em arquitectura”. In: ARGAN, Giulio Carlo et alt. El Passado em el Presente: em revival en las artes plásticas, la arquitetura, el cine y el teatro. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977, pp. 129-163.

PINHEIRO, Maria Lucia. Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2011. PONTES, José Alfredo Vidigal. São Paulo de Piratininga: de pouso de tropas a metrópole. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

PUPPI, Marcelo. Por uma História não Moderna da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Pontes/CPHA/IFCH, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Racionalismo e proto-modernismo na obra de Victor Dubugras. São Paulo: FBSP, 1997.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de. Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. 1a. ed. Rio de Janeiro: Empresa A Noite, 1941.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: Czajkowski, J. (org.). Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro. 2a. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp.25 – 40.

SAMPAIO, Maria Ruth do Amaral (org.). A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964. São Carlos: RiMa, 2002.

SANTOS, Cecília Rodrigues et alli. Le Corbusier e o Brasil. São Paulo: Projeto, 1987.

SARAIVA, Amadeus de Barros. Prefácio. In: RANZINI, Felisberto. Estilo Colonial Brasileiro. São Paulo: Amadeus de Barros Saraiva, 1927, pp.2-6.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vada Maria Ribeiro. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEVERO, Ricardo. “A Arte Tradicional no Brasil: a casa e o templo” (1914). In: Sociedade de Cultura Artística. Conferências 1914- 1915. São Paulo: Tipographia Levi, 1916.

SILVA, Joana Mello de Carvalho. Raça, meio e tradição: a escrita da história da arquitetura brasileira por Ricardo Severo. Anais I ENANPARQ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/138/138-790-1-SP.pdf>.

_____. O arquiteto e a construção da cidade: a experiência de Jacques Pilon, 1930-1960. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2013.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Cosac & Naify: Duas Cidades, 2004.

TOUCEDA, Adriana Marta Irigoyen. Da Califórnia a São Paulo. Referências norte-americanas na casa moderna paulista 1945-1960. Tese (Doutorado) – FAUUSP, 2005

UMA CIDADE EM QUESTÃO I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro. Texto Irmã Sylvia Arestizabal, Giovanna Rosso Del Brenna, Afonso Carlos Marques dos Santos, Susane Worcman, Roberto Coustet, Mário H. G. Torres, Donato Mello Júnior. Rio de Janeiro: PUC: FUNARTE: Fundação Roberto Marinho, 1979.

VAZ, Rita de Cassia Alves. Luiz Nunes: arquitetura moderna em Pernambuco 1934-1937. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, 1988.

VIEIRA, Lucio Gouvêa. Salão de 1931: marco da revelação da arte moderna em nível nacional. Rio de Janeiro: FUNARTE: Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1984.

WISNIK, Guilherme. Lucio Costa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

WOLFF, Silvia Ferreira dos Santos. Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial: Fapesp, 2002.

XAVIER, Alberto (org.). Lúcio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre: UniRitter Ed, 2007

FILMES SUGERIDOS

MOTTA FILHO, Geraldo. O Risco, Lucio Costa e a Utopia Moderna (2003).

MAGALHÃES, Ana Maria. Lembranças do Futuro (2005).

MARKUN, Paulo; ROIZENBLIT, Sergio. Palácio Gustavo Capanema. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. Biblioteca Mário de Andrade. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. Teatro Municipal. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. Mercado Ver-o-peso. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. Superquadras. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. MAM/ RJ. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

_____. Copromo. Série Arquiteturas. Miração/SESC TV, 2012.

SITES SUGERIDOS

www.vitruvius.com.br

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA CIDADE E DO URBANISMO III – 30 H/A OBJETIVOS

A disciplina desenvolve-se a partir de temas pertinentes ao espaço geográfico e às variadas construções historiográficas sobre o continente americano, de modo a possibilitar às alunas e aos alunos investigarem debates variados que tenham a América como horizonte teórico. Dentro dessas discussões e tomando a sala de aula como tempo e espaço de construção coletiva de conhecimento, a turma será chamada a aprofundar-se sobre as narrativas existentes – veiculadas em fontes documentais, imagéticas, materiais e bibliográficas – e a construir suas próprias, exercitando habilidades essenciais para isso, quais sejam, a leitura coletiva, a análise de texto e a produção monográfica.

EMENTA

Neste semestre, o tema central a ser trabalhado são os povos e grupos étnicos existentes na América antes da invasão europeia e dos derivados processos de colonização. O debate não se centrará necessariamente no recorte temporal anterior à chegada de europeus, tampouco será cronologicamente referente a esse episódio e suas consequências. Dessa forma, abre-se um vasto campo de pesquisa e discussão, que engloba os campos disciplinares da

geografia humana, da antropologia, da arqueologia e da sociologia, bem como da história social e econômica.

METODOLOGIA

As aulas serão majoritariamente espaços de trabalho e reflexão. Ao longo do semestre, alternaremos leituras coletivas – debatendo textos que apresentem vieses possíveis sobre o tema central e criando um território comum de discussão para toda a turma – e momentos de desenvolvimento de pesquisas – com a turma separada em grupos, construindo produções independentes a partir de um roteiro de trabalho proposto e orientado pela professora.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita pela participação nas leituras e debates e pelo desenvolvimento e apresentação final da pesquisa em grupo.

As leituras, em voz alta e coletivas, serão realizadas em sala de aula, sendo os textos indicados no conteúdo programático.

A pesquisa em grupo será realizada principalmente em sala de aula e por meio de atividades extraclasse, conforme as indicações a seguir. Os registros escritos serão feitos em material preparado para esse fim, de modo que sua soma final configure um caderno de pesquisa, contendo o desenvolvimento das atividades do grupo. O trabalho final da pesquisa será entregue no formato de monografia, impressa, mínimo de 8 páginas (sem contar capa e imagens), fonte Arial 12, margens superior e inferior de 2,5 cm, margens esquerda e direita de 3,0 cm, espaçamento 1,5 linha, contendo:

- capa, com nome da disciplina, nome da professora, título do trabalho e nome completo das pessoas do grupo;
- resumo (máximo de 10 linhas);
- três palavras-chave;
- introdução (apresentando a questão, tema ou recorte escolhido);
- justificativa da escolha;
- desenvolvimento;
- conclusão (apontamentos finais);
- bibliografia;
- imagens (se houver, ao final, numeradas e mencionadas por número no texto).

Serão observadas as regras ortográficas e gramaticais da linguagem formal, bem como a padronização das citações, referências e demais elementos do texto, conforme indicações em sala de aula e materiais compartilhados pela professora.

Atividade 1: Definir uma questão que tenha como horizonte o tema central da disciplina e escolher cinco fontes de pesquisa iniciais, indicando o que se busca em cada uma delas. Ao final da aula, cada grupo deve entregar uma cópia do registro dessa atividade por escrito. Cada fonte escolhida deve ser consultada e resenhada para os fins da pesquisa, sendo que esse conjunto de resenhas deve ser entregue no dia da Atividade 2, também em folhas próprias para tal.

Atividade 2: Apresentação interna, em cada grupo, das resenhas feitas e debate sobre como as fontes consultadas contribuíram e podem contribuir para a pesquisa. Ao final da aula, o grupo deve entregar um registro escrito das conclusões desse debate.

Atividade 3: Reformulação ou aprofundamento da questão escolhida, com nova pesquisa e definição de fontes que possam contribuir para as reflexões propostas. Nova seleção de cinco fontes. Ao final da aula, o grupo deve entregar registro escrito da reformulação ou aprofundamento da questão, bem como das novas fontes e o que se busca nelas. As novas resenhas das fontes devem ser entregues no dia da Atividade 4.

Atividade 4: Orientação do andamento da pesquisa com cada grupo. O restante da aula é livre para trabalho.

Atividades 5, 6 e 7: Os grupos trabalharão na produção de sua monografia final. O trabalho se concentrará na escrita de texto e na formatação das monografias.

Importante: Não haverá prova substitutiva ou nivelamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CUNHA, Manuela Carneiro da. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

HEMMING, John. Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. Baré: povo do rio. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. O Karaíba: uma história do pré-Brasil. Barueri: Manole, 2010.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: A representação do índio de Caminha a Vieira*. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Fapesp/Jorge Zahar, 1996.

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: DO PLANO AO ESPAÇO I – 60 H/A

OBJETIVOS

Este curso visa estimular o raciocínio compositivo (forma, proporção, cor) e a percepção espacial dos alunos por meio de exercícios projetuais que relacionem pequenas e médias escalas de intervenção. Para tanto serão propostos exercícios no plano dimensional do papel e do papel para o espaço, até o “não-objeto” a ser desenvolvido tendo vista uma perspectiva urbana contemporânea.

EMENTA

Durante os anos 50 a arte brasileira promoveu uma profunda revisão dos ensinamentos das vanguardas a partir de uma nova realidade urbana e industrial no país. Desenvolvia-se um claro entendimento sobre as potencialidades que se abriam com a crítica à figuração e a supressão do suporte. A arte aproximava-se de especulações espaciais sem vínculos funcionais ou programáticos. As estruturas ambientais de Hélio Oiticica ou Lygia Clark, por exemplo, proporcionaram um tensionamento que até hoje não foi devidamente assimilado dada sua radicalidade. O presente curso busca discutir tais questões, revertendo o debate para uma série de exercícios plástico-espaciais que estabeleçam um diálogo entre arte e arquitetura.

METODOLOGIA

Orientação programada, aulas expositivas e de atelier.

As aulas serão divididas em duas partes. Durante a primeira, um conteúdo teórico será apresentado e debatido com os alunos em seminários, cada aula corresponde a um subtema relacionado ao objetivo proposto; na segunda parte, serão realizados exercícios (a serem desenvolvidos em atelier).

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita mediante presença, participação nos seminários e entrega dos exercícios. Ao final, os alunos devem entregar uma pasta que reúna as entregas de todas as etapas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMARAL, Aracy (org.). Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-62). São Paulo: Pinacoteca, 2015.

BRITO, Ronaldo. Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

PEDROSA, Mário. Arte: ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BANDEIRA, João (org.). Arte concreta paulista: documentos. São Paulo: Cosac Naify, Ceuma, 2002.

FERREIRA, Glória e MELLO, Cecília C. de. Clement Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro: Funarte, 1996.

SCORVINO, Felipe; DUARTE, Paulo Sergio. Lygia Clark: uma retrospectiva. São Paulo: Itaú Cultural, Associação Cultural O mundo de Lygia Clark, 2012.

FIGUEIREDO, Luciano. Helio Oiticica: a pintura depois do quadro. Rio de Janeiro: Sílvia Roesler Edições de Arte, 2008.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO IV – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS III – 30 H/A

OBJETIVOS

- Aprofundar a relação entre a concepção estrutural com a concepção arquitetônica.
- Possibilitar cálculos de esforços externos e internos, de ação e reação, em elementos estruturais.
- Introduzir o conceito de tensões, deformações e deslocamentos, e sua relevância no pré-dimensionamento.
- Conhecer materiais e técnicas de construção e sua relação com a Arquitetura.
- Promover o envolvimento do aluno com o meio construído e com a obra.

EMENTA

Promover a percepção do comportamento estático e a compreensão dos fenômenos estruturais, a partir da problematização de conceitos teóricos elaborados. Análise de obras e edificações construídas.

METODOLOGIA

O curso será composto de aulas expositivas (teóricas), aulas práticas (exercícios individuais e em grupo) e visitas às obras.

As aulas expositivas serão sempre ilustradas com projeção de imagens, enquanto as aulas práticas serão desenvolvidas no estúdio, durante o período de aula, com acompanhamento e orientação dos professores.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A presença nas aulas será imprescindível para a avaliação e para o bom desempenho do aluno. A avaliação será feita através dos produtos apresentados em cada etapa de trabalho, como:

- listas de exercícios (avaliação contínua) (variam de 0 a 1,0 ponto)
- análise dos modelos produzidos (variam de 0 a 1,5 pontos)
- relatórios de visitas a obras (variam de 0 a 1,5 pontos)
- pesquisa em grupo sobre tensões dos materiais (variam de 0 a 1,0 ponto)
- provas individuais (duas, que variam de 0 a 2,5, resultando um total de 0 a 5,0)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOTELHO, M. H. C. Resistência dos materiais para entender e gostar. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 2008.

REBELLO, Yopanan C. P. Bases para projeto estrutural. São Paulo: Zigurate Editora, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHING, Francis D.K. Arquitetura, forma, espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENGEL, Heino. Sistemas estruturais. Madrid: Editora Blume, 1970.

LAMBERTS, R. et al Eficiência energética na Arquitetura. São Paulo: PW Editores, 1997

REBELLO, Yopanan C. P. A concepção estrutural e a arquitetura. São Paulo: Zigurate Editora, 2000.

RIPPER Ernesto. Como evitar erros na construção. São Paulo: PINI, 1984.

SALVADORI, Mario. Por que os edifícios ficam em pé. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WALID, Yazigi. A técnica de edificar - 14ª Ed. São Paulo: Editora Pini, 2014.

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO V – 100 H/A

OBJETIVOS

Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais.

Subsidiar o aluno para o enfrentamento das questões projetuais colocadas no Estúdio Vertical, capacitando-o a engajar-se no processo de elaboração do projeto e desenvolver seu grau de participação efetiva no trabalho coletivo.

Introduzir o aluno ao conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar, anteprojeto, projeto executivo e detalhamento.

Permitir o desenvolvimento da expressão do aluno a partir da realização de um projeto individualmente.

EMENTA

O curso baseia-se em leituras de projetos exemplares e emblemáticos relacionados ao tema da habitação, considerando sua associação com os demais programas complementares e sua relação com o meio; são propostos exercícios práticos sobre o mesmo tema.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARTIGAS, João Baptista Vilanova. Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros. São Paulo, Ed. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi & Fundação Vilanova Artigas, 1997.

ARTIGAS, Rosa (org.). 2000. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo, Cosac&Naify.

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: Registro de uma Vivência. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio. Rino Levi: Arquitetura e Cidade. São Paulo: Romano Guerra, 2001.

ARTIGAS, Rosa (org). Paulo Mendes da Rocha: projetos 1999-2006 vol.2. São Paulo, Cosac&Naify, 2007.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei de Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (ed.). A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964. São Paulo: Rima: FAPESP, 2002.

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO II (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;
- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1a edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENHO URBANO I – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola da Cidade realiza anualmente o **Seminário Internacional**, voltado aos estudantes da Escola e aberto a alunos de outras faculdades, arquitetos, além de demais interessados. O Seminário se propõe a complementar e qualificar a formação de estudantes e arquitetos, em projeto urbano.

É um evento acadêmico, gratuito, dirigido a toda a comunidade, com realização de palestras e workshops em conjunto com tradicionais instituições de ensino e renomados escritórios de arquitetura parceiros na organização. Já participaram do evento vários arquitetos convidados de países diversos, como Itália, China, Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Dinamarca, Áustria, Portugal, entre outros.

EMENTA

O Seminário Internacional é um dos eventos mais significativos e celebrados na Escola da Cidade, pois uma vez ao ano, durante uma semana, a Faculdade recebe convidados nacionais e internacionais de reconhecido prestígio e organiza conferências e debates abertos ao público, workshops e dinâmicas especiais entre alunos, professores e público interessado, estudando com profundidade um tema contemporâneo.

Desde 2015, o evento passou a contar com a parceria do Sesc São Paulo.

Edições realizadas

2003 – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Oficina da Cidade (de 29.09 a 04.10)

2006 – II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Encontro dos Rios (de 17 a 22.04)

2007 – III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – A Cidade e seus Narradores – Oficina Mir(i)adas – Arquitetura, Arte e Cidade (de 1 a 5 de outubro)

2009 – IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Baixada do Glicério (de 3 a 10 de outubro)

2010 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – ESPAÑA NA CIDADE (de 10 a 16 de abril)

2011 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Habitação e Educação na Cidade Contemporânea (de 2 a 9 de abril)

2012 – VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Área Tiquatira 2 (de 25 a 31 de março)

2013 – VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – HIDROANEL METROPOLITANO DE SÃO PAULO (de 8 a 12 de abril)

2014 – IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCOLA DA CIDADE – HABITAÇÃO – INFRAESTRUTURA, ESPAÇO PÚBLICO E GESTÃO (de 30 de março a 04 de abril)

2015 – X SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Tempo Livre na Cidade (parceria do Sesc São Paulo) – (de 23 a 27 de março)

2016 – XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL Espaço Livre na Cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 11 a 15 de abril)

2017 – CONTRA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Conduas: Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 4 a 8 de abril)

2018 – XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Arquitetura é forma de conhecer (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 24 de fevereiro a 02 de março)

2019 – XIV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Ainda o direito à cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 16 de fevereiro a 23 de fevereiro)

2020 – XV seminário internacional da escola da cidade – espaços para respirar: projetos para são paulo

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE CULTURA E REALIDADE CONTEMPÔRANEA IV – 30 H/A OBJETIVOS

O seminário tem como finalidade discutir questões que dizem respeito à realidade contemporânea, de modo multidisciplinar. Este curso visa contribuir para formar (despertar)

intelectualmente os alunos para questões mais amplas da sociedade em que eles devem atuar.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

METODOLOGIA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

3º ANO – 6º SEMESTRE

DISCIPLINA: INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE – 60 H/A

OBJETIVOS

Compreender as formas, lógicas, processos e referências de planejamento, projeto e implantação das infraestruturas e suas implicações, em influências mútuas, nas formas de crescimento e expansão urbana, por meio do exercício de planejamento e projeto de equipamentos de infraestrutura e reestruturação de territórios urbanos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explorar os processos de estruturação urbana, metropolitana e regional com ênfase nas ações de Parcelamento - traçados viários e de transportes, na divisão de quadras e lotes, em sua articulação com os sistemas de Infraestrutura - saneamento, drenagem, e com os sistemas Edifícios (moradia, comércio, produção, lazer). Compreender sua interdependência por meio do exercício projetual.

Explorar os fatores de conexão, articulação, continuidade, comunicação e estruturação do território a partir do planejamento e projeto de infraestruturas destacando a inter-relação:

- _ com as escalas territoriais – urbana, metropolitana e regional;
- _ com os três componentes da forma urbana, destacando-se os traçados resultantes (urbanização, parcelamento do solo e edificação) e seus conteúdos socioeconômicos;
- _ com as legislações urbanísticas e ambientais que orientam o projeto e a proteção dos

sistemas;

_ com os sistemas naturais como suporte da qualidade urbana e ambiental (geomorfologia, sistemas hídricos, sistemas de unidades de conservação, sistemas de espaços verdes públicos);

Relações estas, que juntamente com aquelas já estudadas nas disciplinas precedentes, vêm configurando a estrutura, a forma e a paisagem das cidades.

EMENTA

_ Aspectos conceituais e técnicos para estudo de implantação de infraestruturas: estudo de caso de aeroportos.

_ Densidade urbana e parâmetros referenciais de parcelamento, uso e ocupação do solo e suas implicações na forma urbana.

_ Aspectos ambientais e socioeconômicos para implantação de infraestruturas.

_ Planejamento e projeto da infraestrutura nas escalas regional, metropolitana, municipal e local.

_ Aspectos funcionais de planejamento e projeto de infraestrutura: integração de modais.

_ Experiências nacionais e internacionais de projetos urbanos para territórios com até 200ha.

_ Legislação urbanística, ambiental e normas técnicas para planejamento de infraestruturas.

METODOLOGIA

Os conteúdos principais e referenciais serão tratados:

- em aulas expositivas realizadas pelos professores e eventualmente por convidados externos;
- na apresentação e discussão de textos selecionados e respectivos debates em sala de aula;
- na leitura da bibliografia básica e complementar apresentadas neste plano de curso;
- em debates sobre temas contemporâneos que serão realizados com os alunos de toda a sequência de urbanismo e também nas disciplinas individuais e seus cruzamentos por ano.

Para que o aluno adquira e amplie seus conhecimentos sobre o planejamento e projeto da infraestrutura e suas implicações na forma e nos conteúdos urbanos, bem como, para que se explore o exercício projetual, como processo de investigação e aplicação de conceitos e de técnicas urbanísticas e suas relações com o território, serão realizadas as seguintes atividades:

- estudo de referências conceituais por meio de aulas expositivas e debates em classe (após a leitura dos textos sugeridos);

- apresentação e discussão de filmes/vídeos;
 - estudos de caso de referências projetuais seminários e debates;
 - utilização de laboratório de informática, biblioteca e manejo de banco de dados para fins de desenvolvimento dos estudos e seminários;
 - consulta a órgãos públicos sobre a legislação urbanística incidente e sobre projetos previstos para o local;
- realização de visitas de campo na região / local de estudos.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados com duas notas: uma nota coletiva (a partir do resultado dos trabalhos realizados em grupo) e uma nota individual.

Os trabalhos serão avaliados quanto a:

- Qualidade da pesquisa: fontes e referências utilizadas, forma de tratamento dos dados.
- Qualidade da análise: capacidade crítica de identificar problemas, potencialidades, interfaces temáticas e entre escalas, além da abordagem e da forma de expressão, considerando a capacidade de cotejar as referências analisadas e sua aplicação/tradução nos estudos.
- Qualidade da proposição: emprego de conceitos e técnicas projetuais de forma coerente com a estratégia projetual delineada.
- Forma de apresentação: recursos gráficos utilizados, clareza e concisão.

Os alunos serão avaliados quanto a:

- Assiduidade nas aulas e no desenvolvimento do exercício em sala de aula.
- Participação nas aulas por meio de dúvidas, comentários e esclarecimentos que demonstrem o real envolvimento do aluno.

Forma de avaliação

Nota Final do semestre = [Nota trabalhos em grupo * 0,7] + [Nota individual * 0,3]

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SECCHI, BERNARDO. Primeira Lição de Urbanismo (trad. Marisa Barda e Pedro M.R.Sales). São Paulo: Perspectiva, 2006.

SOLÀ-MORALES, Manuel de. Las formas de crecimiento urbano. Barcelona: Edicions UPC, 1993.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intraurbano no Brasil. São Paulo: Editora Nobel, 1998.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

AB'SABER, Aziz, Nacib. São Paulo: ensaios entreveros. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

ANDRADE, Vitor; LINKE, C. Cunha. Cidades de Pedestres: a caminhabilidade no Brasil e no mundo. São Paulo: Ed. Babilônia, 2017.

ANELLI, Renato Luiz Sobral. Urbanização em rede: os Corredores de Atividades Múltiplas do PUB e os projetos de reurbanização da EMURB em São Paulo (1972-82). In: Arqtextos nº 088.01. São Paulo: Portal Vitruvius, 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>>.

_____. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. In: Arqtextos 082.00. São Paulo, Portal Vitruvius, 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/07.082/259>>.

BOHIGAS, O. Reconstrucción de Barcelona. Madrid: Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, 1986.

BOARETO, Renato (Org.) A Bicicleta e as Cidades: como inserir a bicicleta na política de mobilidade urbana. São Paulo: IEMA - Instituto de Energia e Meio Ambiente/TC Urbes, 2010.

BOGÉA, Marta. Cidade Errante - Arquitetura Em Movimento. São Paulo: SENAC, 2009

BRAGA, Milton Liebenritt de Almeida. Infraestrutura e Projeto Urbano. São Paulo: FAUUSP, 2006.

BUCHANAN, Colin. Traffic in Towns: The specially shortened edition of the Buchanan Report. Harmondsworth: Penguin Books, 1964.

DEÁK, Csaba "Elementos de uma política de transporte público em São Paulo". – in: Espaço & Debates 30, São Paulo: NERU, 1990.

HARVEY, DAVID. A condição Pós-Moderna. Edições Loyola, 1996.

HERCE, M. Infraestructuras e Médio Ambiente I, Urbanismo, Territorio e Redes de Servicio. Barcelona. Editorial UPC, 2010.

HERCE, M. O negócio da cidade. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD, 2015

HERCE, M. Sobre La Movilidad en la ciudad. Barcelona-Buenos Aires: Ed. Reverté, , 2005

HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. Arquitetura da Mobilidade e Espaço urbano. São Paulo: FAUUSP, 2016. (Tese de Doutorado)

GEHL, Ian. Cidades para Pessoas. São Paulo, Perspectiva, 2ª ed., 2013.

LAGRECA DE SALES, Marta Maria: Territórios de Intermediação: uma hipótese para a análise e o projeto da cidade contemporânea. Tese de Doutorado: FAUUSP, São Paulo, 2008.

LANGENBUCH, Juerguen Ernest. A Estruturação da Grande São Paulo. São Paulo: Fundação IBGE, 1971.

LIMA, Zeuler. Enclaves globais em São Paulo: urbanização sem urbanismo? Vitruvius - Arquitectos, no 059.02, 2005. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/arquitectos/arq059/arq059_02.asp (acesso em 10 de janeiro de 2008).

MEYER Regina M. P., GROSTEIN, Marta D. e BIDERMAN, Ciro. São Paulo: A Leste do Centro – Territórios do Urbanismo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

MONTANDON, Daniel Todtmann. Operações Urbanas em São Paulo: da negociação financeira ao compartilhamento equitativo de custos e benefícios. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAUUSP, 2009.

NUNES, T., ROSA, J. S, MORAES, R. F. (org.). Sustentabilidade urbana: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes Textos para as discussões da Rio+20 2012I. Mobilidade Urbana. Vol. 1. Brasília: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2015

SANTOS, Milton. Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, Milton e SILVEIRA M. Laura. O Brasil. Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SALES, Pedro M. R. Operações Urbanas em São Paulo: Crítica, plano e projetos. Parte 3 - Operações Urbanas: plano-referência e proposições. Vitruvius - Arquitectos n. 60, 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitectos/arq000/esp305.asp> (acesso em 10 de julho de 2007).

SILVEIRA, T. P. Chicago; São Paulo: contribuição ao estudo do transporte coletivo no processo de urbanização. Dissertação. São Paulo: FAUSP, 2008

SECCHI B., VIGANÓ, P. La Ville poreuse: un projet pour le grand Paris et la métropole de l'après-Kyoto. Genève: Metis Press, 2011

VASCONCELOS, E. Transporte urbano em países em desenvolvimento: reflexões e propostas. São Paulo: Annablume, 2000.

REFERENCIAS NORMATIVAS

BRASIL. Lei nº 6.766 de 19 de Dezembro de 1979. Parcelamento do Solo Urbano. Brasília: [S.n], 1979.

BRASIL. Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade. Brasília: [S.n], 2001.

BRASIL. Lei nº 11.445 de 5 de Janeiro de 2007. Política Nacional de Saneamento Básico. Brasília: [S.n], 2007.

BRASIL. Lei nº 11.977 de 7 de Julho de 2009. Regularização fundiária de interesse social. Brasília: [S.n], 2009.

BRASIL. Lei nº 12.587 de 3 de Janeiro de 2012. Política Nacional de Mobilidade Urbana. Brasília: [S.n], 2012.

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de Abril de 2012. Política Nacional de Proteção e Defesa Civil. Brasília: [S.n], 2012.

BRASIL. Lei nº 12.651 de 25 de Maio de 2012. Proteção da vegetação nativa (novo código florestal). Brasília: [S.n], 2012.

SÃO PAULO. Lei nº 16.050 de 31 de julho de 2014. Plano Diretor Estratégico, 2014.

SÃO PAULO. Lei 16.402 de 22 de março de 2016. Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, 2016.

SÃO PAULO, Governo do Estado de São Paulo. Plano Integrado de Transportes Urbanos 2025. São Paulo: GESP, 2006

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO VI – 30 H/A

OBJETIVOS

Gerais:

1. Perceber a importância da história e da teoria da arquitetura dentro dos diversos conhecimentos necessários à síntese que leva ao projeto.
2. Interpretar as experiências históricas considerando que a arquitetura mantém uma relação com outras práticas sociais e culturais.
3. Apontar a pluralidade de investigações e realizações arquitetônicas que marcaram a produção nacional no período pós-Brasília, de modo a compreender os caminhos de revisão da arquitetura moderna no país.

Específicos:

1. Analisar e formular um quadro teórico referencial da produção e da historiografia arquitetônica no Brasil no período pós-Brasília por meio da abordagem de alguns temas gerais: arquitetura e modernidade; arquitetura e técnica; arquitetura e indústria; arquitetura e habitação.

EMENTA

Panorama crítico da história e teoria da arquitetura do Brasil na segunda metade do século XX, no qual se enfoca o contexto, as especificidades, as diferenças, as permanências e as mudanças na produção arquitetônica e historiográfica local do período.

METODOLOGIA

Aulas expositivas com projeção de imagens e debates embasados em discussões de textos de história e teoria da arquitetura, que fornecerão os conteúdos de base para as provas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BASTOS, Maria Alice Junqueira. Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira: discurso, prática e pensamento. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003.

GUERRA, Abílio (Org.) Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira_parte 1 e 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1999.

GOODWIN, Philip L. Brazil Builds Architecture New and Old 1652 – 1942. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 1943.

GOODWIN, Philip L. Brazil Builds Architecture New and Old 1652 – 1942. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 1943.

KOURY, Ana Paula. Grupo Arquitetura Nova. Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro. São Paulo: Romano Guerra Editora: EDUSP: FAPESP: 2003.

XAVIER, Alberto (Org.) Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Otilia B. Fiori. Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. São Paulo: Edusp, 1988.

_____. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Edusp, 1995.

ARANTES, Otilia. O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos. São Paulo: Edusp, 2000.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: vozes, 2000.

ARQUITETURA E DESENVOLVIMENTO NACIONAL: DEPOIMENTOS DE ARQUITETOS PAULISTAS. São Paulo: Pini, 1979.

ARQUITETURAS NO BRASIL, ANOS 80. [São Paulo]: Projeto, [1988?].

ARTIGAS, João Vilanova. Vilanova Artigas. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi: Fundação Vilanova Artigas, 1997.

_____. Caminhos da Arquitetura. Cosac Naify, 2004.

ARTIGAS, Rosa (org.). Casas de Artigas. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas, 1993.

BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994

_____. Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 377-396

BOLLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. Comunicação para a XXVII SBPC, julho, 1975

(mimeo.). Também publicado em MARICATO, Ermínia. (org). A produção capitalista da casa (e da cidade). São Paulo, Alfa-ômega, 1982.

_____. “Os mitos sobre o problema da habitação”. Espaço e Debates, n.17, ano VI, 1986.

BRAGA, Milton Liebenritt de Almeida. O concurso de Brasília: as sete propostas premiadas. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

BUZZAR, Miguel Antônio. João Batista Vilanova Artigas. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1996.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. Arquitetura em revista : arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960). Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005.

CARVALHO, Caio Santo Amore de. Lupa e telescópio : o mutirão em foco, São Paulo, anos 90 e atualidade. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2004.

CAVALCANTI, Lauro; LAGO, André Corrêa do. Ainda moderno? Arquitetura Contemporânea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CIUCCI, Giorgi. “The invention of Modern Movement”. In: HAYS, K. Michael (ed.). Oppositions Reader. New York: Princeton Architectural Press: 1998, pp. 553-575.

COTRIM, Márcio. A casinha de Artigas: reflexos e transitoriedade. http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq061/arq061_01.asp, consultado 14/09/2005.

EKERMAN, Sérgio Kopinski. Um quebra-cabeça chamado Lelé. Arquitextos, nº 64.03. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq064/arq064_03.asp. Acesso em: out. 2006

FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene. Arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Projeto, 1982.

FERRO, Sérgio. Arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

FORTY, A. e ANDREOLI, E. (Orgs.). Arquitetura Moderna Brasileira. Londres: Phaidon, 2004.

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

GORELIK, Adrián. Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOLSTON, James. A Cidade Modernista – Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

IRIGOYEN, Adriana. Wright e Artigas: duas viagens. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ). São Paulo: Instituto Lina e P. M. Bardi e Editorial Blau, 1999.

KAMITA, João Massao. Vilanova Artigas. São Paulo: Cosac&Naify, 2000

KOURY, Ana Paula. Arquitetura construtiva proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005.

_____. Arquitetura construtiva: proposições para a produção da arquitetura no Brasil 1960-1970. Projeto História, São Paulo, n.34, p. 189-203, jun. 2007. Disponível em:< <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2473/1568>>. Acesso em: jul.2011.

LIERNUR, Jorge Francisco. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda-Guerra Mundial –1939-1943”. In: GUERRA, Abílio (Org.) Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira_parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 169-217.

_____. “Vanguardistas versus especialistas”. Buenos Aires. Block, n. 6, mar. 2004, pp.18-39..

LOPES, João Marcos de Almeida. Sobre Arquitetos e Sem Tetos. Livre- docência. Universidade de São Paulo USP, Brasil, 2011.

MARTINS Carlos. Construir uma arquitetura, construir um país. In: SCHWARZ, Jorge (org). Da Antropofagia à Brasília. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARICATO, Ermínia. Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro à crise econômica. Petrópolis, Vozes, 1987.

MOURA, André Drummond Soares de. Novas soluções, velhas contradições: a dinâmica cíclica da industrialização em sua forma canteiro. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2011.

NESBITT, Kate. Uma Nova Agenda para a Arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

NOBRE, Ana Luiza de Souza. Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950 – 70). Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008

OCKMAN, Joan. (ed.) Architecture Culture, 1943-1968. New York: Columbia University Press, 1996.

PAPADAKI, Stamo. Oscar Niemeyer. New York: Georg Braziller, 1960.

PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília, AMARAL, Aracy [org.]. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PORTELA, Eulália Negrelos. Remodelação de bairros populares em São Paulo e Madrid. 1975/1992. Projeto e Participação Popular. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1998.

RIGOTTI, Ana María. Brazil deceives. Block, Buenos Aires, n. 4, dez. 1999, p. 78-86.

RONCONI, Reginaldo. Produção de Habitações em regime de mutirão com gerenciamento do usuário : o caso do FUNAPS.

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1995.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Tensão moderno/ popular em Lina Bo Bardi: nexos de arquitetura. Arqtextos.

Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.032/717>. Acesso em: jul. 2011.

RUBINO, Silvana Barbosa. Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947 – 1968. Tese (doutorado). Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2002.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Otilia B. Fiori. Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. São Paulo: Edusp, 1988.

_____. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Edusp, 1995.

ARANTES, Otilia. O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos. São Paulo: Edusp, 2000.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: vozes, 2000.

ARQUITETURA E DESENVOLVIMENTO NACIONAL: DEPOIMENTOS DE ARQUITETOS PAULISTAS. São Paulo: Pini, 1979.

ARQUITETURAS NO BRASIL, ANOS 80. [São Paulo]: Projeto, [1988?].

ARTIGAS, João Vilanova. Vilanova Artigas. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi: Fundação Vilanova Artigas, 1997.

_____. Caminhos da Arquitetura. Cosac Naify, 2004.

ARTIGAS, Rosa (org.). Casas de Artigas. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas, 1993.

BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994

_____. Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 377-396

BOLLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. Comunicação para a XXVII SBPC, julho, 1975

(mimeo.). Também publicado em MARICATO, Ermínia. (org). A produção capitalista da casa (e da cidade). São Paulo, Alfa-ômega, 1982.

_____. “Os mitos sobre o problema da habitação”. Espaço e Debates, n.17, ano VI, 1986.

BRAGA, Milton Liebenritt de Almeida. O concurso de Brasília: as sete propostas premiadas. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

BUZZAR, Miguel Antônio. João Batista Vilanova Artigas. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1996.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. Arquitetura em revista : arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960). Tese (Doutorado). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005.

CARVALHO, Caio Santo Amore de. Lupa e telescópio : o mutirão em foco, São Paulo, anos 90 e atualidade. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2004.

CAVALCANTI, Lauro; LAGO, André Corrêa do. Ainda moderno? Arquitetura Contemporânea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CIUCCI, Giorgi. “The invention of Modern Movement”. In: HAYS, K. Michael (ed.). Oppositions Reader. New York: Princeton Architectural Press: 1998, pp. 553-575.

COTRIM, Márcio. A casinha de Artigas: reflexos e transitoriedade. http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq061/arq061_01.asp, consultado 14/09/2005.

EKERMAN, Sérgio Kopinski. Um quebra-cabeça chamado Lelé. Arquitectos, nº 64.03. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq064/arq064_03.asp. Acesso em: out. 2006

FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene. Arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Projeto, 1982.

FERRO, Sérgio. Arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

FORTY, A. e ANDREOLI, E. (Orgs.). Arquitetura Moderna Brasileira. Londres: Phaidon, 2004.

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

GORELIK, Adrián. Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOLSTON, James. A Cidade Modernista – Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

IRIGOYEN, Adriana. Wright e Artigas: duas viagens. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ). São Paulo: Instituto Lina e P. M. Bardi e Editorial Blau, 1999.

KAMITA, João Massao. Vilanova Artigas. São Paulo: Cosac&Naify, 2000

KOURY, Ana Paula. Arquitetura construtiva proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005.

_____. Arquitetura construtiva: proposições para a produção da arquitetura no Brasil 1960-1970. Projeto História, São Paulo, n.34, p. 189-203, jun. 2007. Disponível em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2473/1568>>. Acesso em: jul.2011.

LIERNUR, Jorge Francisco. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda-Guerra Mundial –1939-1943”. In: GUERRA, Abílio (Org.) Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira_parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 169-217.

_____. “Vanguardistas versus especialistas”. Buenos Aires. Block, n. 6, mar. 2004, pp.18-39..

LOPES, João Marcos de Almeida. Sobre Arquitetos e Sem Tetos. Livre- docência. Universidade de São Paulo USP, Brasil, 2011.

MARTINS Carlos. Construir uma arquitetura, construir um país. In: SCHWARZ, Jorge (org). Da Antropofagia à Brasília. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARICATO, Ermínia. Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro à crise econômica. Petrópolis, Vozes, 1987.

MOURA, André Drummond Soares de. Novas soluções, velhas contradições: a dinâmica cíclica da industrialização em sua forma canteiro. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2011.

NESBITT, Kate. Uma Nova Agenda para a Arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

NOBRE, Ana Luiza de Souza. Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950 – 70). Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Departamento de História da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008

OCKMAN, Joan. (ed.) Architecture Culture, 1943-1968. New York: Columbia University Press, 1996.

PAPADAKI, Stamo. Oscar Niemeyer. New York: Georg Braziller, 1960.

PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília, AMARAL, Aracy [org.]. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PORTELA, Eulália Negrelos. Remodelação de bairros populares em São Paulo e Madrid. 1975/1992. Projeto e Participação Popular. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1998.

RIGOTTI, Ana María. Brazil deceives. Block, Buenos Aires, n. 4, dez. 1999, p. 78-86.

RONCONI, Reginaldo. Produção de Habitações em regime de mutirão com gerenciamento do usuário : o caso do FUNAPS.

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1995.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Tensão moderno/ popular em Lina Bo Bardi: nexos de arquitetura. Arqtextos.

Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.032/717>. Acesso em: jul. 2011.

RUBINO, Silvana Barbosa. Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947 – 1968. Tese (doutorado). Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2002.

_____. Uma arquiteta, duas capitais, dois projetos de museu: o Museu de Arte de São Paulo e o Solar do Unhão. Docomomo 5. Disponível em:<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/146R.pdf>. Acesso em: 10 out. 2009.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Org.). Lina por escrito. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SACHES, Céline. São Paulo: Políticas Públicas e Habitação Popular. São Paulo, EDUSP, 1999.

SOUZA, Diego Beja Inglez de. Reconstruindo Cajueiro Seco: arquitetura, política social e cultura popular em Pernambuco (1960-64). Disponível em:<<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/170.pdf>>. Acesso: jul. 2011.

_____. Reconstruindo Cajueiro Seco. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.

TASCHNER, Suzana Pasternak. Política Habitacional no Brasil: Retrospectivas e Perspectivas. Cadernos de pesquisa do LAP, n. 21, São Paulo, FAUUSP, set. out. 1997.

TAVARES, Jeferson C. Projetos para Brasília e a Cultura Nacional. Dissertação de Mestrado, EESC/USP, ago. 2004.

TINEM, Nelci. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Editora Manufatura, 2002.

UNDERWOOD, David. Oscar Niemeyer e o Modernismo de Formas Livres no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WISNIK, Guilherme. Lucio Costa. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

_____. Formalismo e Tradição: a arquitetura moderna brasileira e sua recepção crítica. Dissertação (Mestrado em história). Departamento de História da FFLCH USP, 2003.

_____. “Modernidade congênita”. In: Arquitetura Moderna Brasileira. Londres: Phaidon Press, 2004.

XAVIER, Alberto. Arquitetura moderna em Curitiba. São Paulo: PINI: Fundação Cultural de Curitiba, 1985.

_____. Arquitetura moderna em Porto Alegre. São Paulo: PINI: FAUFRGS, 1987.

FILMES SUGERIDOS

Brasília, Contradições de uma Cidade Nova (1967), do cineasta Joaquim Pedro de Andrade. Conterrâneos Velhos de Guerra (1991), Vladimir Carvalho.

SITES SUGERIDOS

www.vitruvius.com.br

www.docomomo.org.br

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE III – 30 H/A

OBJETIVOS

Possibilitar a discussão da ideia de nacional por meio da análise de obras de artistas chave para a arte produzida no Brasil; o desenvolvimento da capacidade de análise das obras por meio de registros fotográficos e seus recortes particulares; de prontidão para análise e argumentação sobre obras discutidas em aula, da capacidade de estabelecer relações entre compreensões das produções teóricas e as obras analisadas e de uma escrita ao mesmo tempo clara e reflexiva.

EMENTA

O curso propõe a discussão da ideia de arte brasileira ou nacional a partir da leitura e discussão de textos de e sobre artistas significativos para a produção de artes visuais no Brasil, em função de uma investigação acerca dos principais questionamentos produzidos pelas produções escolhidas para a discussão.

METODOLOGIA

Aulas dialogais com projeção de imagens e debates embasados em discussões de textos de história e de teoria da arte no Brasil. Compreende-se neste exercício o desenvolvimento da capacidade de observação de características formais das obras e da discussão da

interpretação pessoal com base na observação e ponderação dos argumentos e temas debatidos em aula assim como a partir das leituras propostas.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados por meio de uma série de três situações previstas para a escrita de análise de obra, compondo média final (1+1+2 por 4=MF).

Todos os exercícios priorizam o desenvolvimento e avaliação da análise de objeto (trabalho de arte) enquanto competência de pensamento/escrita.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERREIRA, Gloria (org.). Escritos de Artistas. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GIUFRIDA, Guilherme e VARRICHIO, Jessica (org.). Onde está Pedro Américo. São Paulo: Museu do Louvre Pau Brazil, 2018.

NAVES, Rodrigo. A forma difícil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FABRIS, Annateresa. Monumento a Ramos de Azevedo, do concurso ao exílio. São Paulo: Mercado de letras, 1997.

TONETTI, Ana Carolina ET AL. (org.) Contracondutas. São Paulo: Editora da Cidade, 2018.

SALZSTEIN, Sonia. (org.). Modernismos: Ensaio sobre política, história e economia, T.J. CLARK. São Paulo: CosacNaif. 2007.

SCHWARZ, Roberto. Que horas são? Ensaio. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ZILIO, Carlos. A querela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari: 1922-1945. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

AMARAL, Aracy. Artes plásticas na Semana de 22. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Editora 34, 1998.

BANDEIRA, João (org.). Arte concreta paulista: documentos. São Paulo: Cosac e Naify/CEUMA-Usp, 2002.

BRITO, Ronaldo. "A Semana de 22: o trauma do moderno" in: Sete Ensaio sobre o Modernismo. RJ, Funarte, 1983.

MAMMI, Lorenzo. O que resta. Arte e crítica de arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAVES, Rodrigo. O vento e o moinho. Ensaios sobre arte moderna e contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OSORIO, Luiz Camilo. “Brasil multiplicado”, 35º Panorama da Arte Brasileira, MAM-SP.

ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo, 1984, 2 volumes.

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: DO PLANO AO ESPAÇO II

– 60 H/A

OBJETIVOS

Promover discussões e aprofundamento de temas que estreitem a relação entre arte e arquitetura buscando a uma ampliação do repertório do aluno através de exercícios de leitura de textos, escrita, desenho, e outras mídias que operem tanto como experimentação gráfica, quanto síntese capaz de informar a intenções projetuais ao se intervir num meio específico.

Incentivar a busca e a descoberta de técnicas específicas e estratégias necessárias para o desenvolvimento dos exercícios propostos.

Trabalhar a relação interdisciplinar das artes através de uma prática espacial crítica, valorizando o processo de produção e construção de discurso imagético e textual, e sua importância na reflexão do trabalho final.

Possibilitar o desenvolvimento, por parte dos estudantes, de uma postura articuladora de saberes para criação e solução de problemas formais e conceituais.

EMENTA

O desenho, em sentido ampliado, como instrumento de reflexão, como proposição crítica, como forma de pensamento.

METODOLOGIA

Orientação programada, aulas expositivas e de atelier, visitas a galerias e museus.

As aulas serão divididas em duas partes. Durante a primeira, um conteúdo teórico será apresentado e debatido com os alunos em seminários, cada aula corresponde a um subtema relacionado ao objetivo proposto; na segunda parte, serão realizados exercícios (a serem desenvolvidos em atelier).

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Avaliação será feita mediante a participação nas discussões e entrega dos exercícios.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARDI, Pietro Maria. 40 anos do MASP. São Paulo: Editora Raízes, 1986.

CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Maris de. Histórias das exposições: casos exemplares.

São Paulo: EDUC, 2015.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no Campo Ampliado, in Revista Gávea, Rio de Janeiro,

2012, fev./mar., no.07

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Bebeu. Expografia brasileira contemporânea: Rio São Francisco navegado por

Ronaldo Fraga. São Paulo: dissertação de mestrado FAU USP, 2014.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

FARKAS, Solange Oliveira. Joseph Beuys: a revolução somos nós. São Paulo: edições

SESC, 2012.

FERREIRA; COTRIN. Escritos de artistas – anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

2006.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva. Rio de Janeiro: Casa da Palavra,

2003.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

OITICICA FILHO, César. Hélio Oiticica: o museu é o mundo. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2011.

SARTORELLI, César Augusto. Arquitetura de exposições: Lina Bo Bardi e Gisela Magalhães.

São Paulo: Edições Sesc, 2019.

Vários autores. Jovens arquitetos, Revista Monolito, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1984, no.01.

pp. 87-93.

WISNIK, Guilherme; MARIUTTI, Julio. Espaço em obra. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO V – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS IV – 30 H/A

OBJETIVOS

Gerais

Conhecer a influência dos solos e das fundações no desenvolvimento dos projetos arquitetônicos.

Entender o funcionamento dos mecanismos dos esforços e resistências dos solos e das peças estruturais submetidas a carregamentos.

Conhecer a alvenaria estrutural como elemento arquitetônico e estrutural

Aplicar os conhecimentos adquiridos dos materiais e dos sistemas estruturais em projetos arquitetônicos.

Específicos

Conhecer fundamentos estruturais dos solos e das fundações aplicados à arquitetura e às construções.

Entender a relação entre a topografia, os solos e as soluções estruturais das fundações e contenções.

Saber utilizar os conhecimentos adquiridos na concepção de projetos arquitetônicos.

EMENTA

Solo, topografia e materiais de construção como elementos conformadores do objeto arquitetônico.

METODOLOGIA

- aulas expositivas
- estudo de casos
- desenvolvimento e análise de modelos

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- Atividades individuais e em grupo sobre Topografia
- Relatórios de visitas a obras

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- LOCH, C. CORDINI, J. Topografia contemporânea: planimetria. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007
- McCormac, Jack C. Topografia. Rio de Janeiro : LTC, 2010.
- SALVATORI, Mario. Por que os edifícios ficam de pé. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BORGES, Alberto de Campos . “Prática das pequenas construções”. Vol. 1, 9ª edição. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.
- BORGES, Alberto de Campos. “Prática das pequenas construções”. Vol. 2, 5ª edição. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.
- WALID, Yazigi. A técnica de edificar - 14ª Ed. São Paulo: Editora Pini, 2014.

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO VI – 100 H/A

OBJETIVOS

Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais.

Apresentar aos alunos um panorama das correntes e tendências arquitetônicas, históricas e atuais, ajudando-o a situar-se e entender as produções arquitetônicas de diversas épocas e locais, contando com a vivência de alunos e professores de um outro país.

Subsidiar o aluno para o enfrentamento das questões projetuais colocadas no Estúdio Vertical, capacitando-o a engajar-se no processo de elaboração do projeto e desenvolver seu grau de participação efetiva no trabalho coletivo.

Introduzir o aluno ao conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar, anteprojeto, projeto executivo e detalhamento.

Permitir o desenvolvimento da expressão do aluno a partir da realização de um projeto individualmente.

EMENTA

O curso baseia-se em leituras de projetos exemplares e emblemáticos relacionados ao tema da habitação, considerando sua associação com os demais programas complementares e sua relação com o meio urbano onde está inserida; são propostos exercícios práticos sobre o mesmo tema.

METODOLOGIA

O curso será composto de aulas expositivas (teóricas), aulas práticas (exercícios individuais e em grupo de desenho e projeto) e visitas às obras.

As aulas expositivas serão sempre ilustradas com projeção de imagens, enquanto as aulas práticas serão desenvolvidas no estúdio, durante o período de aula, com acompanhamento e orientação dos professores.

Serão organizados seminários periódicos de apresentação e comentários dos trabalhos.

A disciplina terá um grupo no facebook que irá centralizar as informações reunidas e produzidas por alunos e professores, garantindo a comunicação contínua e acompanhamento do trabalho.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A presença nas aulas será imprescindível para a avaliação e para o bom desempenho do aluno. A avaliação será feita através dos produtos apresentados em cada etapa de trabalho e

também da pasta (contendo o registro do processo de trabalho do aluno). A avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho.

Os trabalhos terão os seguintes pesos na composição da média final: entregas 1 e 3 peso 2, entregas 2 e 4 peso 3.

Os itens a serem avaliados serão os seguintes:

1. Conceituação do Projeto

leitura do sítio / definição do programa / implantação / relação com o sítio e com o entorno.

2. Organização Funcional

distribuição do programa / fluxos / circulação.

3. Organização Espacial

volumetria / relações espaciais.

4. Raciocínio Construtivo

conceito estrutural / materialidade.

5. Apresentação

expressão / linguagem / clareza.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PLANO DIRETOR DE REABILITAÇÃO DO CENTRO DE MANAUS, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Manaus. (arquivo eletrônico que será fornecido).

ARTIGAS, João Baptista Vilanova. Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros. São Paulo, Ed. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi & Fundação Vilanova Artigas, 1997.

ARTIGAS, Rosa (org.). 2000. Paulo Mendes da Rocha. São Paulo, Cosac&Naify.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VIGLIECCA, RUBANO (org) , RECAMÂM (org). O Terceiro Território: Habitação Coletiva e Cidade: Vigliecca & Associados, São Paulo, 2014.

ARTIGAS, Rosa (org). Paulo Mendes da Rocha: projetos 1999-2006 vol.2. São Paulo, Cosac&Naify, 2007.

BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil, Arquitetura Moderna, Lei de Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo, Ed. Estação Liberdade/Fapesp, 1998.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (ed.). A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Paulo: Rima/FAPESP, 2002.

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO III (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;
- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem

da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGEM DE ESTUDO) V – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros

arquitetos a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina e conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos.

EMENTA

A quinta viagem do programa da Escola Itinerante, que tem como destino as cidades de Santiago e Valparaíso no Chile, integra o segundo ciclo de viagens do programa, que propõe uma prospecção mais intensa com a alternância periódica de novos roteiros, preferencialmente voltados para o conhecimento da produção contemporânea da arquitetura e do urbanismo em diversas cidades latino-americanas, e da sua relação com a constituição histórica e cultural de cada região visitada. Este itinerário insere-se no conjunto de atividades estabelecidas por meio do convênio firmado entre a Escola da Cidade e a Escuela de Arquitectura da Universidad Finis Terrae, em Santiago, por meio do qual professores e alunos das duas escolas associam-se em trabalhos conjuntos de projeto, desenvolvidos durante todo o semestre letivo. Desta forma, ao final dos itinerários diários realizados pela cidade, o grupo encontra-se com os professores e alunos chilenos para aulas proferidas na escola de arquitetura.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE CULTURA E REALIDADE CONTEMPORÂNEA V – 30 H/A

OBJETIVOS

Considerações preliminares: A análise da lógica curricular de nossa Escola permite reconhecer essa sofisticação específica e salutar que nos caracteriza no plano pedagógico: um desejo real de integração dos conhecimentos e uma visão formativa bem ao modo comumente expresso em pilares clássicos do humanismo ocidental, manifesto – por exemplo – já mesmo nas reflexões vitruvianas de há 25 séculos: “A ciência do arquiteto é ornada de muitas disciplinas e de vários saberes” (Vitruvius, “Tratado de Arquitetura, séc. I ac). Seguindo essa linha, e apesar de basear-se em princípios tão antigos concernentes à constituição multifacetada do arquiteto urbanista e cidadão, nosso tradicional Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea é um fato estranhamente original não apenas no campo das escolas de Arquitetura e Urbanismo mas em todo o ambiente educacional brasileiro. São raras as instituições de ensino em que uma atividade aberta assim pensada seja tida como obrigação intrínseca ao percurso formativo do aluno, não como recreação, opção ou mero adendo. Há no entanto algo mais a ser dito, no sentido de expor os alicerces da proposta que aqui se apresenta: é que o bom entendimento do escopo de nosso Seminário revela muito rapidamente sua fina complexidade de propósitos, trabalhando na fronteira entre o imaginário e o existente. Pois conforme a nomenclatura que o funda, trata-se de um Seminário de

“Cultura” e “Realidade”, um nome por certo pensado, não casual. Nessa designação, “Cultura” e “Realidade” se articulam como pólos complementares de uma reflexão intensa. Sendo assim, grosso modo, no momento em que nossa Escola pretende enfatizar a dimensão formativa dessa atividade tão central para nós – buscando intensificar suas conexões com o restante da formação cumprida aqui pelos nossos alunos e igualmente com as múltiplas ações, projetos e pesquisas que entre nós se desenvolvem –, estes pressupostos pedagógicos baseiam-se exatamente na exploração alternada desse par estruturante: a cultura como sonho e imaginário; a realidade como aquilo que se impõe sobre nós, incontornável. É esta – ao nosso ver – a complexidade que merece ser considerada no jogo entre a “Cultura” e a “Realidade”: utopias vivas envolvidas pelo enfrentamento das realidades brasileiras e mundias, nem sempre as mais auspiciosas, mas sempre desafiadoras. Isto posto, entendem-se como boas práticas para esta coordenação:

1. compreender e atualizar-se em relação ao pensamento pedagógico da Escola, em seu conjunto;
2. manter-se atualizada a respeito das ementas das disciplinas ministradas em todas as nossas sequências formativas;
3. manter-se informada sobre as atividades que se desenvolvem na Escola, em seus arredores e entre nossos parceiros intelectuais potenciais;
4. acompanhar atentamente a produção dos colegas professores e dos estudantes da Escola;
5. dialogar permanentemente com os estudantes e com os colegas professores;
6. seguir atentamente as novidades do campo artístico e arquitetônico brasileiro e mundial; e
7. seguir atentamente as dinâmicas políticas, geopolíticas, sociológicas, antropológicas e culturais do presente, visando, desse modo, uma programação compatível com os objetivos do Seminário, que podem ser assim resumidos:
 - a. completar a formação do estudante da Escola com atividades e conteúdos ligados aos debates filosóficos, sociológicos e artísticos contemporâneos;
 - b. estimular o exercício de novos olhares, para além da Arquitetura propriamente dita;
 - c. estimular o diálogo livre entre alunos e professores, girando ao redor de temas atuais e vivos;
 - d. abrir o espaço da Escola para colaboradores externos, ampliando os horizontes e os interesses de nossa comunidade discente e docente; e
 - e. propor reflexões e cruzamentos transdisciplinares de perspectiva.

EMENTA

Durante todo o ano letivo, profissionais de diversas áreas são convidados para falar sobre assuntos relacionados aos campos de interesse de Arquitetura e Urbanismo, Tecnologia, Artes e Humanística. O calendário será completado com palestras feitas por professores da escola (todos os professores serão convidados a apresentar seus trabalhos) e seminários organizados e apresentados pelos alunos.

4º ANO – 7º SEMESTRE

DISCIPLINA: CIDADE CONTEMPORÂNEA – 60 H/A

OBJETIVOS

A disciplina tem por objetivo permitir ao aluno:

1. reunir, articular e consolidar os conhecimentos específicos à linha disciplinar do projeto de urbanismo focada na possibilidade de inserção de novos programas e configurações à escala territorial e urbana
2. exercitar a prática do plano-projeto urbano e territorial em suas diversas etapas como produção crítico-criativa de conhecimento e transformação da cidade e do território, enfatizando o papel estrategicamente constituinte do raciocínio reflexivo, afetivo e prático na promoção e investimento de programas trans-escalares articulados técnica, social e ambientalmente.

EMENTA

Completando a sequência temática que estrutura e organiza o programa das disciplinas de Planejamento Urbano e Territorial, de metrópole e território (1º ano) de habitação (2º ano) sistemas técnicos e sistemas naturais (3º ano), a disciplina tem por objetivo permitir ao aluno reunir, articular e consolidar os conhecimentos específicos à linha disciplinar do urbanismo, trabalhos e obtidos nas disciplinas precedentes, focando e atualizando-os e em exercícios, analíticos e críticos, sobre a constituição e os modos de ver, dizer e atuar no território e na cidade contemporânea.

Para tanto alguns pontos devem ser tratados:

Cidade moderna x cidade contemporânea: características e diferenças, questões e estratégias:

problemas emergentes como programa e desafio para o plano-projeto urbanístico e territorial

Modos de articulação do espaço territorial: as relações horizontais e verticais

Modos de articulação do espaço urbano: estrutura, forma e paisagem

Trânsito de escalas e articulação de sistemas

METODOLOGIA

Os conteúdos disciplinares deverão ser desenvolvidos por meio de leitura e discussão programadas de artigos e/ou capítulos de livros, mas, sobretudo, mediante exercícios e ensaios projetuais, elaborados individualmente ou em equipe e discutidos coletivamente em sala.

A comparação e formação de referência fundamental e teoricamente fundamentada das noções, conceitos e questões pertinentes ao plano-projeto contemporâneo de urbanismo e devem rebater e alimentar a produção projetual propriamente dita.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Referida a atividades analíticas e propositivas, a avaliação do desempenho dos alunos se dará bimestralmente em função de:

- I) apresentação e discussão coletiva de estudos de caso,
- II) estudo dos âmbitos e elementos urbanos de abrangência específicos do plano-projeto (geomorfologia, solo, redes, atividades e suas configurações e conteúdos sociais)
- III) ensaio preliminar de plano-projeto, enfatizando principalmente o agenciamento dos aspectos técnicos, sociais e ambientais.

Ademais, a avaliação deve seguir critérios de coerência (entre programa e escala, temas e técnicas), de compatibilidade (à estrutura, forma e paisagem condicionantes e resultantes da implantação do projeto) e criatividade (exploração de linhas de possibilidade conceitual, programática e tecnológica).

A nota do semestre será calculada mediante a fórmula geral (onde número de notas N_x é passível de variação e redefinição)

$$N_s = [0,5N_1 + 0,5N_2 + N_3 + \dots + (x-1)N_x] / (x+1)$$

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. São Paulo: Zahar, 2001.

SABATE, Bell. Proyecto em tiempos de incertidumbre. Barcelona: Ediciones UPC, 2010

SECCHI, Bernardo. Primeira lição de urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACSELRAD, Henri, org. A duração das cidades: sustentabilidade e risco das políticas urbanas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

KOOLHAAS, Rem, BOERI, Stefano. Mutations. Barcelona: ACTAR, 2000.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. São Paulo: 34, 2005.

SECCHI, Bernardo. A cidade do século vinte. São Paulo: Perspectiva, 2009

ZOURABICHVILI, François. Deleuze: uma filosofia do acontecimento,. São Paulo: Editora 34, 2016

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO VII – 30 H/A

OBJETIVOS

- 1) Fornecer aos alunos elementos de compreensão histórico-crítica dos processos, tensões e debates vividos pelo campo da arquitetura e urbanismo entre 1940 e 1968.
- 2) Compreender os processos envolvidos na consolidação do modernismo como vertente hegemônica na arquitetura e no urbanismo do pós-guerra, bem como nas primeiras críticas a essa vertente surgidas já na década de 1960.
- 3) Acompanhar a crescente especialização das diversas atividades exercidas por arquitetos e urbanistas no período em questão bem como para o entrecruzamento entre elas.
- 4) Examinar o resultado dessas diversas atividades – história, crítica, teoria e prática projetual – como documentos para a construção da história da técnica, arquitetura e urbanismo a partir de seus múltiplos diálogos aspectos socioculturais ou debates teóricos que extrapolam os limites definidos pelo campo profissional.

EMENTA

A disciplina aborda o período que vai da segunda guerra mundial até finais da década de 1960, procurando identificar, explicar e discutir as principais inflexões e tensões ocorridas no campo da arquitetura e do urbanismo, bem como a maneira como dialogam com aspectos socioculturais ou debates teóricos que extrapolam os limites definidos pelo campo profissional. Busca-se compreender a consolidação do modernismo como vertente hegemônica na arquitetura e no urbanismo do pós-guerra, bem como as primeiras críticas a essa vertente surgidas já na década de 1960. Problematicando as versões históricas canônicas construídas pelo próprio modernismo, procura-se entender como tanto a construção quanto a crítica a essa hegemonia são elaboradas a partir de estratégias que obviamente abarcam mas não são exclusivas ao exercício projetual, englobando, entre outras, questões relativas à elaboração histórica e teórica e à definição do campo profissional.

METODOLOGIA

O curso é dividido em dois módulos com 11 aulas expositivas. O primeiro discute as inflexões no estatuto e no modo de atuação do arquiteto e urbanista no período de guerra e nos anos posteriores, bem como a reorganização do meio profissional. Em seguida, aborda a ampla

difusão e afirmação do ideário modernista no período, problematizando sua hegemonia face as suas inúmeras, variadas e complexas operações em todo o mundo. O segundo módulo apresenta eixos de crítica ao cânone modernista, que emergem em meados da década de 1940 e o começo dos anos de 1970, problematizando distintas filiações teóricas, metodológicas e ideológicas, bem como suas relações com a atividade intelectual, crítica e profissional mais ampla.

A disciplina tem como pressuposto que a cultura arquitetônica constrói-se a partir de uma relação intrincada entre registros escritos, desenhados e construídos (e mesmo outros suportes de reflexão profissional) e que ela deve ser pensada a partir de suas complexas condições de produção, intra e extra disciplinares. O conjunto das aulas pretende abarcar não somente a teoria e os debates como desenvolvimentos conceituais, mas refletir também sobre seu meio específico de elaboração.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Prova intermediária com consulta aos textos abordados no módulo 01 (3,0); resenha crítica de texto de época do módulo 02 (7,0). A resenha crítica deverá ser entregue ao final da disciplina e elaborada de modo a refletir sobre as seguintes questões: Quem é o autor e por que ele escreveu o texto? Em que momento da trajetória do autor o texto foi elaborado? Faz parte de uma pesquisa maior? Onde e quando ele foi escrito? Qual a tese do texto e quais os principais argumentos do texto? Se for o caso, quais as fontes e referências utilizadas? Com quem o autor pretendia dialogar? Qual a relação texto/imagem? Qual a relação do texto com o restante da obra do autor (escrita, desenhada ou construída)? Como o texto foi recebido pelo meio profissional? Como podemos pensar seu papel no desenvolvimento da cultura arquitetônica?

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Jean-Louis. O futuro da Arquitetura desde 1890. São Paulo: CosacNaify, 2013.

CURTIS, William. Arquitetura moderna desde 1900. Porto Alegre: Bookman, 2008.

NESBITT, Kate (org). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995).

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERGDOLL, Barry et al. Latin America in Construction: Architecture 1955-1980. New York: Museum of Modern Art, 2015.

CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia. Austin: University of Texas Press, 2015.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OCKMAN, Joan. Architecture Culture 1943-1968. Nova York: Rizzoli, 1993.

MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno. Barcelona: GG, 2001.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Otilia. O Lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Edusp, 1995.

BALLENT, Anahi. El diálogo de los antípodas: Los CIAM y América Latina: Refundación de lo moderno y nuevo internacionalismo en la posguerra. Buenos Aires: Fadu, 1995.

_____. Learning from Lima. Block, v. 6, p. 86-95, 2004.

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BARONE, Ana C. C. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Annablume, 2002.

BULLRICH, Francisco. Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana. Madrid: Blume, 1969;

CODY, Jeffrey. Architectural Tools of War and Peace, 1945-1975. In: Exporting American Architecture 1870-2000. New York: Routledge, 2003

COHEN, Jean-Louis. Architecture in Uniform: Designing and building for the Second World War. New Haven: CCA-Yale Press, 2011.

COLOMINA, Beatriz. Domesticity at war. Cambridge: MIT Press, 2007.

EISENMAN, Peter. Toward an understanding of form in architecture. In: Eisenman inside out: selected writings, 1963-1988. Yale University Press, 2004. pp.3-9 (originalmente publicado na revista Architectural Design, em 1963).

GLENDINNING, Miles. Cold-War conciliation: International architectural congresses in the late 1950s and early 1960s. The Journal of Architecture, v14, n2, p. 197-217, abr. 2009.

GROSSMAN, Vanessa. A arquitetura e o urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista. São Paulo: Annablume, 2006.

GYGER, Helen Elizabeth. The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954–1986. New York: Columbia University, 2013.

HAYS, Michael. Architectural Theory since 1968. Cambridge: MIT Press, 2002.

HITCHCOCK, Henri-Russel. The architecture of bureaucracy and the architecture of genius. The Architectural Review, janeiro, 1947

LIERNUR, Jorge Francisco. Vanguardistas versus expertos. Block, n. 6, 2004. pp.18-40.

_____. The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda-Guerra Mundial. In: GUERRA, Abílio (Org.). Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira. v2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 169-217.

LU, Duanfang (org.). Third World Modernism. Londres: Routledge, 2011, pp. 1-28.

MUMFORD, Eric Paul. The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960. Cambridge, Londres: MIT Press, 2002

RIGOTTI, Ana Maria. Brazil Deceives. Block, n. 4, 1991.

SCOTT, Felicity. Architecture Or Techno-Utopia: Politics After Modernism. Cambridge: MIT Press, 2010.

WRIGHT, Frank Lloyd. In the nature of materials: a philosophy. In: OCKMAN, Joan. Architecture Culture 1943-1968. A documentary anthology. Nova York: Rizzoli, 1993. pp. 32-41 (originalmente publicado em 1943).

WRIGHT, Gwendolin. Building global modernisms. Grey Room, n.7, 2002.

DISCIPLINA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA DA ARTE IV – 30 H/A

OBJETIVOS

Possibilitar: a discussão da ideia de contemporâneo por meio da análise de obras em circulação no sistema de arte em vigência hoje; o desenvolvimento da capacidade de análise das obras por meio de registros fotográficos e seus recortes particulares; de prontidão para análise e argumentação sobre obras discutidas em aula, da capacidade de estabelecer relações entre compreensões das produções teóricas e as obras analisadas e de uma escrita ao mesmo tempo clara e reflexiva.

EMENTA

O curso propõe a discussão da ideia de arte contemporânea a partir da leitura e discussão de textos de e sobre artistas significativos para a produção de artes visuais a partir da segunda guerra mundial, utilizando para tanto a atividade curatorial como prática e crítica e campo de reflexão.

METODOLOGIA

Aulas dialogais com projeção de imagens e debates embasados em discussões de textos de história e de teoria da arte. Compreende-se neste exercício o desenvolvimento da capacidade de observação de características formais das obras e da discussão da interpretação pessoal com base na observação e ponderação dos argumentos e temas debatidos em aula assim como a partir das leituras propostas. Prática da escrita sobre arte e curadoria como exercício reflexivo.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação ocorrerá por meio de exercícios de escrita reflexiva e crítica sobre obras ou produções artísticas específicas (avaliação parcial individual), e do exercício curatorial e autoral no formato de projeto para uma exposição (avaliação final em grupo).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHIPP, H. B. Teorias da Arte Moderna, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CRIMP, D. Sobre as ruínas do Museu, São Paulo: Martins Fontes, 2005

FERREIRA, G. (org.). Escritos de Artistas Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOSTER, H. O retorno do real: a vanguarda no final do séc. XX. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

GROSSMANN, M. & MARIOTTI, G. (Org.) Museu Arte Hoje. SP: Hedra, 2011.

MAMMÌ, Lorenzo. O que resta. Arte e crítica de arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OBRIST, H. U. – Uma breve história da curadoria. SP: BEI Comunicação, 2010.

KWON, M. "One Place after Another: Site-Specific Art and Locational Identity." Cambridge: MIT Press, 2002.

DISCIPLINA: MEIOS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO: ARTE E ARQUITETURA – 60 H/A

OBJETIVOS

Promover o aprofundamento de temas que estreitem a relação entre arte e arquitetura.

Incentivar os estudantes a experimentar técnicas e meios de expressão diversos – deslocando a concepção de que o raciocínio espacial é privilégio do desenho no ensino de arquitetura – atentando às estratégias necessárias ao desenvolvimento dos exercícios propostos, tendo em vista a capacidade de síntese.

Estudar as relações de tradução (traição), entre imagem e palavra, som e verso, gráfico e espaço.

Trabalhar a relação interdisciplinar das artes através de uma prática espacial crítica, valorizando o processo de produção e possibilitar o desenvolvimento, por parte dos estudantes, de uma postura articuladora de saberes para criação e solução de problemas formais e conceituais.

EMENTA

O desenho, em sentido ampliado, como instrumento de reflexão e leitura, como proposição crítica e sintética, como maneiras de dar forma ao pensamento.

METODOLOGIA

Seminários, aulas externas, orientação programada, aulas expositivas e exposição de trabalhos.

As aulas serão divididas em 3 etapas: - aula expositiva, seminários (convidados, professores ou alunos), ateliê e orientação programada.

Os trabalhos devem ser desenvolvidos ao longo das aulas, sob a orientação dos professores, sendo a presença do aluno condicionada a sua participação nas atividades em sala de aula.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Avaliação é processual e a nota do semestre será composta pela média dos trabalhos realizados pelo aluno.

Todas as etapas serão sintetizadas e apresentadas como um produto final cuja formatação será revelada ao longo do desenvolvimento e orientação do trabalho.

A nota será dividida em três etapas:

- avaliação da apresentação final do trabalho individual.
- avaliação processual, a cada etapa desenvolvida no trabalho em grupo;
- avaliação da apresentação final do trabalho em grupo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

OBRIST, Hans Ulrich. Uma breve história da curadoria. SP: BEI Comunicação, 2010.

GROSSMANN, Martin & MARIOTTI, Gilberto (Org.) Museu arte hoje. SP: Hedra, 2011. (Coleção Forum Permanente)

KRISTA, SKYES A. (org.). O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica (1993-2009). São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica; 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FERREIRA, COTRIM (Org.). Escritos de artistas anos 60/70. RJ: Jorge Zahar, 2006.

LAGNADO/ PEDROSA (ed.) 27° Bienal de São Paulo: como viver junto. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.

RENDELL, Jane. Art and architecture: a place between. London: IB Tauris, 2006

ARTHENIUS/ LENDING / MILLER / McGOWAN. Exhibiting Architecture. Oslo/Zurich: Lars Muller Publishers, 2014.

BIBLIOGRAFIA PARA EVENTUAIS CONSULTAS:

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins, 2002.

KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KWON, Miwon. One place after another: Site-Specific Art and Locational Identity. Cambridge: MIT Press, 2002.

SITES SUGERIDOS

<http://www.olafureliasson.net/studio.html>

<http://www.skulptur-projekte.de/aktuell/?lang=en>

<http://www.tate.org.uk/modern/universseries/>

<http://www.forumpermanente.org>

manofatomano.net

www.celinecondorelli.eu

<http://www.labiennale.org/en/architecture/>

<http://www.centrocultural.sp.gov.br/>

<http://www.pivo.org.br/>

<http://www.pontoaurora.com/>

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO VI – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS V – 30 H/A

OBJETIVOS

- compreender a escolha de técnicas e sistemas estruturais adotadas em obras de relevância arquitetônica;
- analisar a pertinência das linguagens arquitetônico /estrutural quando alterados os materiais.

EMENTA

Estrutura como elemento conformador do objeto arquitetônico.

METODOLOGIA

Síntese e consolidação das técnicas e sistemas estruturais através de estudos de casos.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

- análise de trabalhos
- participação em aulas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO JÚNIOR, Roberto de. Instalações elétricas: e o projeto de arquitetura. São Paulo: Blucher, [20-?].

CREDER, Hélio. Instalações elétricas. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

CREDER, Hélio. Instalações hidráulicas e sanitárias. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Instalações elétricas de baixa tensão: NBR 5410/2004. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Instalação predial de água fria: NBR 5626/1998. Rio de Janeiro: ABNT, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Sistemas prediais de esgoto sanitário: NBR 8160/1999. Rio de Janeiro: ABNT, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Sistemas prediais de esgoto pluvial: NBR 10844/1989. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

MANUAL Pirelli de instalações elétricas. São Paulo: PINI, 2000.

MANUAL técnico de instalações hidráulicas e sanitárias. São Paulo: PINI, 1991. Temos 1 exemplar

BLUTEAU, Pe. R. Verbetes “Desenhar” e “Desenho”. In: Dicionário Português e Latino. Coimbra, 1712-1728, disponível em versão eletrônica no Projeto Brasiliana/IEB-USP.

COLQUHOUN, A. Modernidade e Tradição Clássica. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

CUTER, J.V. “Você entendeu este título?”. In: Figueiredo, V. [org.] Filósofos na sala de aula. São Paulo, Berlendis & Vertecchia Editores, 2009, Volume 3.

DESCARTES, R. Discurso do Método. São Paulo, Abril, Coleção Os Pensadores, 1983.

FABBRINI, R. A arte depois das vanguardas. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

GÖSSEL, P. e LEUTHÄUSER, G. Architectura no século XX. Colônia, Ed. Taschen, 2001.

HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 2002.

JAMESON, F. Pós-modernismo. São Paulo, Ática, 2004.

JENCKS, C. Movimentos modernos em arquitetura. Lisboa, Edições 70, 1992.

KANT, I. "Analítica do Belo". In: Crítica da Razão Pura e outros textos filosóficos. São Paulo, Abril, Coleção Os Pensadores, 1983.

LYOTARD, J.-F. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

MOURA, C.A.R. Racionalidade e crise. São Paulo, Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.

NOBRE, M. A Teoria Crítica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

PAZZANESE, P. "Desconstruindo Harry, Zaha, Peter e, principalmente, o resto". In: Revista ArcDesign. São Paulo, Quadrifoglio Editora, Nº 32, set-out de 2003.

PIGLIA, R. O último leitor. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

_____. Alvo Noturno. São Paulo, Cia das Letras, 2011.

PORTOGHESI, P. Depois da arquitetura moderna. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

SANTOS, L.H.L. "A essência da proposição e a essência do mundo". In: Wittgenstein, L. Tractatus Logico-Philosophicus. São Paulo, Edusp, 1993.

_____. "Sobre o transcendental prático e a dialética da sociabilidade". In: Novos Estudos Cebrap, n. 90, julho de 2011.

SILVA, F. L. Descartes, a Metafísica da Modernidade. São Paulo, Moderna, 1993.

VVAA. Arte em revista. São Paulo, CEAC, Ano 5, Nº 7, agosto de 1983.

Nota: As indicações bibliográficas acima não são exaustivas. Novas indicações serão feitas no decorrer do curso

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO VII – 100 H/A

OBJETIVOS

Preparar os estudantes para o enfrentamento de questões urbanas para além da resolução de um edifício com sítio e programa pré-determinados, exercitando ações estratégicas que tentam uma compreensão mais ampla e orgânica do alcance do projeto.

Ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de arquitetos fundamentais.

Introduzir o aluno ao conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar e anteprojeto.

EMENTA

O curso baseia-se na leitura do espaço urbano buscando ampliar o entendimento de lugar a partir de visitas, levantamentos cartográficos, fotográficos, iconográficos, entrevistas etc. que permitam a proposição de uma intervenção estratégica no espaço urbano a partir da escala do projeto arquitetônico.

No exercício a ser desenvolvido no curso, a definição do sítio, do programa e a própria escala da intervenção passa a ser uma decisão do aluno.

METODOLOGIA

O curso será composto de aulas expositivas (teóricas), aulas práticas (exercícios individuais e em grupo) e visitas ao local de estudo.

As aulas expositivas serão sempre ilustradas com projeção de imagens, enquanto as aulas práticas serão desenvolvidas no estúdio, durante o período de aula, com acompanhamento e orientação dos professores.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A presença nas aulas será imprescindível para a avaliação e para o bom desempenho do aluno. A avaliação será feita através dos produtos apresentados em cada etapa de trabalho.

A avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho.

Os itens a serem avaliados serão os seguintes:

1. Conceituação do Projeto

leitura do sítio / definição do programa / implantação / relação com o sítio e com o entorno.

2. Organização Funcional

distribuição do programa / fluxos / circulação.

3. Organização Espacial

volumetria / relações espaciais.

4. Raciocínio Construtivo

conceito estrutural / materialidade.

5. Apresentação

expressão / linguagem / clareza.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VENTURI, Robert. Aprendendo com Las Vegas : o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica / Robert Venturi, Steven Izenour, Denise Scott Brown; tradução Pedro Maia soares -- São Paulo : Cosac & Naify, 2003.

BANHAM, Reyner. Los Angeles : a arquitetura de quatro ecologias / Reyner Banham ; tradução Marcelo Brandão Cipolla ; tradução da biografia e dos anexos: Karina Jannini ; revisão técnica e prefácio à edição brasileira: Ana Luiza Nobre -- São Paulo : WMF Martins Fontes, 2013.

CARERI, Francesco. Walkscapes : o caminhar como prática estética / Francesco Careri ; prefácios de Paola Berenstein Jacques e Gilles Tiberghien ; [tradução: Frederico Bonaldo] -- São Paulo : Gustavo Gili, 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante : um manifesto retroativo para Manhattan / Rem Koolhaas ; tradução de Denise Bottmann -- São Paulo : Cosac & Naify, 2008.

MEYER, Regina Maria Proserpi. São Paulo metrópole / Regina Maria Proserpi Meyer, Marta Dora Grostein, Ciro Biderman -- São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial, 2013.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territorios / prólogo de Saskia Sassen -- Barcelona : Gustavo Gili, 2002

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO IV (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;
- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho

possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENHO URBANO II – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola da Cidade realiza anualmente o **Seminário Internacional**, voltado aos estudantes da Escola e aberto a alunos de outras faculdades, arquitetos, além de demais interessados. O Seminário se propõe a complementar e qualificar a formação de estudantes e arquitetos, em projeto urbano.

É um evento acadêmico, gratuito, dirigido a toda a comunidade, com realização de palestras e workshops em conjunto com tradicionais instituições de ensino e renomados escritórios de arquitetura parceiros na organização. Já participaram do evento vários arquitetos convidados de países diversos, como Itália, China, Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Dinamarca, Áustria, Portugal, entre outros.

EMENTA

O Seminário Internacional é um dos eventos mais significativos e celebrados na Escola da Cidade, pois uma vez ao ano, durante uma semana, a Faculdade recebe convidados nacionais e internacionais de reconhecido prestígio e organiza conferências e debates abertos ao público, workshops e dinâmicas especiais entre alunos, professores e público interessado, estudando com profundidade um tema contemporâneo.

Desde 2015, o evento passou a contar com a parceria do Sesc São Paulo.

Edições realizadas

2003 – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Oficina da Cidade (de 29.09 a 04.10)

2006 – II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Encontro dos Rios (de 17 a 22.04)

2007 – III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – A Cidade e seus Narradores – Oficina Mir(i)adas – Arquitetura, Arte e Cidade (de 1 a 5 de outubro)

2009 – IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Baixada do Glicério (de 3 a 10 de outubro)

2010 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – ESPAÑA NA CIDADE (de 10 a 16 de abril)

2011 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Habitação e Educação na Cidade Contemporânea (de 2 a 9 de abril)

2012 – VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Área Tiquatira 2 (de 25 a 31 de março)

2013 – VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – HIDROANEL METROPOLITANO DE SÃO PAULO (de 8 a 12 de abril)

2014 – IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCOLA DA CIDADE – HABITAÇÃO – INFRAESTRUTURA, ESPAÇO PÚBLICO E GESTÃO (de 30 de março a 04 de abril)

2015 – X SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Tempo Livre na Cidade (parceria do Sesc São Paulo) – (de 23 a 27 de março)

2016 – XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL Espaço Livre na Cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 11 a 15 de abril)

2017 – CONTRA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Condutas: Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 4 a 8 de abril)

2018 – XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Arquitetura é forma de conhecer (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 24 de fevereiro a 02 de março)

2019 – XIV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Ainda o direito à cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 16 de fevereiro a 23 de fevereiro)

2020 – XV seminário internacional da escola da cidade – espaços para respirar: projetos para são paulo

4º ANO – 8º SEMESTRE

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA TÉCNICA, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA E DO PAISAGISMO VIII – 30 H/A

OBJETIVOS

- 1) Fornecer aos alunos elementos de compreensão histórico-crítica dos processos, tensões e debates vividos pelo campo da arquitetura e urbanismo entre finais da década de 1960 e a atualidade.
- 2) Compreender as mudanças na percepção, experimentação e significados do espaço e tempo que caracterizam a contemporaneidade.
- 3) Acompanhar a crescente especialização das diversas atividades exercidas por arquitetos e urbanistas no período em questão bem como para o entrecruzamento entre elas.
- 4) Examinar o resultado dessas diversas atividades – história, crítica, teoria e prática projetual – como documentos para a construção da história da técnica, arquitetura e urbanismo a partir de seus múltiplos diálogos aspectos socioculturais ou debates teóricos que extrapolam os limites definidos pelo campo profissional.

EMENTA

A disciplina aborda o período de 1968 até a atualidade, procurando identificar, explicar e discutir as principais inflexões e tensões ocorridas no campo da arquitetura e do urbanismo, bem como a maneira como dialogam com aspectos socioculturais ou debates teóricos que

extrapolam os limites definidos pelo campo profissional. A perspectiva de análise se constrói a partir do confronto entre o paradigma atual do presente contínuo e o desafio de construção de uma história do tempo presente. Parte-se, portanto, de algumas das principais temáticas hoje presentes nos debates do campo da arquitetura e do urbanismo, buscando historicizá-las e compreendê-las em suas tensões entre arquitetura, cidade, arte e técnica. Atentando tanto para as especificidades quanto para os entrecruzamentos permanentes entre as diversas facetas – da história, crítica, teoria e prática projetual – que caracterizam a produção da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade, procura-se entender o período a partir de sua pluralidade, embates e dissensos.

METODOLOGIA

O curso é dividido em dois módulos com 11 aulas expositivas. O primeiro discute as inflexões no estatuto e no modo de atuação do arquiteto e urbanista no período de guerra e nos anos posteriores, bem como a reorganização do meio profissional. Em seguida, aborda a ampla difusão e afirmação do ideário modernista no período, problematizando sua hegemonia face as suas inúmeras, variadas e complexas operações em todo o mundo. O segundo módulo apresenta eixos de crítica ao cânone modernista, que emergem em meados da década de 1940 e o começo dos anos de 1970, problematizando distintas filiações teóricas, metodológicas e ideológicas, bem como suas relações com a atividade intelectual, crítica e profissional mais ampla.

A disciplina tem como pressuposto que a cultura arquitetônica constrói-se a partir de uma relação intrincada entre registros escritos, desenhados e construídos (e mesmo outros suportes de reflexão profissional) e que ela deve ser pensada a partir de suas complexas condições de produção, intra e extra disciplinares. O conjunto das aulas pretende abarcar não somente a teoria e os debates como desenvolvimentos conceituais, mas refletir também sobre seu meio específico de elaboração.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Prova intermediária com consulta aos textos abordados no módulo 01 (3,0); resenha crítica de texto de época do módulo 02 (7,0). A resenha crítica deverá ser entregue ao final da disciplina e elaborada de modo a refletir sobre as seguintes questões: Quem é o autor e porquê ele escreveu o texto? Em que momento da trajetória do autor o texto foi elaborado? Faz parte de uma pesquisa maior? Onde e quando ele foi escrito? Qual a tese do texto e quais os principais argumentos do texto? Se for o caso, quais as fontes e referências utilizadas? Com quem o autor pretendia dialogar? Qual a relação texto/imagem? Qual a relação do texto com o restante da obra do autor (escrita, desenhada ou construída)? Como

o texto foi recebido pelo meio profissional? Como podemos pensar seu papel no desenvolvimento da cultura arquitetônica?

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, Jean-Louis. O futuro da Arquitetura desde 1890. São Paulo: CosacNaify, 2013.

CURTIS, William. Arquitetura moderna desde 1900. Porto Alegre: Bookman, 2008.

NESBITT, Kate (org). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995).

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERGDOLL, Barry et al. Latin America in Construction: Architecture 1955-1980. New York: Museum of Modern Art, 2015.

CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia. Austin: University of Texas Press, 2015.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OCKMAN, Joan. Architecture Culture 1943-1968. Nova York: Rizzoli, 1993.

MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno. Barcelona: GG, 2001.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ARANTES, Otilia. O Lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Edusp, 1995.

BALLENT, Anahi. El diálogo de los antípodas: Los CIAM y América Latina: Refundación de lo moderno y nuevo internacionalismo en la posguerra. Buenos Aires: Fadu, 1995.

_____. Learning from Lima. Block, v. 6, p. 86-95, 2004.

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BARONE, Ana C. C. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Annablume, 2002.

BULLRICH, Francisco. Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana. Madrid: Blume, 1969;

CODY, Jeffrey. Architectural Tools of War and Peace, 1945-1975. In: Exporting American Architecture 1870-2000. New York: Routledge, 2003

COHEN, Jean-Louis. Architecture in Uniform: Designing and building for the Second World War. New Haven: CCA-Yale Press, 2011.

COLOMINA, Beatriz. Domesticity at war. Cambridge: MIT Press, 2007.

EISENMAN, Peter. Toward an understanding of form in architecture. In: Eisenman inside out: selected writings, 1963-1988. Yale University Press, 2004. pp.3-9 (originalmente publicado na revista Architectural Design, em 1963).

GLENDINNING, Miles. Cold-War conciliation: International architectural congresses in the late 1950s and early 1960s. The Journal of Architecture, v14, n2, p. 197-217, abr. 2009.

GROSSMAN, Vanessa. A arquitetura e o urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista. São Paulo: Annablume, 2006.

GYGER, Helen Elizabeth. The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954–1986. New York: Columbia University, 2013.

HAYS, Michael. Architectural Theory since 1968. Cambridge: MIT Press, 2002.

HITCHCOCK, Henri-Russel. The architecture of bureaucracy and the architecture of genius. The Architectural Review, janeiro, 1947

LIERNUR, Jorge Francisco. Vanguardistas versus expertos. Block, n. 6, 2004. pp.18-40.

_____. The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda-Guerra Mundial. In: GUERRA, Abílio (Org.). Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira. v2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 169-217.

LU, Duanfang (org.). Third World Modernism. Londres: Routledge, 2011, pp. 1-28.

MUMFORD, Eric Paul. The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960. Cambridge, Londres: MIT Press, 2002

RIGOTTI, Ana Maria. Brazil Deceives. Block, n. 4, 1991.

SCOTT, Felicity. Architecture Or Techno-Utopia: Politics After Modernism. Cambridge: MIT Press, 2010.

WRIGHT, Frank Lloyd. In the nature of materials: a philosophy. In: OCKMAN, Joan. Architecture Culture 1943-1968. A documentary anthology. Nova York: Rizzoli, 1993. pp. 32-41 (originalmente publicado em 1943).

WRIGHT, Gwendolin. Building global modernisms. Grey Room, n.7, 2002.

DISCIPLINA: ESTÉTICA I – 30 H/A

OBJETIVOS

O curso de Estética I pretende situar teoricamente os alunos em um dos aspectos da discussão sobre arquitetura contemporânea, que é o debate entre o modernismo e as diferentes correntes arquitetônicas surgidas a partir do final dos anos 70 e início dos 80 do século passado.

A ênfase do curso é menos a discussão propriamente arquitetônica, isto é, referente ao vocabulário arquitetônico dos diferentes projetos, e mais aquilo que fundamenta a cisão mencionada acima, isto é, o debate conceitual entre diferentes modelos de racionalidade que

sustentam os interlocutores tanto modernos quanto contemporâneos. Isso será feito por meio da leitura minuciosa do texto “Sobre a imagem”, de José Arthur Giannotti, que toma a pintura como mote para o exame de diferentes concepções de racionalidade que marcaram o cenário filosófico dos últimos 140 anos, como a filosofia da lógica, a fenomenologia, o marxismo e a filosofia analítica.

Neste sentido, o curso de Estética I privilegia a armação conceitual que permitiu à filosofia contemporânea enfrentar a herança moderna em seus aspectos principais, como a noção de sujeito, o papel da representação nas atividades de conhecimento e a concepção teleológica da história.

Ao lado da discussão teórica, o curso oferece possibilidades de tradução desse debate por meio do estudo de obras pictóricas, literárias, cinematográficas e arquitetônicas, permitindo aos alunos o reconhecimento de algumas linhas mestras que atravessam diferentes campos e linguagens.

EMENTA

Modernidade e depois: exame dos fundamentos filosóficos da discussão arquitetônica. As novas formas de racionalidade.

METODOLOGIA

Aulas expositivas, leituras de textos em sala de aula, seminários e palestras com professores convidados.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

A média do semestre será composta pela soma das seguintes notas: Prova intermediária individual (peso 1) + Prova final individual (peso 2). O aluno que faltar a uma das avaliações (com justificativa encaminhada à Secretaria) poderá fazer uma prova substitutiva. A média para aprovação é 5,0. O aluno que obtiver média entre 3,0 e 4,9 poderá fazer outra avaliação ao final deste semestre, e nesta avaliação a média para aprovação é igualmente 5,0. Caso não consiga obter a média nesta última avaliação, o aluno deverá cursar a disciplina novamente. Ficam suspensos os nivelamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GIANNOTTI, J.A. Notícias no Espelho. São Paulo, Publifolha, 2011.

BENEVOLO, L. História da Arquitetura Moderna. São Paulo, Perspectiva, 2001.

FRAMPTON, K. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FABBRINI, R. "A apropriação da tradição moderna". In: Guinsburg, J. e Barbosa, A.M., O pós-modernismo. São Paulo, Perspectiva, 2005.

GIANNOTTI, J.A. O Jogo do Belo e do Feio. São Paulo, Cia das Letras, 2005.

_____. Lições de Filosofia Primeira. São Paulo, Cia das Letras, 2011.

HABERMAS, J. "Modernidade - Um projeto inacabado". In: Arantes, P.E. e O.B.F., Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

_____. "Arquitetura moderna e pós-moderna". In: Arantes, P.E. e O.B.F., Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

MARQUES, E. Wittgenstein & o Tractatus. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ABBAGNANO, N. Verbetes "Autoconsciência", "Eu", "Razão" e "Sujeito". In: Dicionário de Filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

ADORNO, T.W. Mínima Moralia. São Paulo, Ática, 1993.

_____. Teoria Estética. Lisboa, Edições 70, 2000.

ARANTES, O.B.F. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo, Nobel/Edusp, 1993.

ARANTES, P.E. e O.B.F. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

BLUTEAU, Pe. R. Verbetes "Desenhar" e "Desenho". In: Dicionário Português e Latino. Coimbra, 1712-1728, disponível em versão eletrônica no Projeto Brasiliana/IEB-USP.

COLQUHOUN, A. Modernidade e Tradição Clássica. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

CUTER, J.V. "Você entendeu este título?". In: Figueiredo, V. [org.] Filósofos na sala de aula. São Paulo, Berlendis & Vertecchia Editores, 2009, Volume 3.

DESCARTES, R. Discurso do Método. São Paulo, Abril, Coleção Os Pensadores, 1983.

FABBRINI, R. A arte depois das vanguardas. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

GÖSSEL, P. e LEUTHÄUSER, G. Architectura no século XX. Colônia, Ed. Taschen, 2001.

HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 2002.

JAMESON, F. Pós-modernismo. São Paulo, Ática, 2004.

JENCKS, C. Movimentos modernos em arquitectura. Lisboa, Edições 70, 1992.

KANT, I. "Analítica do Belo". In: Crítica da Razão Pura e outros textos filosóficos. São Paulo, Abril, Coleção Os Pensadores, 1983.

LYOTARD, J.-F. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

MOURA, C.A.R. Racionalidade e crise. São Paulo, Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.

NOBRE, M. A Teoria Crítica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

PAZZANESE, P. "Desconstruindo Harry, Zaha, Peter e, principalmente, o resto". In: Revista ArcDesign. São Paulo, Quadrifoglio Editora, Nº 32, set-out de 2003.

PIGLIA, R. O último leitor. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

_____. Alvo Noturno. São Paulo, Cia das Letras, 2011.

PORTOGHESI, P. Depois da arquitetura moderna. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

SANTOS, L.H.L. "A essência da proposição e a essência do mundo". In: Wittgenstein, L. Tractatus Logico-Philosophicus. São Paulo, Edusp, 1993.

_____. "Sobre o transcendental prático e a dialética da sociabilidade". In: Novos Estudos Cebrap, n. 90, julho de 2011.

SILVA, F. L. Descartes, a Metafísica da Modernidade. São Paulo, Moderna, 1993.

VVAA. Arte em revista. São Paulo, CEAC, Ano 5, Nº 7, agosto de 1983.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO VII – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS VI – 30 H/A

OBJETIVOS

Retomar conceitos básicos de física e matemática vinculados à disciplina e que serão aplicados no decorrer do curso;

Criar repertório técnico sobre os componentes e equipamentos empregados nos sistemas de instalações prediais;

Capacitar o aluno a pré-dimensionar os sistemas hidráulicos e elétricos presentes em uma residência unifamiliar;

Esclarecer e justificar a importância do planejamento no projeto de instalações e suas decorrências em relação à compatibilização com o projeto de arquitetura e com os demais projetos complementares.

EMENTA

Apesar de complementares ao projeto de arquitetura, os projetos de instalações prediais garantem o funcionamento, a segurança e o conforto necessários ao bom desempenho de qualquer edificação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EDWARDS, Brian. Guia Básica de La Sostenibilidad. Editorial Gustavo Gilli, 2004

CREDER, Hélio. Instalações elétricas. Editora LTC

COTRIM, A.A.M.B. Instalações elétricas. Editora Makron Books

CREDER, Hélio. Instalações hidráulicas e sanitárias. Editora LTC

MACINTYRE, A.j. Instalações hidráulicas prediais e industriais. Editora Guanabara

MACAULAY, DAVID, SUBTERRÂNEOS DA CIDADE, SÃO PAULO, ED. MARTINS FONTES, 1988.

GAMA, RUY, HISTÓRIA DA TÉCNICA E DA TECNOLOGIA, SÃO PAULO, EDUSP, 1985.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

SEN, Amartya, Desenvolvimento como Liberdade, Companhia das Letras, 1999

DE MASI, Domenico, S Emoção e a Regra - Os grupos criativos na Europa de 1850na 1950, Editora Fund. UNB, 1999

SACHS, IGNACY, Desenvolvimento: Incluído, Sustentável, Sustentado. São Paulo, Ed. Garamond, 2006

SACHS, IGNACY, Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Coleção Ideias Sustentáveis, São Paulo, Ed. Garamond, 2006

BACELAR, Ruy Honório. Instalações hidráulicas e sanitárias domiciliares e industriais. Editora McGraw-Hill do Brasil.

MAMEDE, Filho. Instalações elétricas industriais. Editora LTC

LIG 2005. Livro de instruções gerais – baixa tensão. ELETROPAULO

NBR 5410 – Instalações elétricas de baixa tensão. ABNT

NBR 5419 – Proteção de estruturas contra descargas atmosféricas. ABNT

NBR 5444 – Símbolos gráficos para instalações elétricas prediais. ABNT

NBR 13534 – Instalações elétricas em estabelecimentos assistenciais de saúde – requisitos de segurança. ABNT

NBR 13570 – Instalações elétricas em local de afluência de público. ABNT

NBR 5626 – Instalações prediais de água fria. ABNT

NBR 8160 – Sistemas prediais de esgoto sanitário – PROJETO E EXECUÇÃO. ABNT

NBR 10844 – Instalações prediais de águas pluviais. ABNT

NBR 7229 - Projeto, construção e operação de sistemas de tanques sépticos. ABNT

NBR 13969 – tanques sépticos – unidades de tratamento complementar e disposição de efluentes líquidos. ABNT

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO VII – 100 H/A

OBJETIVOS

O ensino de arquitetura é apresentado como oportunidade de ensaiar e discutir projetos, utilizando o ateliê como laboratório por excelência desses questionamentos.

O curso tem como objetivo estabelecer discussões sobre um panorama das correntes e tendências arquitetônicas, históricas e atuais, ajudando o aluno a se situar e entender as produções arquitetônicas de diversas épocas e lugares. Para isso será apresentado um amplo repertório arquitetônico e serão estudados projetos paradigmáticos e de arquitetos fundamentais.

Simultaneamente, pretende-se nesta disciplina, subsidiar o aluno no enfrentamento das questões projetuais colocadas pelo Estúdio Vertical, capacitando-o a se engajar no processo de elaboração do projeto e desenvolver seu grau de participação efetiva no trabalho coletivo.

O conhecimento das diversas etapas de desenvolvimento de um projeto arquitetônico é fundamental, desde a montagem de um programa de necessidades, concepção, partido, estudo preliminar, anteprojeto, projeto executivo e detalhamento; os alunos serão, portanto, amparados nessa aproximação.

Incentivar o desenvolvimento da expressão de cada um a partir da realização de um projeto individualmente e cobrar sua responsabilidade por esse trabalho são também objetivos do curso.

EMENTA

O curso está baseado no desenvolvimento de projetos com o objetivo de colocar o estudante em contato direto com questões prementes da metrópole através do enfrentamento das mesmas por meio da arquitetura.

O trabalho será organizado em módulos onde a discussão em torno ao objeto de estudo será acompanhada de um panorama de projetos exemplares e de outros exemplos de arquiteturas sobre o mesmo tema.

Do início do trabalho à sua conclusão, os projetos realizados pelos alunos deverão revelar um grau de desenvolvimento onde o raciocínio construtivo completo para o edifício esteja presente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia: Ateliê, 2004.

MONTEO, Rafael. Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos. Coleção Face Norte, volume 12. São Paulo, Cosac Naify, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Shlomo. Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language. Porto Alegre, Bookman, 2013.

ALLEN, Stan. "Points +Lines: diagrams and projects for the city". New York, Princeton Architectural Press, 1999.

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante. Um manifesto retroativo para Manhattan. Coleção Face Norte, São Paulo, Cosac Naify, 2008.

SCULLY JR., Vincent. Arquitetura Moderna. Coleção Face Norte, volume 01. São Paulo SP Brasil, Cosac Naify, 2002.

VENTURI, Robert. "Complexidade e contradição em arquitetura". São Paulo, Martins Fontes, 1995.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

2G www.ggili.com/es/tienda/revista-2g

A+U www.japlusu.com

Arquitetura Viva www.arquiteturaviva.com

Detail www.detail-online.com

El Croquis www.elcroquis.es

Tectonica www.tectonica.es

OASE Journal www.oasejournal.nl

San Rocco Magazine www.sanrocco.info

a f a s i a – archzine afasiaarq.blogspot.com

Bartlett Architecture Diary bartlettyear1architecture.blogspot.com.br

BLDGBLOG bldgblog.blogspot.com.br

Collective Housing Atlas collectivehousingatlas.net

Divisare - by Europaconcorsi divisare.com

Ediciones ARQ |Editorial de la Escuela de Arquitectura de la PUC de Chile
www.edicionesarq.cl

HIC Arquitectura hicarquitectura.com

Landezine | Landscape Architecture Works www.landezine.com

Revista Acrópole www.acropole.fau.usp.br

RNDRD www.rndrd.com

SOCKS – An online magazine of Art, Architecture, Media, Culture, Sounds, Territories,
Technology socks-studio.com

TECTÓNICAblog | arquitectura tecnología y construcción tectonicablog.com

DISCIPLINA: ESCOLA ITINERANTE (VIAGEM DE ESTUDO) VI – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola Itinerante integra o projeto pedagógico da Escola da Cidade e contribui para a formação de arquitetos com capacidade crítica e reflexiva, preparados para enfrentar, no exercício profissional, a realidade de um mundo complexo e em constante mudança. As questões pertinentes à história e ao repertório arquitetônico e urbanístico norteiam os itinerários da Escola da Cidade. Como a arquitetura e o urbanismo são espaços sociais e culturalmente construídos, a Escola considera imprescindível para a formação dos futuros arquitetos, a experiência do espaço presente nas obras fundamentais da arquitetura e urbanismo do Brasil e América Latina; conhecer as cidades históricas e as cidades planejadas para estabelecer relações e contrapontos.

EMENTA

A sexta viagem do programa da Escola Itinerante, que tem como destino as cidades de Bogotá e Medellín na Colômbia, integra o segundo ciclo de viagens do programa, que propõe uma prospecção mais intensa com a alternância periódica de novos roteiros, preferencialmente voltados para o conhecimento da produção contemporânea da arquitetura e do urbanismo em diversas cidades latino-americanas, e da sua relação com a constituição histórica e cultural de cada região visitada.

O roteiro pelas duas maiores cidades colombianas tem como principal interesse as transformações urbanas empreendidas a partir da década de 1990, impulsionadas pela ação de sucessivas gestões municipais comprometidas com a recuperação de uma cultura voltada para a cidadania — tendo como pano de fundo o processo de resistência empreendido no plano nacional contra o poder do narcotráfico —, amparada pela reconstrução intensiva dos espaços públicos e pela estruturação de uma rede mais abrangente de serviços e equipamentos públicos, com ênfase no transporte e na educação. O itinerário prevê o encontro com diversos atores deste processo, dos urbanistas envolvidos no planejamento municipal, aos arquitetos responsáveis pela construção de obras emblemáticas, proporcionando-se um contato mais aprofundado com os resultados deste conjunto de intervenções que constituem uma referência significativa para a cultura urbanística contemporânea.

5º ANO – 9º SEMESTRE

DISCIPLINA: GOVERNANÇA E TERRITÓRIO – 60 H/A

OBJETIVOS

Desenvolver atitude investigativa e crítica em relação aos processos urbanos e metropolitanos; buscar ações criativas e inovadoras para a resolução de problemas urbanos e metropolitanos; desenvolver atitude participativa e colaborativa necessários à atuação acadêmica e profissional; Conhecimento sobre o papel do Estado nas políticas públicas, de desenvolvimento urbano e as possibilidades de governança metropolitana; como também o conhecimento dos Marcos Regulatórios da Legislação Urbanística.

EMENTA

Teorias, experiências mais recentes e práticas dos planos urbanos e metropolitanos contemporâneos; metodologias para o desenvolvimento de planos e projetos urbanos; marcos regulatórios de Política Urbana: instrumentos: função social da cidade, operações urbanas, Projetos de Intervenção Urbana (PIU's); Plano regional estratégico e Plano de Desenvolvimento Integrado (PDUI's). Espaços de participação social na gestão urbana e metropolitana.

METODOLOGIA

Leituras e estudo dirigido abordando aspectos teóricos, conceituais e experiências recentes referentes à problemática abordada; aulas expositivas dialogadas; desenvolvimento de trabalho prático em equipe – leitura de Planos, diagnósticos territoriais e setoriais e projetos e planos urbanístico para um setor da região metropolitana de São Paulo. Entender as estratégias de intervenção urbana; através de atividades em sala de aula, pesquisa e levantamento de dados e informações; discussão sobre o desenvolvimento do projeto.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Trabalho em equipe: aferição contínua, com avaliação da participação individual.

Nota A, Peso 2/10 – apresentação e análise de planos de desenvolvimento urbano integrado para as Regiões Metropolitanas brasileiras. (Com recorte setorial)

Qualidade dos dados apresentados; análise e rebatimento dos planos com relação ao território estudado.

Nota B, Peso 3/10 – caracterização da área de estudo (recorte setorial do PDUI da RMSP);

Qualidade, fonte e análise dos dados que caracterizam a área de estudo;

Nota C, Peso 5/10 – Proposta;

Análise e diretrizes de alteração dos planos metropolitanos/regionais/setoriais/projeto de Intervenção Urbana.(objeto a ser pactuado com os alunos)- Adequação da proposição aos problemas elencados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MARGUTI, Bárbara; COSTA, Marco; FAVARÃO, César. Brasil Metropolitano em foco: Desafios à implementação do Estatuto da Metrópole. Brasília: IPEA, 2018.

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=32908

WILHEIM, Jorge. Projeto São Paulo propostas para a melhoria da vida urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOMEKH, Nadia; CAMPOS, Cândido Malta (org). A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX. São Paulo: Editora Mackpesquisa, 2002.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares. A colonização da terra e da moradia da era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HARVEY, David. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. Condição Pós moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEYER, Regina; DORA, Marta; BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp, 2004.

KLINK, Jeroen; SOUZA, Marcos. A cidade-região: regionalismo e reestruturação no grande ABC paulista. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2001.

MARICATO, Ermínia. O impasse da política urbana no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

Disponível:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/477129/mod_resource/content/1/Maricato%20-%20impasses.pdf

MONGIN, Olivier. A condição urbana – a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cm/v19n39/2236-9996-cm-19-39-0379.pdf>

Plano Diretor Estratégico – Lei 16.050/14

Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/>

Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo – Lei 16.406/16

Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/>

PMDI – Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado

PDUI RMSP – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana de São Paulo

Disponível em: <https://www.pdui.sp.gov.br/rmsp/>

PDUI RMRJ - Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Disponível em: Volume 1: <https://lnkd.in/dT9EFXU> e Volume 2: <https://lnkd.in/dRYduDX>

PDUI RMBH – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado de Belo Horizonte

Disponível em: <http://www.rmbh.org.br/pddi/>

PDUI RMGV – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado da Grande Vitória

<https://planometropolitano.es.gov.br/comdevit>

<https://planometropolitano.es.gov.br/documentos>

PDUI RMGV – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado de Curitiba

DISCIPLINA: ESTÉTICA II – 30 H/A

OBJETIVOS

O curso de Estética II dá sequência à discussão iniciada anteriormente no curso de Estética I, a saber, fornecer o quadro teórico de um dos aspectos da discussão sobre arquitetura contemporânea, que é o debate entre a racionalidade subjacente ao modernismo e os questionamentos teóricos que ela sofreu ao longo do século XX.

A ênfase do curso não é a discussão propriamente arquitetônica, isto é, referente ao vocabulário arquitetônico dos diferentes projetos, e sim aquilo que fundamenta a cisão mencionada acima, isto é, o debate conceitual entre correntes filosóficas que sustentam os interlocutores tanto modernos quanto críticos da modernidade. Isso é feito por meio do exame de autores fundantes ou herdeiros da Modernidade (do final do séc. XVIII até meados do séc. XX), ao lado de textos de defensores e críticos de novas formas de racionalidade, como Theodor W. Adorno, Ludwig Wittgenstein e Jürgen Habermas. Este, em seu Discurso Filosófico da Modernidade, trata, justamente, dos fundamentos teóricos e da necessidade de manutenção – reformulada – do que se convencionou chamar de projeto da Modernidade, em contraposição ao discurso então predominante de superação dos valores modernos pelo pós-modernismo em suas diferentes formas de crítica à Razão e às Filosofias do Sujeito.

Neste sentido, o curso de Estética II tematiza a crítica feita à Modernidade a partir de três pontos de vista privilegiados: a crítica imanente realizada pelos autores da Teoria Crítica, a defesa da linguagem como substituto da metafísica clássica e a nova concepção de racionalidade inspirada no Segundo Wittgenstein.

Ao lado da discussão teórica, o curso oferece uma tradução desse debate por meio do estudo de caso oferecido pela literatura fantástica e policial. São examinados autores

representativos do final do século XIX e início do XX que tematizam a questão da racionalidade sob a inspiração da filosofia moderna (Poe, Conan Doyle, Agatha Christie), justapostos a correntes e autores em que objeções à Modernidade se façam presentes (Hammett, Chandler, Ricardo Piglia).

EMENTA

Modernidade e depois: exame dos fundamentos filosóficos da discussão arquitetônica. A crítica à Modernidade.

METODOLOGIA

Aulas expositivas, leituras de textos em sala de aula, seminários e palestras com professores convidados.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A média do semestre será composta pela soma das seguintes notas: Prova intermediária individual (peso 1) + Prova final individual (peso 2). O aluno que faltar a uma das avaliações (com justificativa) poderá fazer uma prova substitutiva. A média para aprovação é 5,0. O aluno que obtiver média entre 3,0 e 4,9 poderá fazer outra avaliação no início do semestre seguinte, e nesta avaliação a média para aprovação é igualmente 5,0. Caso não consiga obter a média nesta última avaliação, o aluno deverá cursar a disciplina novamente. Ficam suspensos os nivelamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANTES, O.B.F. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo, Nobel/Edusp, 1993.

BENEVOLO, L. História da Arquitetura Moderna. São Paulo, Perspectiva, 2001.

FRAMPTON, K. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARANTES, P.E. e O.B.F. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

FABBRINI, R. "A apropriação da tradição moderna". In: Guinsburg, J. e Barbosa, A.M., O pós-modernismo. São Paulo, Perspectiva, 2005.

GÖSSEL, P. e LEUTHÄUSER, G. Architectura no século XX. Colônia, Ed. Taschen, 2001.

HABERMAS, J. "Modernidade - Um projeto inacabado". In: Arantes, P.E. e O.B.F., Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

_____. "Arquitetura moderna e pós-moderna". In: Arantes, P.E. e O.B.F., Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ABBAGNANO, N. Verbetes "Razão" e "Sujeito". In: Dicionário de Filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

ADORNO, T.W. Minima Moralia. São Paulo, Ática, 1993.

_____. Teoria Estética. Lisboa, Edições 70, 2000.

CHANDLER, R. A simples arte de matar. Porto Alegre, L&PM, 1997.

COLQUHOUN, A. Modernidade e Tradição Clássica. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

FABBRINI, R. A arte depois das vanguardas. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

FANUCCI, F. e FERRAZ, M. Brasil Arquitetura. São Paulo, Cosac & Naify, 2005.

GIANNOTTI, J.A. O jogo do belo e do feio. São Paulo, Cia das Letras, 2005.

HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____. Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 2002.

HAMMETT, D. Continental OP. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

HEGEL, G.W.F. Cursos de Estética. São Paulo, Edusp, 2001 [3 vols.] .

INWOOD, M. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

JAMESON, F. Pós-modernismo. São Paulo, Ática, 2004.

JENCKS, C. Movimentos modernos em arquitetura. Lisboa, Edições 70, 1992.

KANT, I. "Analítica do Belo". In: Crítica da Razão Pura e outros textos filosóficos. São Paulo, Editora Abril, Coleção Os Pensadores [diferentes edições].

LYOTARD, J.-F. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

MOURA, C.A.R. Racionalidade e crise. São Paulo, Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.

PAZZANESE, P. "Desconstruindo Harry, Zaha, Peter e, principalmente, o resto". In: Revista ArcDesign. São Paulo, Quadrifoglio Editora, Nº 32, set-out de 2003.

PIGLIA, R. Alvo Noturno. São Paulo, Cia das Letras, 2010.

PORTOGHESI, P. Depois da arquitetura moderna. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

SANTOS, L.H.L. "A essência da proposição e a essência do mundo". In: Wittgenstein, L. Tractatus Logico-Philosophicus. São Paulo, Edusp, 1993.

SUBIRATS, E. Da vanguarda ao pós-moderno. São Paulo, Nobel, 1991.

VVAA. Arte em revista. São Paulo, CEAC, Ano 5, Nº 7, agosto de 1983.

VVAA. Critique. Paris, Éditions de Minuit, Ano 44, Nº 531-532, agosto-setembro de 1991.

WEBER, M. Ensaios de sociologia. São Paulo, LTC, 1982.

Nota: As indicações bibliográficas acima não são exaustivas. Novas indicações serão feitas no decorrer do curso.

DISCIPLINA: TÉCNICAS RETROSPECTIVAS II – 30 H/A

OBJETIVOS

Instrumentar os alunos para a atuação no campo da preservação e restauro através da abordagem de suas questões teóricas, da apresentação da evolução do pensamento neste campo disciplinar e do estudo de casos de intervenção em conjuntos urbanos existentes. Ampliar o conhecimento de métodos e técnicas operativas na preservação de bens culturais, assim como o de sua terminologia específica. Apresentar uma visão crítica do universo da preservação, do restauro e da memória na prática da arquitetura e do urbanismo.

EMENTA

A disciplina propicia o estudo dos critérios e técnicas de preservação, conservação e restauro de bens arquitetônicos e urbanísticos.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do curso, com ênfase numa abordagem crítica, está estruturado em aulas expositivas, apresentação de imagens, discussão de textos, seminários e visitas técnicas.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Além do grau de participação de cada aluno ao longo do curso, deverão ser avaliados:

1. Seminários em equipe (2/3 alunos): os temas a serem debatidos em sala de aula. Cada equipe deverá trabalhar sobre um dos documentos, que será apresentado aos demais colegas. Para efeito de avaliação serão considerados os seguintes itens: conteúdo + apresentação oral

Peso 3

2. “Caderno de Viagem” das visitas técnicas (individual): registro escrito e ilustrado (croquis) das visitas técnicas

Peso 3

3. Trabalho Final – “uma leitura de conjunto urbano” (2/3 alunos): trata-se de um exercício, onde os alunos deverão reconhecer visadas e belvederes existentes na cidade de São Paulo, estabelecendo assim uma leitura crítica e definição de parâmetros urbanísticos para o conjunto. Os trabalhos serão expostos e debatidos nos dois últimos dias de aula.

Peso 4

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CURY, Isabelle (org.). “Cartas Patrimoniais”. RJ: IPHAN, 2004.

SANT’ANNA, Márcia G. “Da cidade-monumento à cidade-documento”. Salvador: Oiti Ed./IPHAN, 2015

MEURS, Paul. “Heritage based design”. Delft: TUDelft/Architecture, 2015

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHOAY, Françoise. “A alegoria do patrimônio”. SP: Estação Liberdade/UNESP, 2001

BRANDI, Cesari. Teoria da Restauração. Tradução Beatriz Mugayar Kühl: apresentação Giovanni Carbonara. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BOITO, Camillo. “Os restauradores”. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002

FRAMPTON, Kenneth. “Rappel a l’ordre, argumentos em favor da tectônica” in NESBIT, Kate (org.) Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. SP: Cosacnaify, 2006.

IPHAN. “Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio”. RJ: IPHAN, 2006.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

ANDRADE, Mário de. “Cartas de trabalho”. Brasília: MEC/SPHAN, 1981.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. SPaulo: Martins Fontes, 1995 (3ª. ed)

COSTA, Lucio. “Memória Descritiva do Plano Piloto” in Registro de uma vivência. SP: Empresa das Artes, 1995. PP. 283-297

CARBONARA, Giovanni. “Trattato di Restauro Architettonico”. Turim: UTET, 1996

GALVÃO, Anna Beatriz A. “A monumentalidade em Lucio Costa: projeto de arquitetura e cidade moderna”. Tese de doutorado, FAUUSP. São Paulo, 2006

GOMES, Marco Aurélio A. F. “Preservação e Urbanismo: encontros, desencontros e muitos desafios” in GOMES, Marco Aurélio A. F. e CORRÊA, Elyane Lins (org.)

Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: IPHAN, 1996.

JEUDY, Henri-Pierre. “Espelho das Cidades”. RJ: Casada Palavra, 2005

KOHLSDORF, Maria Elaine. “Manual de técnicas de apreensão do espaço urbano”. Brasília: IAU/UnB, 1984. Mimeografado.

_____. “Brasília e a preservação da modernidade”. Revista RUA/Ufba, Salvador, no.2, pp.23-37, 1989

MAGALHÃES, Aloisio. “Bens Culturais, instrumentos para um desenvolvimento harmonioso”. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, RJ, no.20, pp.40-440, 1984.

_____. “E ‘Triunfo’? A questão dos bens culturais no Brasil”. RJ/Brasília: Nova Fronteira/FNPM, 1985.

MARCONI, Paolo. “Il recupero della bellezza”. Milano: Skira, 2005.

MENESES, Ulpiano. Os usos culturais da cultura. In: YAZIGI, E. (et al.). Turismo, espaço, paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.88-99.

Ministério da Cultura. “Cartas Patrimoniais”. Brasília: IPHAN, 2006.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. “Teoría contemporânea de la restauración”. Madrid: Síntesis.

PESSOA, José (org.). “Lucio Costa: documentos de trabalho”. RJ: IPHAN, 2004.

POULOT, Dominique. Uma História do patrimônio no ocidente, dos séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. “Preservar não é tombar; renovar não é por tudo abaixo”. Revista Projeto, SP, no.86, abril 1986.

_____. “A Cidade como um Jogo de Cartas”. Niterói: EDUFF, 1988.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO VIII – 30 H/A / SISTEMAS ESTRUTURAIS VII – 30 H/A

OBJETIVOS

O ensino de arquitetura através de exercícios de projeto, geralmente não atinge o aprofundamento necessário para a possibilidade de construção daquele objeto ou edifício.

Pretende-se com este curso simular situações que aproximem os alunos desta situação e realidade construtiva. Será exigido que o exercício seja complementado com a produção de protótipos ou modelos das situações desenhadas.

Aprofundar o conhecimento em direção às questões ligadas à industrialização e pré-fabricação da construção arquitetônica também se apresenta como um dos objetivos deste curso.

Pretende-se também ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de designers e arquitetos fundamentais, sempre com ênfase nas questões ligadas à industrialização e pré-fabricação.

Incentivar o desenvolvimento da expressão de cada um a partir da realização de um projeto individualmente e cobrar sua responsabilidade por esse trabalho são também objetivos do curso.

EMENTA

O curso está baseado na prática de desenvolvimento de projetos em nível de execução, colocando o estudante em contato direto com questões relativas à construtibilidade, materialidade e industrialização do processo de execução da arquitetura, dos objetos e dos elementos que compõem a cidade.

Para isso será proposto um exercício de projeto integrado com as disciplinas de desenho e tecnologia (Tecnologia, Desenho e Projeto), que de maneira complementar aumentarão a complexidade e abrangência das questões envolvidas no projeto.

Paralelamente serão apresentados em aulas expositivas, projetos e modelos exemplares para situar e ilustrar os objetivos pretendidos no exercício.

Do início do trabalho à sua conclusão, o projeto deverá revelar um grau de desenvolvimento que inclua o raciocínio construtivo completo para o objeto ou edifício.

METODOLOGIA

A disciplina será organizada em 03 módulos, sempre realizados por meio de, aulas expositivas (teóricas), orientação em estúdio (coletivas ou individuais), seminários de avaliação e exposição dos trabalhos.

As aulas expositivas, com apresentações de obras exemplares, podendo abranger discussões desde a concepção até a conclusão, serão sempre ilustradas com projeção de imagens. Poderão ser convidados professores externos para ministrarem aulas referentes ao tema de discussão.

As aulas práticas serão desenvolvidas no estúdio, durante o período de aula, das 15h30 às 20h30.

Os alunos serão orientados pelos professores das três disciplinas em um mesmo exercício e pelos monitores, em sistema de rodízio, em situações coletivas e individuais, conforme organização de cada disciplina. Os professores poderão realizar um rodízio de forma a garantir que todos os alunos tenham orientação com todos os professores e monitores.

A orientação coletiva será realizada, por meio de apresentação do projeto pelos alunos e na participação ativa por meio de críticas e comentários a outros projetos. Após a participação de cada aluno, ele deverá utilizar o restante do tempo para trabalhar e desenvolver seu projeto no ateliê.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será processual, determinada pela evolução de cada aluno dentro de suas possibilidades e potencialidades. Portanto a presença e a participação nas aulas são imprescindíveis para a avaliação do processo e para o bom desempenho do aluno. A

avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho. Cada apresentação corresponderá a uma nota. A avaliação de cada etapa seguirá o seguinte quadro:

Ítems a serem avaliados Pesos

Módulo 1 3

Módulo 2 3

Módulo 3 4

CONCEITO FINAL Soma das notas de cada etapa/ número de etapas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Desenho Livre Para Arquitectos - Editorial Estampa (Cód. Item 1839043) (Cód EAN 9789723320404).

Manual de dibujo arquitectónico - Francis D. K. Ching 21 x 30 cm 250 páginas ISBN: 9788425225659 Rústica 2013 4ª edición revisada y ampliada.

Diccionario visual de arquitectura - Francis D. K. Ching.

Las dimensiones humanas en los espacios interiores - Julius Panero, Martin Zelnik 21 x 30 cm 320 páginas ISBN: 9788425221743 Rústica 2013 (1a edición , 16a tirada)

Dibujo y proyecto - Francis D. K. Ching, Steven P. Juroszek - 21 x 30 cm 408 páginas Incluye CD ISBN: 9788425225079 Rústica 2013 (2a edición , 2a tirada) Segunda edición ampliada

Manual de construcción de edificios - Roy Chudley, Roger Greeno 17 x 24 cm 06 páginas ISBN: 9788425225918 Rústica 2014 3ª edición revisada y ampliada

Diccionario visual de arquitectura - Francis D. K. Ching 21 x 30 cm 360 páginas ISBN: 9788425220203 Rústica 2013 (1a edición , 9a tirada)

Dicionário da arquitetura brasileira - Eduardo Corona, Carlos A.C. Lemos - Edart-São Paulo Livraria Editora, 1972 - 472 páginas

Coleção revistas 'Detail'

Coleção de revistas 'El Croquis

Construire en bois - Thomas Herzog, Michaël Volz, Julius Natterer et Roland Schweitzer, Detail Publisher

Construire en acier - Helmut C. Schultiz, Werner Sobek, Karl J. Habermann, Detail Publisher.

Construire en béton : Conception des bâtiments en béton armé - Friedbert Kind-barkauskas, Stephan Polonyi, Jörg Brandt, Bruno Kauhsen, Collectif (Traduction), Detail Publisher.

Construire en verre - Christian Schittich, Gerald Staib, Dieter Balkow, Matthias Schuler , Werner Sobek, Detail Publisher.

Construire des façades - Thomas Herzog, Roland Krippner, Werner Lang, Detail Publisher.

João Filgueiras Lima – Giancarlo Latorraca, Editora Balu, 2000.

Paulo Mendes da Rocha: Bauten und Projekte / Works and Projects – Annette Spiro

Coleção 'Material World: Innovative Materials for Architecture and Design' - 03 Volumes.

19. Tower and Office: From Modernist Theory to Contemporary Practice – Juan Abalos y Iñaki Herreros, MIT Press, 2004

Coleção GA detail

DISCIPLINA: DESENHO ARQUITETÔNICO E DETALHAMENTO CONSTRUTIVO – 60 H/A

OBJETIVOS

O ensino de arquitetura através de exercícios de projeto, geralmente não atinge o aprofundamento necessário para a possibilidade de construção daquele objeto ou edifício.

Pretende-se com este curso simular situações que aproximem os alunos desta situação e realidade construtiva. Será exigido que o exercício seja complementado com a produção de protótipos ou modelos das situações desenhadas.

Aprofundar o conhecimento em direção às questões ligadas à industrialização e pré-fabricação da construção arquitetônica também se apresenta como um dos objetivos deste curso.

Incentivar o desenvolvimento da expressão de cada um a partir da realização de um projeto individualmente e cobrar sua responsabilidade por esse trabalho são também objetivos do curso.

EMENTA

O curso está baseado na prática de desenvolvimento de projetos em nível de execução, colocando o estudante em contato direto com questões relativas à construtibilidade, materialidade e industrialização do processo de execução da arquitetura, dos objetos e dos elementos que compõem a cidade.

Para isso será proposto um exercício de projeto integrado com as disciplinas de desenho e tecnologia (Tecnologia, Desenho e Projeto), que de maneira complementar aumentarão a complexidade e abrangência das questões envolvidas no projeto.

Paralelamente serão apresentados em aulas expositivas, projetos e modelos exemplares para situar e ilustrar os objetivos pretendidos no exercício.

Do início do trabalho à sua conclusão, o projeto deverá revelar um grau de desenvolvimento que inclua o raciocínio construtivo completo para o objeto ou edifício.

METODOLOGIA

A disciplina será organizada em 03 módulos, sempre realizados por meio de, aulas expositivas (teóricas), orientação em estúdio (coletivas ou individuais), seminários de avaliação e exposição dos trabalhos.

As aulas expositivas terão como tema os elementos fundamentais de representação do desenho técnico de arquitetura, juntamente com a exploração de ferramental teórico e gráfico para investigação e compreensão do processo de desenvolvimento do projeto através do desenho. Todo o material apresentado será disponibilizado no endereço (site) criado pelas 03 disciplinas do Exercício Único.

As aulas práticas serão desenvolvidas no estúdio, durante o período de aula, das 15h30 às 17h30.

Os alunos serão orientados pelos professores das três disciplinas em um mesmo exercício e pelos monitores, em sistema de rodízio, em situações coletivas e individuais, conforme organização de cada disciplina. Os professores poderão realizar um rodízio de forma a garantir que todos os alunos tenham orientação com todos os professores e monitores.

A orientação coletiva será realizada, por meio de apresentação do projeto pelos alunos e na participação ativa por meio de críticas e comentários a outros projetos. Após a participação de cada aluno, ele deverá utilizar o restante do tempo para trabalhar e desenvolver seu projeto no ateliê. ETAPAS DE TRABALHO.

A realização do Exercício será realizado por meio de 3 módulos, em cada módulo terá uma entrega e avaliação, separação que visa criar um processo de trabalho contínuo, com um aprofundamento gradual dos projetos durante o semestre.

Módulos 1

Concepção inicial, estudos preliminares, anteprojeto.

Produtos: Apresentação livre, porém com clareza nos aspectos conceituais.

É imprescindível a apresentação de Modelos volumétricos.

Ênfases: resolução espacial e arquitetônica / desenho geral do edifício / conceituação de instalações e sistemas / sustentabilidade financeira do empreendimento/ clareza de apresentação. Módulo 2

Eleição das peças, pormenor ou particularidade do edifício a ser desenvolvido, pesquisa de materiais e técnicas construtivas, desenvolvimento do projeto, consolidação da proposta.

Produtos: plantas, cortes elevações. Em escala para identificação dos detalhes. Modelo 3D final.

Ênfases: desenho de trechos do edifício ampliado / desenho dos detalhes e ampliações/ pesquisa de materiais / industrialização da construção/ reprodutibilidade / raciocínio construtivo / conceituação coerente dos detalhes em relação ao projeto / clareza na apresentação.

Módulo 3

Produção do protótipo ou modelo. Revisão dos desenhos de Execução, em função do modelo construído.

Produtos: desenhos de construção e protótipo, modelo ou objeto contemplando todas as questões construtivas e de fabricação.

Ênfases: possibilidade de industrialização / raciocínio construtivo / conceituação coerente ao projeto / economia de materiais/ clareza na apresentação.

PRESENÇA

Será realizada chamada no início de todas as aulas.

O aluno que tiver uma frequência inferior a 70% de presença nas aulas será automaticamente reprovado.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será processual, determinada pela evolução de cada aluno dentro de suas possibilidades e potencialidades.

Portanto a presença e a participação nas aulas são imprescindíveis para a avaliação do processo e para o bom desempenho do aluno. A avaliação será progressiva e considerará as etapas de trabalho. Cada apresentação corresponderá a uma nota. A avaliação de cada etapa seguirá o seguinte quadro:

Ítems a serem avaliados Pesos

Módulo 1 - PESO 3

Módulo 2 - PESO 3

Módulo 3 - PESO 4

CONCEITO FINAL Soma das notas de cada etapa/número de etapas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SACRISTE, Eduardo. Charlas a principiantes: Una visión integradora y dinámica de la arquitectura. Buenos Aires: Eudeba, 2004, 2 Edição;

ARANTES, Pedro Fiori. Arquitetura na era digital-financeira : desenho, canteiro e renda da forma [online]. São Paulo : Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de Doutorado em Tecnologia da Arquitetura. [acesso 2014-08-07].

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-01062010-095029/>>;

TAMASHIRO, Heverson Akira. Entendimento técnico-construtivo e desenho arquitetônico : uma possibilidade de inovação didática [online]. São Carlos : Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. [acesso 2014-08-07]. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-05012011-152301/>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HERZOG, Thomas et al. Construire en Bois. Lausanne: Presses Polytechniques Et Universitaires Romandes, 2005;

GOTZ, Karl-Heinz et al. Construire en Bois: choisir, concevoir, réaliser. Lausanne: Presses Polytechniques Et Universitaires Romandes, 2005;

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Beijódromo: o Memorial Darcy Ribeiro. Brasília: UnB, 2011;

RISSELADA, Max (org.). A Arquitetura de Lelé: Fábrica e Invenção. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011;

HANAI, João Bento de. Construções de Argamassa Armada: Fundamentos Tecnológicos para o Projeto e Execução. São Paulo: Pini, 1992.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

Universidad Politécnica de Madrid - Colección Digital Politécnica

<http://cdp.upm.es/R/YXVPMTGLJ67C3XLCNVKPGXGGYJPH946K3FLB3EDKTV7FVHDER2-05215>

Concursosdeprojeto.org

<http://concursosdeprojeto.org>

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO PROJETO IX – 100 H/A

OBJETIVOS

O ensino de arquitetura através de exercícios de projeto, geralmente não atinge o aprofundamento necessário para a possibilidade de construção daquele objeto ou edifício. Pretende-se com este curso simular situações que aproximem os alunos desta situação e realidade construtiva. Será exigido que exercício seja complementado com a produção de protótipos ou modelos das situações desenhadas.

Aprofundar o conhecimento em direção às questões ligadas à industrialização e pré-fabricação da construção arquitetônica também se apresenta como um dos objetivos deste curso.

Pretende-se também ampliar o repertório arquitetônico do aluno a partir do estudo de projetos exemplares e de designers e arquitetos fundamentais, sempre com ênfase nas questões ligadas à industrialização e pré-fabricação.

Incentivar o desenvolvimento da expressão de cada um a partir da realização de um projeto individualmente e cobrar sua responsabilidade por esse trabalho são também objetivos do curso.

EMENTA

O curso está baseado na prática de desenvolvimento de projetos em nível de execução, colocando o estudante em contato direto com questões relativas à construtibilidade, materialidade e industrialização do processo de execução da arquitetura, dos objetos e dos elementos que compõem a cidade.

Para isso será proposto um exercício de projeto integrado com as disciplinas de desenho e tecnologia

(Tecnologia, Desenho e Projeto), que de maneira complementar aumentarão a complexidade e abrangência das questões envolvidas no projeto.

Paralelamente serão apresentados em aulas expositivas, projetos e modelos exemplares para situar e ilustrar os objetivos pretendidos no exercício.

Do início do trabalho à sua conclusão, o projeto deverá revelar um grau de desenvolvimento que inclua o raciocínio construtivo completo para o objeto ou edifício.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Las dimensiones humanas en los espacios interiores - Julius Panero, Martin Zelnik 21 x 30 cm 320 páginas ISBN: 9788425221743 Rústica 2013 (1ª edición , 16ª tirada)

Dibujo y proyecto - Francis D. K. Ching, Steven P. Juroszek - 21 x 30 cm 408 páginas Incluye CD ISBN: 9788425225079 Rústica 2013 (2ª edición , 2ª tirada) Segunda edición ampliada.

Manual de construcción de edificios - Roy Chudley, Roger Greeno 17 x 24 cm 06 páginas ISBN: 9788425225918 Rústica 2014 3ª edición revisada y ampliada.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Construire en bois - Thomas Herzog, Michaël Volz, Julius Natterer et Roland Schweitzer, Detail Publisher.

Construire en acier - Helmut C. Schultz, Werner Sobek, Karl J. Habermann, Detail Publisher.

Construire en béton : Conception des bâtiments en béton armé - Friedbert Kind-barkauskas, Stephan Polonyi, Jörg Brandt, Bruno Kauhsen, Collectif (Traduction), Detail Publisher.

Construire en verre - Christian Schittich, Gerald Staib, Dieter Balkow, Matthias Schuler , Werner Sobek, Detail Publisher.

Construire des façades - Thomas Herzog, Roland Krippner, Werner Lang, Detail Publisher.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

Sites:

<http://vitruvius.com.br>

<http://archdaily.com>

<http://afasiaarchzine.com/>

<http://divisare.com/>

<http://plataformarquitectura.cl>

<http://www.detail-online.com/>

<http://www.edicionesarq.cl/>

<http://www.teses.usp.br/>

Outros livros:

Desenho Livre Para Arquitectos - Editorial Estampa (Cód. Item 1839043) (Cód EAN 9789723320404

Dicionário da arquitetura brasileira - Eduardo Corona, Carlos A.C. Lemos - Edart-São Paulo Livraria Editora, 1972 - 472 páginas

Tower and Office: From Modernist Theory to Contemporary Practice – Juan Abalos y Iñaki Herreros, MIT Press, 2004

Diccionario visual de arquitectura - Francis D. K. Ching 21 x 30 cm 360 páginas ISBN: 9788425220203 Rústica 2013 (1a edición , 9a tirada).

Manual de dibujo arquitectónico - Francis D. K. Ching 21 x 30 cm 250 páginas ISBN: 9788425225659 Rústica 2013 4ª edición revisada y ampliada.

Coleção revistas 'Detail'

Coleção de revistas 'El Croquis

Paulo Mendes da Rocha: Bauten und Projekte / Works and Projects – Annette Spiro

Coleção 'Material World: Innovative Materials for Architecture and Design' - 03 Volumes.

João Filgueiras Lima – Giancarlo Latorraca, Editora Balu, 2000.

Coleção GA detail

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO V (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;

- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1a edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENHO URBANO III – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola da Cidade realiza anualmente o **Seminário Internacional**, voltado aos estudantes da Escola e aberto a alunos de outras faculdades, arquitetos, além de demais interessados. O Seminário se propõe a complementar e qualificar a formação de estudantes e arquitetos, em projeto urbano.

É um evento acadêmico, gratuito, dirigido a toda a comunidade, com realização de palestras e workshops em conjunto com tradicionais instituições de ensino e renomados escritórios de arquitetura parceiros na organização. Já participaram do evento vários arquitetos convidados de países diversos, como Itália, China, Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Dinamarca, Áustria, Portugal, entre outros.

EMENTA

O Seminário Internacional é um dos eventos mais significativos e celebrados na Escola da Cidade, pois uma vez ao ano, durante uma semana, a Faculdade recebe convidados nacionais e internacionais de reconhecido prestígio e organiza conferências e debates abertos ao público, workshops e dinâmicas especiais entre alunos, professores e público interessado, estudando com profundidade um tema contemporâneo.

Desde 2015, o evento passou a contar com a parceria do Sesc São Paulo.

Edições realizadas

2003 – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Oficina da Cidade (de 29.09 a 04.10)

2006 – II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Encontro dos Rios (de 17 a 22.04)

2007 – III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – A Cidade e seus Narradores – Oficina Mir(i)adas – Arquitetura, Arte e Cidade (de 1 a 5 de outubro)

2009 – IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Baixada do Glicério (de 3 a 10 de outubro)

2010 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – ESPAÑA NA CIDADE (de 10 a 16 de abril)

2011 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Habitação e Educação na Cidade Contemporânea (de 2 a 9 de abril)

2012 – VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Área Tiquatira 2 (de 25 a 31 de março)

2013 – VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – HIDROANEL METROPOLITANO DE SÃO PAULO (de 8 a 12 de abril)

2014 – IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCOLA DA CIDADE – HABITAÇÃO – INFRAESTRUTURA, ESPAÇO PÚBLICO E GESTÃO (de 30 de março a 04 de abril)

2015 – X SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Tempo Livre na Cidade (parceria do Sesc São Paulo) – (de 23 a 27 de março)

2016 – XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL Espaço Livre na Cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 11 a 15 de abril)

2017 – CONTRA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Conduas: Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 4 a 8 de abril)

2018 – XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Arquitetura é forma de conhecer (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 24 de fevereiro a 02 de março)

2019 – XIV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Ainda o direito à cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 16 de fevereiro a 23 de fevereiro)

2020 – XV seminário internacional da escola da cidade – espaços para respirar: projetos para são paulo

5º ANO – 10º SEMESTRE

VIVÊNCIA EXTERNA:

ATELIÊ DE PROJETO / ESTÁGIO SUPERVISIONADO / INTERCÂMBIO ACADÊMICO / PESQUISA ASSISTIDA – 360 H/A

Orientações Gerais

A Vivência Externa (VE) constitui um momento muito particular na formação dos estudantes da Escola da Cidade. Ela se insere em um momento de transição (em que o estudante já cursou a maior parte das disciplinas) e constitui um intervalo - fora do ambiente habitual - que antecede a conclusão do curso e a graduação.

São oferecidos quatro caminhos possíveis para sua realização:

1. Estágio Assistido
2. Intercâmbio Acadêmico
3. Pesquisa Assistida
4. Ateliê de Obra

A descrição pormenorizada de cada um deles encontra-se adiante.

Na opção do Intercâmbio Acadêmico, é possível a obtenção de até duas equivalências em disciplinas cursadas durante a VE, desde que analisadas e acordadas previamente entre o estudante, o orientador e a Secretaria da Escola.

Nas demais opções, caso o estudante permaneça em São Paulo, é possível cursar até duas disciplinas na Escola da Cidade desde que isto não prejudique o cumprimento pleno da VE. Essa possibilidade deverá ser analisada e acordada previamente entre o estudante, o orientador e a Secretaria da Escola.

Opção 1 – Estágio Assistido

A proposta do Estágio Assistido é a de auxiliar o estudante na escolha e na viabilização de experiências no âmbito da prática da arquitetura e do urbanismo que possam contribuir de maneira significativa na sua formação. A Escola o orientará, através de um professor responsável, na escolha e no planejamento dessa vivência a partir dos interesses pessoais e da trajetória de cada um. Esta experiência poderá ser realizada em escritórios privados, instituições públicas e organizações não governamentais, entre outros, que exerçam atividades relacionadas ao campo da arquitetura e do urbanismo.

Num primeiro momento, o estudante deverá responder a um questionário elaborado pela Escola no qual especificará a modalidade de vivência pretendida bem como os principais destinos de sua preferência para a realização desta. O questionário orientará o planejamento e a realização dos contatos iniciais com as instituições externas.

Além do questionário, o estudante deverá providenciar um Portfólio (em meio digital), que será encaminhado ao escritório ou instituição. Este poderá aceitar ou não a candidatura, bem como proceder a uma seleção caso existam outros candidatos.

É importante ressaltar que a Escola fará o que estiver ao seu alcance para auxiliar na viabilização do Estágio Assistido desejado, mas cabe ao estudante assumir uma postura ativa e conduzir as tratativas que venham a ser necessárias.

Uma vez definido o local para a realização do estágio, o estudante deverá elaborar um Plano de Vivência Externa, conforme o modelo disponibilizado ao final desse documento. O vínculo entre a instituição e o estudante será obrigatoriamente formalizado através da assinatura de um contrato de estágio a ser fornecido pela Escola mediante solicitação deste.

As atividades relacionadas ao Estágio Assistido deverão atingir um total mínimo de 360 horas. A distribuição destas no tempo deverá ser especificada no Plano de VE.

Durante a realização do Estágio Assistido o estudante manterá o contato formal com a Escola por meio do professor responsável (orientador pedagógico), que estabelecerá previamente sua frequência e formato.

Ao término do Estágio Assistido o estudante deverá elaborar o um documento síntese contendo um relato das atividades desenvolvidas, imagens de projetos e obras em que colaborou ou que visitou e material adicional a seu critério. Este documento deverá ser complementado por uma avaliação crítica da experiência como um todo e da contribuição desta para a sua formação. O relatório deverá ser entregue em meio digital (PDF) à coordenação da VE e ao orientador.

A Escola disponibilizará um auxílio financeiro mensal durante os quatro meses de duração do semestre letivo. (de setembro a dezembro)

Opção 2 - Intercâmbio Acadêmico

A proposta geral do Intercâmbio Acadêmico é a de oferecer ao estudante a possibilidade de experimentar, durante um semestre completo, outros modelos de ensino da arquitetura bem como vivenciar diferentes realidades socioculturais e urbanas. Com esse objetivo a escola construiu, e vem continuamente ampliando, uma extensa rede de instituições conveniadas.

Num primeiro momento, o estudante deverá responder a um questionário elaborado pela Escola no qual especificará a modalidade de vivência pretendida bem como os principais destinos de sua preferência para a realização desta. O questionário orientará o planejamento e a realização dos contatos iniciais com as instituições externas. Além do questionário, poderá ser solicitado ao estudante um Portfólio (em meio digital), a data exata será oportunamente informada, que será utilizado nos eventuais processos de seleção, caso existam mais estudantes interessados do que vagas disponíveis, e posteriormente encaminhado à instituição conveniada como forma de apresentação. A Escola orientará o

estudante, através de um professor responsável, na escolha e no planejamento dessa vivência a partir dos interesses pessoais e da trajetória de cada um.

Uma vez definido o local para a realização do Intercâmbio, o estudante deverá elaborar um Plano de Vivência Externa, conforme o modelo de disponibilizado.

As atividades relacionadas ao Intercâmbio Acadêmico deverão atingir um total mínimo de 360 horas. A distribuição destas deverá ser especificada no Plano de VE. Como orientação geral, sugere-se uma proporção aproximada de 240 horas dedicadas ao curso de disciplinas (03 disciplinas) e 120 horas dedicadas a atividades complementares (roteiros de visitas, pesquisas, estágios e etc.).

O desempenho do estudante nas disciplinas cursadas será verificado através do histórico escolar fornecido pela instituição conveniada. Caso se verifique que a avaliação média obtida não foi satisfatória, o estudante não terá direito a receber os créditos da VE, devendo cursá-la novamente.

Durante a realização do Intercâmbio o estudante manterá o contato formal com a Escola por meio do professor responsável (orientador pedagógico), que estabelecerá previamente sua frequência e formato.

Ao término do Intercâmbio o estudante deverá elaborar um documento síntese contendo um relato das atividades desenvolvidas, das disciplinas cursadas, imagens de lugares e obras visitados e material adicional a seu critério. Este documento deverá ser complementado por uma avaliação crítica da experiência como um todo e da contribuição desta para a sua formação. O relatório deverá ser entregue em meio digital (PDF) à coordenação da VE e ao orientador.

Opção 3 - Pesquisa Assistida

O objetivo geral desta modalidade é oferecer ao estudante a possibilidade de desenvolver com maior profundidade pesquisa científica em tema de seu interesse favorecida pela potencialidade desse momento particular de sua formação. O estudante deverá elaborar um projeto de pesquisa que possa ser iniciado e concluído num período de 06 meses (de agosto a fevereiro).

Num primeiro momento, o estudante deverá responder a um questionário elaborado pela Escola no qual especificará a modalidade de vivência pretendida.

O estudante que optar pela Pesquisa Assistida deverá entregar (a data exata será oportunamente informada), um Projeto de Pesquisa (em meio digital), que será utilizado nos eventuais processos de seleção de bolsistas caso existam mais estudantes interessados do que bolsas disponíveis e sem cuja aprovação o estudante não poderá desenvolver a vivência externa nessa modalidade.

O acompanhamento dos estudantes que optarem por esta modalidade ficará a cargo do Coordenador do Programa de Iniciação Científica, vinculado ao Conselho Científico da Escola, o que não exclui, caso o estudante deseje, a possibilidade de orientação concomitante de outro professor mais próximo ao tema da pesquisa. A escola poderá ainda auxiliar o estudante na obtenção de financiamentos externos junto a instituições de fomento à pesquisa.

As atividades relacionadas à Pesquisa Assistida pressupõem – salvo casos específicos – dedicação integral e deverão atingir um total mínimo de 360 horas. A distribuição destas no tempo deverá ser especificada no Plano de Pesquisa.

Durante a realização da Pesquisa Assistida o estudante manterá o contato formal com a Escola por meio do professor responsável (orientador pedagógico), que estabelecerá previamente sua frequência e formato.

Ao término da Pesquisa Assistida o estudante deverá elaborar um relatório final da pesquisa que contenha: resumo do plano inicial e das etapas previstas; resumo do que foi realizado no período e detalhamento dos progressos realizados, justificando eventuais alterações do projeto original ou em sua execução. O relatório final deverá ser acompanhado ainda de artigo científico sob algum recorte da pesquisa desenvolvida. Os documentos serão entregues em meio digital à coordenação da VE e ao Coordenador do Programa de Iniciação Científica. O estudante compromete-se ainda a participar da Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade durante e após o desenvolvimento da pesquisa.

Opção 4 - Ateliê de Obra

O objetivo geral do Ateliê de Obra é oferecer ao estudante a possibilidade de participar do desenvolvimento do projeto e da execução de uma obra de pequeno porte, permanente ou temporária, através de um processo que possa ser iniciado e concluído num período de 04 a 06 meses. O estudante que optar pelo Ateliê de Obra deverá integrar uma equipe de trabalho constituída de outros estudantes e um ou mais professores coordenadores.

A Escola poderá oferecer auxílios financeiros a serem utilizados no desenvolvimento do projeto e/ou na execução da obra, dependendo de cada caso específico. Um ou mais professores deverão planejar e coordenar cada Ateliê, dimensionando (número de vagas para estudantes) e coordenando a equipe de trabalho.

Num primeiro momento, o estudante deverá responder a um questionário elaborado pela Escola no qual especificará a modalidade de vivência pretendida. Este documento orientará o planejamento inicial das atividades do Ateliê de Obra em função do número de interessados. Além do questionário, o estudante deverá entregar um Portfólio (em meio digital), que será utilizado nos eventuais processos de seleção, caso existam mais interessados do que vagas disponíveis.

Uma vez definido o tema do Ateliê de Obra, o estudante deverá elaborar um Plano de Vivência Externa conforme o modelo disponibilizado. As atividades relacionadas ao Ateliê de Obra deverão atingir um total mínimo de 360 horas. A distribuição destas no tempo deverá ser especificada no Plano de VE.

Ao término do Ateliê de Obra o estudante deverá elaborar um documento síntese contendo um relato das atividades desenvolvidas e material adicional a seu critério. Este documento deverá ser complementado por uma avaliação crítica da experiência como um todo e da contribuição desta para a sua formação. O relatório deverá ser entregue em meio digital (PDF) à coordenação da VE e ao orientador.

6º ANO – 11º SEMESTRE

DISCIPLINA: PRÁTICA PROFISSIONAL E LEGISLAÇÃO – 60 H/A

OBJETIVOS

No início do 6º Ano, a experiência crítica e propositiva acumulada durante a formação universitária está pronta para investigar e debater as condicionantes éticas, institucionais e produtivas da atuação profissional do arquiteto e urbanista, que podem se manifestar tanto num complexo alinhamento entre ação e valores políticos quanto na mais básica decisão sobre remuneração de trabalho. O objetivo da disciplina é debater estas condicionantes como preparação do aluno/a para o Trabalho de Conclusão da faculdade e para sua posterior inserção nos múltiplos campos de atuação profissional que se abrem para o arquiteto e urbanista.

EMENTA

A disciplina aborda as perspectivas profissionais do arquiteto e urbanista a partir de conceitos relacionados à ética e ao trabalho, bem como aspectos de legislação e prática profissional que condicionam sua atuação profissional.

METODOLOGIA

A disciplina será organizada em um módulo conceitual e um módulo sobre legislação e prática profissional

O módulo conceitual usa como base de informações o período de Vivência Externa do/a aluno/a de 6º Ano, que deve ser relacionado através de uma monografia individual com os conceitos sobre trabalho e ética apresentados e debatidos em textos de três autores: Hannah Arendt, Karl Marx e Sérgio Ferro. Os textos estão na bibliografia, com indicação de trechos cuja leitura é obrigatória e deve se fazer presente de forma relevante e coerente na monografia individual.

O módulo de legislação e prática profissional usa como base de informações entrevistas com arquitetos e urbanistas cuja atuação tem afinidade com os interesses dos entrevistadores, organizados em grupos de três alunos/as. As entrevistas devem ser relacionadas através de um relatório de grupo com documentos normativos elaborados por duas entidades de classe: ASBEA e CAU. Os documentos normativos estão na bibliografia e devem se fazer presentes de forma relevante e coerente no relatório de grupo.

AValiação

A nota semestral será composta, com pesos iguais, pela avaliação da monografia individual e pela avaliação do relatório de grupo. Eventuais arredondamentos serão decididos com base na participação do aluno em aula.

CONTROLE DE FREQUÊNCIA

A participação dos alunos é importante para a dinâmica da disciplina, baseada no debate coletivo de conceitos, normas e práticas profissionais. A frequência às aulas é fundamental e, portanto, será controlada por lista de presença, a ser anotada pelo professor no período das 14H às 14H30. A reprovação por falta seguirá o regulamento comum da Escola da Cidade, válido para os demais semestres.

BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA - MÓDULO CONCEITUAL

• ARENDT, Hannah (1958). A condição humana. 11ª edição, revisada. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

→ A leitura é obrigatória para os capítulos 16 a 20 (pg 146 a 179), cujos títulos são, respectivamente: “Os instrumentos da obra e a divisão do trabalho”, “Uma sociedade de consumidores”, “A durabilidade do mundo” e “Reificação”.

→ Quem utilizar a tradução brasileira da editora Forense Universitária deve priorizar a tradução revista por Adriano Correa, realizada a partir da 11ª edição.

• CAU/BR - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (2013). Código de Ética e Disciplina para Arquitetos e urbanistas. Brasília: CAU/BR.

• FERRO, Sérgio (1976). Sobre O canteiro e o desenho. In: Arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac Naify.

→ A leitura é obrigatória para a “Introdução” da parte “A”, cujo título é “Sobre o capítulo ‘O desenho’”.

• MARX, Karl (2013[1867]). O Capital - Livro 1. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

→ A leitura é obrigatória para o subcapítulo 3 (pg 241 a 251), cujo título é “A compra e venda de força de trabalho”, do capítulo 4 do Livro 1, cujo título é “A transformação do dinheiro em capital”.

BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA - MÓDULO DE LEGISLAÇÃO

- ASBEA - Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (2000). Manual de contratação de serviços de arquitetura e urbanismo. 2ª edição. São Paulo: Pini.
- CAU/BR - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (2013). Resolução nº 51. Brasília: CAU/BR.
- CAU/BR - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (2014). Tabelas de honorários de serviços de arquitetura e urbanismo. Brasília: CAU/BR

DISCIPLINA: PROJETO DE ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO VI (ESTÚDIO VERTICAL) – 120 H/A

OBJETIVOS

O Estúdio Vertical consiste em um ateliê coletivo de projeto que possibilita a integração dos alunos de diversos anos nos grupos de trabalho, desenvolvendo a capacidade de participação do trabalho coletivo. Essa integração garante o compartilhamento das experiências individuais que devem ser aplicadas no decorrer do curso.

Os semestres do Estúdio Vertical são diferenciados em função da estrutura curricular da Escola da Cidade:

- 1º semestre- Participação dos alunos de 3º, 4º, 5º e 6º anos;
- Retorno dos alunos da Escola que realizaram Vivência Externa;
- Realização do Seminário Internacional;
- 2º semestre- Participação dos alunos de 2º, 3º, 4º e 6º anos;
- Possibilidade de os alunos adotarem o tema do Estúdio Vertical como TC.

EMENTA

Arquitetura, cidade e a atuação do arquiteto: o projeto, a técnica, a teoria da arquitetura e as artes. O desenvolvimento de uma hipótese de trabalho proposta por equipe de alunos de diferentes anos do curso de arquitetura e urbanismo. O enfrentamento das questões da metrópole através da arquitetura.

METODOLOGIA

O Estúdio Vertical está distribuído em três dias da semana no 2º tempo de atividades dos alunos (segundas, terças e quintas feiras, das 17:30 às 20:30).

O grupo de estudantes conta com a presença do professor que acompanha o grupo em um dos dias da semana ao longo do semestre. Nesse dia o professor deve, a partir do andamento do trabalho, discutir as questões colocadas pelos estudantes para que o trabalho possa ter continuidade com conteúdo e consistência, atingindo a conclusão das etapas definidas para o semestre.

Os outros dois dias de aula são reservados para que o grupo trabalhe em classe, com o acompanhamento dos professores assistentes. A assiduidade dos integrantes em todas as aulas do EV faz parte da avaliação individual realizada no final do semestre.

Como regra, a conversa semanal entre o grupo e o professor acontece em conjunto com mais um professor e os respectivos grupos que este último acompanha também. Os professores devem trocar experiências com os estudantes, estimulando-os a se colocarem da mesma maneira em relação a todos os trabalhos em discussão (mínimo 2 e máximo 4 trabalhos).

Os grupos de alunos são sorteados, e distribuídos aleatoriamente entre os orientadores, exceto aqueles grupos que desenvolverão trabalhos em conjunto com o Trabalho de Conclusão do integrante do 6º ano – o orientador deverá ser o mesmo e o grupo é previamente inscrito e retirado do sorteio. As duplas de professores são estabelecidas por sorteio no início do semestre. A primeira dupla acompanha as etapas 01 e 02, a segunda dupla avalia a etapa 02 e acompanha as etapas 03 e 04 e, na avaliação final (da etapa 04) estará presente o professor da primeira dupla. Dessa forma cada grupo trabalha com seu professor e terá contato com mais outros dois ao longo do semestre.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOGEA, Marta. Cidade Errante. São Paulo: Senac, 2002.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1a edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade (1966). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DISCIPLINA: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DESENHO URBANO IV – 20 H/A

OBJETIVOS

A Escola da Cidade realiza anualmente o **Seminário Internacional**, voltado aos estudantes da Escola e aberto a alunos de outras faculdades, arquitetos, além de demais interessados. O Seminário se propõe a complementar e qualificar a formação de estudantes e arquitetos, em projeto urbano.

É um evento acadêmico, gratuito, dirigido a toda a comunidade, com realização de palestras e workshops em conjunto com tradicionais instituições de ensino e renomados escritórios de arquitetura parceiros na organização. Já participaram do evento vários arquitetos convidados de países diversos, como Itália, China, Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Dinamarca, Áustria, Portugal, entre outros.

EMENTA

O Seminário Internacional é um dos eventos mais significativos e celebrados na Escola da Cidade, pois uma vez ao ano, durante uma semana, a Faculdade recebe convidados nacionais e internacionais de reconhecido prestígio e organiza conferências e debates abertos ao público, workshops e dinâmicas especiais entre alunos, professores e público interessado, estudando com profundidade um tema contemporâneo.

Desde 2015, o evento passou a contar com a parceria do Sesc São Paulo.

Edições realizadas

2003 – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Oficina da Cidade (de 29.09 a 04.10)

2006 – II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Encontro dos Rios (de 17 a 22.04)

2007 – III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – A Cidade e seus Narradores – Oficina Mir(i)adas – Arquitetura, Arte e Cidade (de 1 a 5 de outubro)

2009 – IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Baixada do Glicério (de 3 a 10 de outubro)

2010 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – ESPAÑA NA CIDADE (de 10 a 16 de abril)

2011 – VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – Habitação e Educação na Cidade Contemporânea (de 2 a 9 de abril)

2012 – VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Área Tiquatira 2 (de 25 a 31 de março)

2013 – VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PROJETO URBANO – HIDROANEL METROPOLITANO DE SÃO PAULO (de 8 a 12 de abril)

2014 – IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCOLA DA CIDADE – HABITAÇÃO – INFRAESTRUTURA, ESPAÇO PÚBLICO E GESTÃO (de 30 de março a 04 de abril)

2015 – X SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Tempo Livre na Cidade (parceria do Sesc São Paulo) – (de 23 a 27 de março)

2016 – XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL Espaço Livre na Cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 11 a 15 de abril)

2017 – CONTRA – SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Conduas: Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 4 a 8 de abril)

2018 – XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Arquitetura é forma de conhecer (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 24 de fevereiro a 02 de março)

2019 – XIV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – Ainda o direito à cidade (parceria com o Sesc São Paulo) – (de 16 de fevereiro a 23 de fevereiro)

2020 – XV seminário internacional da escola da cidade – espaços para respirar: projetos para são paulo

6º ANO – 12º SEMESTRE

DISCIPLINA: TRABALHO DE CURSO – 240 H/A

Objetivo geral

O TC tem como objetivo geral referir-se em termos precisos à natureza da Arquitetura e Urbanismo como ofício e a maneira do profissional, visto por sua inserção e contribuição, enquanto intelectual, no plano do conhecimento.

Objetivos específicos

Consolidar a capacidade de análise e síntese da(o) futura(o) arquiteta(o), orientá-la(o) a sempre organizar e conceber o espaço edificado a partir de programas relacionados com a diversidade da realidade urbana e seus conteúdos econômicos e sociais, indagando a necessária coerência das propostas estruturais e suas relações com o espaço.

Demonstrar sua aptidão para iniciar sua vida profissional no que se refere ao domínio do ofício e das linguagens específicas;

Discutir e problematizar razões e forças históricas que formaram e informam o problema arquitetônico em foco.

Discutir as questões que conduzem e permitem a exequibilidade e viabilidade de um projeto, e os aspectos ambientais que formaram e interferem sobre a questão.

Discutir parâmetros de conforto relativos aos componentes e sistemas que conformam o edifício, a cidade e o ambiente.

Discutir dialeticamente os valores humanos na construção do espaço urbano, as ideologias que envolvem a apropriação do território da cidade e conformam o ambiente.

Desenvolver a urbanidade, e fazer aflorar as utopias e o saber preciso da arte.

Desenvolver a noção da responsabilidade social do arquiteto, sua capacidade de saber resolver e de intuir no que se refere às suas potencialidades criativas.

EMENTA

O Trabalho Final de Graduação é um exercício de síntese desenvolvido pelo estudante a partir dos conteúdos aprendidos nos anos de estudo anteriores. Um momento de reflexão e escolhas que terá como resultado o desenvolvimento de um trabalho no campo da arquitetura e urbanismo abordados em seus valores estéticos e técnicos de forma propositiva.

DISCIPLINAS ELETIVAS 360 H/A

Total dos módulos / disciplinas	4860
Estágio Supervisionado	360
Atividades complementares	350
Total da carga horária	5570